

*A vida oculta
em Deus*

Robert de Langeac

A VIDA OCULTA EM DEUS

ROBERT DE LANGEAC

Tradução por IA (ChatGPT)
do texto espanhol

INTRODUÇÃO

O autor destas páginas é um sacerdote que muito sofreu e a quem o Senhor cumulou visivelmente. Inteiramente desprendido das suas notas espirituais, autorizou a publicação de parte delas em 1929. *Virgo Fidelis*, prefaciada pelo R. P. Garrigou-Lagrange, alcançou grande êxito em França e no Canadá. O seu tom «vivido» e a sua profunda simplicidade comoveram muitas almas.

Posteriormente, o autor, definitivamente imobilizado pelo sofrimento, aceitou entregar-nos os seus escritos inéditos — ele, que tanto amava o Carmelo e que tão profundamente estava impregnado da sua espiritualidade —, na esperança de ainda poder fazer algum bem às almas, que tanto amava e às quais já não podia chegar por si mesmo senão no invisível. E morreu precisamente no momento em que aparecia a primeira edição de *A Vida Oculta em Deus*. O senhor bispo de Limoges autorizou-nos então a revelar que sob o pseudónimo de Robert de Langeac se ocultava o reverendo senhor Delage, sacerdote de São Sulpício e professor de Dogma do Seminário Maior. O prelado concluía o seu escrito com este elogio, tão belo na sua brevidade: «O autor vivia aquilo que exprimia.»

A concepção desta pequena obra difere da de *Virgo Fidelis*. Entre os textos reunidos por uma mão fiel e religiosa, escolhemos aqueles que mais directamente se referiam ao mais sublime desenvolvimento desta «vida oculta em Deus» de que fala o Apóstolo, tal como ela se realiza na «transformação amorosa». Estas páginas constituem, pois, uma espécie de testemunho de profunda vida espiritual.

Contudo, para evitar qualquer falseamento de perspectivas, tivemos o cuidado de sublinhar primeiro o esforço ascético da alma e de evocar o ambiente de oração e de desprendimento em que ela própria se coloca com a ajuda de Deus e sobre o qual os *Conselhos às Almas de Oração* já insistiram suficientemente para que agora precisemos de voltar a ele com maior amplitude. O segundo capítulo descreve depois a acção de Deus na alma. «Deus e a sua obra é Deus», dizia São João da Cruz. Esta intervenção divina tem de ser suportada pela alma que se resolveu, custe o que custar, a

aceitar todas as provações interiores que o Senhor julgue necessárias para a preparar para a união. Esta é depois descrita em páginas límpidas: a alma, transformada em presa do amor divino, pacificada, tranquila, silenciosa, mas viva e amante, ouve a voz do seu Deus que lhe diz esta única palavra: «Olha. É a hora das iluminações, das revelações íntimas... Os olhos abrem-se.»

Mas, longe de guardar ciosamente para si os favores recebidos, a alma plenamente unida ao seu Deus transborda de fecundidade apostólica, pois por «onde quer que esteja, o amor actua... Mesmo privada dos meios ordinários da acção, que são a palavra e as obras, continua a agir, e talvez mais eficazmente do que nunca. Restam-lhe a oração, o sofrimento, a própria impotência. Tudo lhe parece bem. Faz de qualquer madeira uma seta.»

O ciclo de uma vida espiritual profunda conclui-se assim com a entrega plena de si mesmo a Deus e aos outros.

Não convém, aliás, que este plano, aparentemente rigoroso, induza o leitor em erro quanto ao verdadeiro sentido deste livro. Porque estes «trechos escolhidos» não pretendem de modo algum constituir uma doutrina completa da união com Deus, mas antes comunicar, através das palavras, uma experiência relatada com grande espontaneidade. Não nos preocupámos, por isso, ao encadear os textos, em estabelecer entre eles uma rigorosa continuidade de estilo. Por vezes, o autor fala da alma espiritual em geral, enquanto noutras se exprime na primeira pessoa. Muitas vezes parece também interromper o seu discurso para falar directamente ao leitor. Noutras passagens, quem fala é Cristo. E embora as leis literárias da composição possam sofrer com tanta liberdade, parece que, em compensação, a leitura destas páginas dará a impressão de um diálogo muito livre e muito cordial com uma alma que encontrou Deus.

O estilo desta pequena obra parecerá, sem dúvida, de uma simplicidade desconcertante. Os escritores espirituais conhecem o drama da expressão ainda mais do que os autores profanos. Pois, se já é difícil definir e transmitir aos seus semelhantes os sentimentos de um homem, que diremos das operações da Graça numa alma? Aquilo que um Deus oculto e transcendente realiza nela, segundo o seu beneplácito, sob o manto da noite

ou na aurora de uma fé já radiante, os olhos não o viram nem os ouvidos o escutaram... «Como falar, meu Deus, da união íntima convosco? Seriam necessárias palavras mais brancas do que a neve, mais ardentes do que o fogo. Essas palavras não existem. E, no entanto, como calar-se acerca da única coisa que verdadeiramente tem valor e conta?» E a alma geme: «Ó Amor!, as palavras são demasiado pequenas para Vos conter e por isso as despedaçais; são demasiado fracas para Vos exprimir e por isso as esmagais.»

Mas o homem espiritual resigna-se mais facilmente do que o escritor a essa insuficiência da expressão. Considera-a como mais uma miséria a acrescentar a tantas outras de que se vê crivado e aceita-a com a mesma humilde doçura com que suporta aquelas. Aliás, à sua maneira, a pobreza da linguagem humana é um hino à glória do Inefável: «...porque (essas palavras) proclamam, pela sua própria impotência, a Vossa grandeza e a Vossa força.»

O místico renunciará, pois, a torturá-las para tentar fazê-las dizer aquilo que não podem dizer. Mas a simplicidade do seu estilo será uma espécie de escândalo para essas inteligências carnavais que quereriam apreciar o valor e a intensidade da experiência espiritual, não pelo comportamento moral, mas pelas palpitações da sensibilidade e pelos dons da expressão. Pensam como o apóstolo Tomé: «Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos — o sinal das feridas que o amor causou à alma — e não meter o meu dedo no lugar dos cravos e a minha mão no seu lado, não acreditarei». Mas essas feridas são invisíveis e, ainda que a carne tenha participado nos abalos espirituais da alma, não conservou a sua marca exacta nem é capaz de os exprimir perfeitamente. Aquilo que é espírito permanece espírito e mantém-se para além do sensível; é de outra ordem.

E até o próprio espírito se compraz, por vezes, em apagar os seus próprios vestígios, como que para desafiar a carne. Certos espirituais escolhem voluntariamente, tal como o Senhor fez no seu Evangelho, os termos mais simples para dizer as coisas mais sublimes. Pouco lhes importa parecer-nos banais ou monótonos, se o amor lhes faz encontrar nessas palavras habituais um sabor constantemente novo.

«O canto da rola tem qualquer coisa de doce, apaziguadora, constante, agradavelmente monótona. Dir-se-ia que é a voz de um afecto seguro de si mesmo, que para se saborear não necessita senão de se repetir sem brilho, quase sem ruído, mas também sem interrupção. No fundo da alma interior existe uma voz muito semelhante. Canta suavemente e como que muito baixo uma melodia muito simples, que se contenta com algumas poucas notas a intervalos muito próximos: “Ó Amor, amo-Te! Meu Deus, meu Tesouro, meu Tudo, meu Amor!”»

As almas interiores de todos os tempos cantaram substancialmente sempre, embora sem dúvida com infinitas variantes, essa mesma cantilena do Amor. O Amor escolheu-as, perseguiu-as e, pouco a pouco, foi invadindo-as; através da morte, conduziu-as à vida. As páginas que se seguem serão assim um testemunho vivo desse Amor divino e do seu reflexo criado, testemunho que virá juntar-se a muitos outros.

Mas talvez se diga: para quê divulgar esses segredos interiores? A evocação de favores tão «extraordinários» e tão raros não conseguirá outra coisa senão fazer girar a cabeça aos cristãos que caminham a passo moderado pelo caminho «normal». E quanto àqueles que tenham podido conhecer graças semelhantes, talvez se corra o risco, atraindo a atenção sobre elas, de lhes fazer perder o frescor da alma.

Para responder a esta objecção, que tem o seu peso, comecemos por observar que estas páginas não se destinam especialmente às almas místicas, as quais certamente existem, mas parecem ser raras. «O porquê, só Ele o sabe», responde São João da Cruz, desencorajando de antemão as nossas explicações humanas. Em todo o caso, a extrema sensibilidade sobrenatural dos espirituais impede-os de lançar sobre si mesmos um olhar de complacência e, no sentido em que Pascal dizia do verdadeiro filósofo que ele «se ri» da filosofia, os verdadeiros místicos «riem-se» da mística; pelo menos da dos livros. Por instinto divino, dedicam-se a conservar uma perfeita nudez de espírito para caminharem cada vez mais na Fé.

Aliás, aquilo que nos parece um termo, eles consideram-no antes como um princípio; e só lhes parece que começam a deixar-se conduzir por Deus quando se abandonam ao seu Espírito.

Menos ainda se dirige este livro às almas que julgam ser místicas (e que, num tempo como o nosso, não são, infelizmente, poucas). Pois, embora imitem êxtases e arrebatamentos que quase chegam a confundir, e embora muitas vezes o façam com uma inconsciência de que são as primeiras vítimas; embora por vezes realizem obras quase extraordinárias, falta-lhes no interior esse «não sei quê» simples, humilde, aberto, directo, que afasta o iluminismo e as dispõe para uma autêntica iluminação sobrenatural. Seria necessário que deixassem abrir os olhos, que aceitassem, por assim dizer, ser escovadas pelo bom senso dos verdadeiros místicos. São João da Cruz aconselhar-lhes-ia que tomassem um «alimento substancial», seguindo um pouco mais a sua razão naquilo que ela tem de legítimo (pois esse é o tema de uma das suas máximas). E Santa Teresa, por seu lado, propor-lhes-ia simplesmente outro alimento: aquele que impunha às suas falsas visionárias: carne e repouso.

Resulta, pois (embora seja bastante paradoxal), que este pequeno livro se dirige aos cristãos comuns que somos nós, para quem o contacto com os autênticos espirituais é sempre benéfico. Pois o seu êxito sobrenatural, se nos atrevemos a associar estas duas palavras, leva-nos a confiar nas energias quase ilimitadas depositadas pela Graça no fundo das nossas almas e que apenas desejam poder desenvolver-se ali. Porque a água límpida da vida, descida do Trono de Deus e do Cordeiro, ferve nas nossas entranhas, ansiando por uma saída para brotar em nós como vida eterna. Entretanto, murmura persuasivamente no mais íntimo de nós aquele convite que ouviu Inácio de Antioquia: «Vem para o Pai!» Afinal, a transformação em Cristo, de que as epístolas apostólicas falavam tão audaciosamente aos primeiros cristãos, não é mais do que o pleno desenvolvimento da nossa vida de baptizados. São João da Cruz proclamou-o por sua vez quando viu na «união plena» a realização mais profunda daquela frase de Nosso Senhor a Nicodemos: «Em verdade, em verdade te digo que quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino dos Céus».

Porque não haveria então uma alma interior de desejar obter já nesta terra a plena união de vontade com Deus, sob a forma que a Este aprover concedê-la? (e, no fundo, não existe senão uma única perfeição, mais ou menos rica em ressonâncias conscientes). «Quando a alma faz o que depende dela, diz São João da Cruz, é impossível que Deus deixe de fazer

aquilo que depende d'Ele.» «Sem dúvida, acrescenta prudentemente o nosso autor, não convém impor-se a Deus; é inútil e prejudicial. Convida de facto quem Lhe apraz. Mas espera que O desejemos, que Lhe peçamos, que O chamemos, que preparemos a nossa alma por um amor delicado e generoso, constante e abandonado, e tem direito a isso. Esse é, pois, o nosso dever.»

Mesmo supondo que jamais cheguemos a tais cumes, por preguiça ou negligência da nossa parte, ou por livre vontade divina da outra, far-nos-á bem montar por um momento a nossa tenda para contemplar a transfiguração de uma alma; far-nos-á bem respirar o ar das alturas espirituais, que não é outro senão o Espírito Santo, infinitamente mais vivificante do que os sopros impuros da planície. Frequentando os espirituais, atenuamos a nossa grosseria nativa, desprendemo-nos das nossas maneiras de ver e de julgar, que são cá de baixo, para apreciar as coisas à luz do Alto. («Vós sois de baixo, Eu sou do Alto», dizia Cristo aos fariseus.) E não será isto um ganho apreciável?

Sobretudo quando ao frescor da experiência se associa, como no autor, um profundo conhecimento da teologia. Por ter ensinado dogma durante longos anos, Robert de Langeac adquirira uma clareza de pensamento, um equilíbrio e uma segurança doutrinal dos quais não podemos deixar de nos felicitar, sobretudo em matéria tão delicada.

Nesta escola, não só aprenderemos a dilatar os nossos desejos pessoais à medida do dom de Deus e do seu «demasiado grande amor», mas também a alimentar a nossa esperança no meio da provação por que o mundo hoje atravessa. Vendo o caos que reina em todos os campos e o profundo desvario dos espíritos, não podemos deixar de pensar, com um estremecimento do coração, que o Senhor está ali, na sua eira, com a pá na mão, pronto a joeirar o seu trigo.

Parece que nada pode já apaziguar esse furor justiceiro seu, que a Escritura se atreve a comparar, com o seu vigor habitual, ao de um homem embriagado. E, no entanto, como seria fácil desarmar a cólera de Deus se nos dirigíssemos ao seu Coração! Pois o seu amor torna-O tão vulnerável às nossas orações que Ele próprio parece admirar-se disso na Escritura:

«Não é Efraim o meu filho predilecto, o meu menino querido? Porque, sempre que ameaço castigá-lo, a sua lembrança enterneca-me; as minhas entranhas comovem-se e não posso deixar de me compadecer dele» (Jer. 31,20).

Se, portanto, o mundo deve ser salvo — e tem de o ser —, não o será antes de mais por esses meios humanos, por essas técnicas que é necessário pôr em prática, mas cuja eficácia continua a ser limitada. São medidas humanas, não medidas de Deus! Ora, por detrás das causas segundas, a fé ensina-nos que quem age é Deus, que Ele não olha para o mundo como um espectador entristecido e mais ou menos impotente, mas que, por assim dizer, põe as mãos na massa humana e a amassa em todos os sentidos. Antes de mais, trata-se, pois, de dobrar-se e reconciliar-se com Deus. Isso é possível àquele que crê e cuja fé viva sobe em oração para o céu. Porque a oração põe em movimento esse Poder infinito ao qual ela não teme dar ordens.

Sem dúvida que não temos demasiado tempo para rezar e que rezamos mal. Mas, depois da leitura destas páginas, consola pensar nesses «velhos amigos de Deus» de que falava São João da Cruz, dispersos por toda a terra, que procuram arrancar-Lhe a salvação do mundo como outrora Abraão a de Sodoma:

«— Perdoai, Senhor, só mais esta vez:

E se em Sodoma se encontrassem dez justos?

»E Javé respondeu-lhe: “Por causa dos dez, não a destruiria.”»

Que essas almas possam tornar-se cada vez mais numerosas! Essa é a oração que dirigimos ao Senhor, com Robert de Langeac.

«Como seria bom, meu Deus, que houvesse nesta hora no mundo um maior número dessas almas fortalecidas por Vós no bem! Dir-se-ia que tudo vai afundar-se para sempre... A pobre Humanidade parece um homem embriagado que procura às apalpadelas o seu caminho. Não sabe em quem confiar. Não sabe em quem se apoiar... Mas quem lhe abrirá os olhos e lhe ensinará o caminho? Quem sustentará os seus passos vacilantes? Só as

almas luminosas e fortes, dispersas no meio da multidão, podem prestar-lhe esse serviço e conduzi-la até Vós. Fazei, pois, meu Deus, que o número dessas almas redentoras aumente entre nós, para que sejais conhecido, amado e glorificado e para que o mundo se salve.»

I. O ESFORÇO DA ALMA

A VIDA INTERIOR

Nossa Senhora do Monte Carmelo é a Padroeira da vida interior, a Virgem que nos afasta da multidão e nos conduz suavemente para esses cumes onde o ar é mais puro, o céu mais límpido, Deus está mais próximo... e onde decorre a vida de intimidade com Deus.

Segundo São Gregório Magno, a vida contemplativa e a vida eterna não são duas coisas diferentes, mas uma única realidade; uma é a aurora, a outra o meio-dia. A vida contemplativa é o princípio da bem-aventurança eterna, a sua degustação antecipada. Que a Rainha do céu nos conceda, pois, a graça de compreender o estreito vínculo que une estas duas vidas, para vivermos aqui na terra como se já estivéssemos no céu.

Uma alma interior é uma alma que encontrou Deus no fundo do seu coração e que vive sempre com Ele.

Deus está no fundo da alma, mas está ali escondido. A vida interior é como um desabrochar de Deus na alma.

Mantenhamo-nos no centro da nossa alma, nesse ponto preciso a partir do qual podemos vigiar todos os seus movimentos, para os deter ou orientar, conforme os casos. Vivamos de Deus ou para Deus, mas repitamos a nós mesmos que não se age inteiramente para Deus enquanto ainda se fizer absolutamente alguma coisa para si próprio. Age-se então porque Deus o quer, quando Ele o quer e como Ele o quer, por se estar sempre unido, no mais íntimo, Àquele de quem não se é mais do que um feliz instrumento.

Duas coisas são necessárias para chegar à perfeição e à união íntima com Deus: tempo e paz.

O que dá valor aos actos reflectidos do homem é a união com Deus pela caridade. Quanto mais profunda é essa intimidade, mais valor de eternidade têm os seus frutos.

Uma alma cujo olhar interior, afectuoso e humilde, está sempre fixo em Deus, obtém d'Ele tudo o que deseja.

Entre uma alma recolhida, desprendida de tudo, e Deus, não há nada. A união realiza-se por si mesma. É imediata.

O tempo passa; ama-se sempre demasiado pouco a Deus e demasiado tarde.

Como sois delicado nos vossos afectos, meu Deus! Levais em conta aquilo que há de legitimamente pessoal em nós, e tratais a alma que amais como se no mundo não existisse outra coisa senão ela e Vós.

Crer é comungar na ciência de Deus: Ele vê; nós acreditamos na sua palavra de testemunha.

Na fé, Deus fala; pela esperança, Deus ajuda; na caridade, Deus dá-Se, Deus sacia.

Elevai-vos constantemente para Deus. Deixai na terra aquilo que é da terra. Vivei pouco com os outros, menos ainda convosco mesmos, mas o mais possível, se não em Deus, pelo menos perto d'Ele.

Quando, no fundo da vossa alma, ouvirdes duas vozes contraditórias, convém geralmente escutar a que fala mais baixo. Em todo o caso, é essa a que exige mais sacrifícios. E como tem valor o sofrimento bem compreendido! Desprende e aproxima de Deus.

A DESORDEM E A LUTA

Por uma desordem, consequência do pecado original, cada faculdade, diz São Tomás, procura o seu próprio bem sem se preocupar com o bem comum, ainda que o conjunto tenha de perecer. Sucede então como quando é preciso domar uma matilha de feras. O que só se consegue com o chicote e sem as perder de vista. E, se alguém não tem domínio sobre si mesmo, sobretudo ao princípio, aquilo é uma jaula de feras. Não desçais até ela sob o pretexto de as dominar à força de chicote. Não o conseguiríeis. Fechai a

armadilha e subi para Deus. Como consegui-lo? É um segredo, mas o Espírito Santo vo-lo ensinará.

Além disso, o Inimigo anda sempre à espreita em redor das almas. E aquelas que lhe escaparam e se esforçam por servir a Deus são-lhe particularmente odiosas. Para as perturbar, tenta tudo. Quer impedir que deem fruto. E, para isso, ataca as flores logo que elas despontam. Pois cada flor que cai antes do tempo é um fruto perdido para a colheita. E cada bom pensamento apagado pelo medo, cada bom desejo sufocado pelo temor, são outras tantas flores estéreis. O Demónio sabe-o. E é por isso que suscita na alma esses mil pequenos rebentos importunos e perturbadores de vã vaidade, de susceptibilidade invejosa, de impaciência irascível, de avidez caprichosa que incomodam, inquietam, paralisam, intimidam e acabam por dividir simultaneamente a atenção do espírito e a aplicação da vontade.

Deus, pelo contrário, nunca está na perturbação nem na inquietação; por esses sinais reconheceréis sempre, pois, que isso não vem d'Ele. Como é subtil o Demónio para prejudicar as almas de vida interior!

DESPOJAMENTO DA IMAGINAÇÃO

Um ponto sobre o qual devemos insistir é a educação da imaginação.

A imaginação é a zona onde convergem as faculdades superiores e as inferiores. Apoderar-se dela tem, portanto, a maior importância. Mas isso não se consegue facilmente... Paciência, pois, e dar tempo ao tempo.

Não temos sobre a imaginação um poder despótico, mas político. Conquistemo-la com habilidade. Apresentemo-lhe imagens boas e santas; deixemo-la livre, se necessário, mas vigiando-a. Pouco a pouco, quando as outras faculdades tiverem sido conquistadas por Deus, ela formar-se-á ao lado delas.

A regra geral é o *Age quod agis* dos antigos. Acabar com as discussões inúteis sobre aquilo que acabámos de fazer, com as preocupações acerca do que teremos de fazer mais tarde. O que devemos vigiar, regular e dominar é a imagem que está sempre no termo da acção, tal como esteve na sua origem. Atenhamo-nos unicamente à imagem daquilo que fazemos, mas

sem a precisar mais do que o necessário. Pois, durante esse tempo, o fundo da alma permanece unido muito suavemente a Deus. Insistamos muito neste ponto.

Multiplicar as imagens é aumentar a inquietação, dividir as forças da atenção. Durante a acção, não tenhamos na imaginação mais do que uma imagem: a da coisa que estamos a fazer. Na meditação, por outro lado, em vez de combater as distrações, vale mais voltar-nos para Deus e ir direitos a Ele por um movimento vigoroso da alma.

Ocupai o vosso espírito, mas em paz e com paciência. Não lhe deis para moer senão trigo muito bom. Que trabalhe lentamente. As leituras inúteis servem apenas para fazer girar a imaginação no vazio. Mas os moinhos não foram feitos para girar, mas para moer. A conclusão é fácil de tirar.

Para ver melhor os «harmónicos» de uma ideia principal e as suas ideias afins, enfraquecei o som daquela. E dissei-vos: amplo, depois exagero.

Não escuteis o rumor que se forma na vossa alma; isso é, pelo menos, perder tempo. Deixai antes que a terra continue a girar. Procurai viver à maneira das almas desapegadas. Uni-vos a Deus pelo que há de mais elevado na alma. Não espereis por amanhã para concluir os vossos trabalhos de construção. Fazei-o desde já.

Vigiai muito as vossas fontes, os vossos pontos de partida, como se vigia uma mudança de agulhas ou uma fundação. Porque, sem isso, e ajudados pela lógica, podeis construir todo um edifício sobre a areia, sem ponto de apoio, no ar. E já sabeis o que acontece... A menos que as conclusões a que chegardes vos advirtam por si mesmas de que tomastes o caminho errado...

No descanso, suprimi impiedosamente todo o devaneio imaginativo assim que o perceberdes. Dai a Deus a fidelidade de não vos ocupardes senão d'Ele e Ele vos dará imediatamente a Graça para fazer o que for necessário e para resolver os problemas pendentes.

Há períodos em que a «roda do moinho» é muito difícil de parar; é preciso saber suportar essas importunações da imaginação. Não persigais

então Deus, mas voltai suavemente para Ele as faculdades superiores. É o mais seguro e, até, o mais fácil. Velar pela saúde, a moderação no andar, na escrita, etc., ajuda muito. Porque, na pobre máquina humana, tudo está ligado.

Importa muito evitar tudo o que agita, inquieta e perturba. Sobre quem repousará o meu Espírito senão sobre o humilde e o pacífico? Temos tanta necessidade do Espírito Santo!

Lembraí-vos de que a imaginação é tanto mais de recear e de vigiar quanto nem sempre se engana necessariamente.

MORTIFICAÇÃO DO CORAÇÃO

Entregai cada vez mais o vosso coração a Jesus. Não espereis para isso ser perfeitos. Não, entregai-lho agora. Não procureis voluntariamente nenhum consolo. Deus, que vos conhece e vela por vós, dar-vos-á aqueles de que necessitardes *in tempore opportuno*.

Deus não quer que procureis ser amados nem sabê-lo. Conceder-vos-lo-á por acréscimo, mas quando já não o desejardes. Entretanto, quer que procureis apenas a Ele, sempre e em toda a parte, em tudo, especialmente na humilhação.

Não procureis nada de sensível; não é sólido. Somos compostos por uma parte espiritual e por uma parte sensível; mas aquilo que se passa nesta última é de ordem absolutamente secundária. Não deve contar praticamente para nada. Deus é espírito. Só o espiritual importa, portanto. Se aquilo que Lhe dizeis nada vos diz a vós, não importa. Continuai, contanto que Ele esteja satisfeito.

Antes pelo contrário, é preciso rezear as emoções sensíveis na vida espiritual, porque são emoções agradáveis. Julga-se alguém virtuoso. Apega-se a elas, porque são emoções agradáveis. Não as peçais, não as desejeis. Nunca vos prendais a elas. O amor sensível provém do conhecimento sensível. Se pudésseis compreender a diferença que existe entre o próprio amor natural a Jesus e o amor sobrenatural, o verdadeiro amor de caridade! Suponde uma alma que, sem ter recebido a Graça, tivesse

amado Nosso Senhor sobre a terra apenas porque Ele era belo e bom... Trata-se de algo de ordem absolutamente diferente. O sensível deve ser mortificado, eliminado, para dar lugar ao espiritual. Reparai em São João da Cruz: não quer apenas que se renuncie ao sensível, mas até mesmo, nos afectos espirituais, à alegria sentida por si mesma. Sobre a terra, não há proporção entre o nosso conhecimento e o nosso amor. É por isso que se pode amar mais do que se conhece. Deve bastar-nos saber que Deus é infinitamente amável e que O amamos cumprindo a sua vontade. O conhecimento sensível é secundário, mas podemos imaginar Nosso Senhor desta ou daquela maneira; isso depende das imaginações. Quanto ao conhecimento intelectual, São João da Cruz diz, e é verdade, que não temos de Deus senão ideias grosseiras; mas, enquanto Deus não nos der luzes infusas, temos de nos servir delas, embora saibamos perfeitamente que são grosseiras. Porque nós não somos espíritos puros.

RENÚNCIA À VONTADE PRÓPRIA

Nós provamos a Deus que O amamos quando cumprimos a sua vontade desde a manhã até à noite, quando a cumprimos bem, quando a cumprimos de todo o coração, não apenas nas suas linhas gerais, mas nos seus mais pequenos pormenores.

A verdadeira amizade consiste na união de duas naturezas e de duas pessoas numa só vontade.

Caminhai com o olhar fixo no alto. Obedecei com simplicidade e inteligência. E, em tudo o mais, desde que não haja pecado, fazei a vontade dos outros melhor do que a vossa. O que custa mais não é a mortificação, é a obediência, essa entrega da nossa vontade à vontade de outro. Sob que luz tão diferente veríamos a obediência, se víssemos na vontade desse outro a vontade de Deus!

Por vezes, perante um pequeno sacrifício que temos de fazer, não queremos ver a vontade de Deus, porque, se a víssemos, estaríamos obrigados a segui-la. Então desviamos o olhar para não considerar o vínculo que une indissolivelmente a perfeição e esse pequeníssimo sacrifício.

Temos de censurar-nos todas as noites pelas nossas resistências à vontade de Deus por falta de generosidade, por falta de amor e, contudo, um sacrifício falhado fica falhado para toda a eternidade... e talvez fosse o início de uma cadeia de graças que se rompeu porque não soubemos agarrar o seu primeiro elo. A fidelidade nas pequenas coisas para com um Deus tão grande seria para nós o começo dos maiores favores. Santa Teresa do Menino Jesus dizia que não se recordava de ter recusado nada a Deus desde a idade de três anos.

Desconfiai muito dos raciocínios aos quais vos sentis apegados. Não são fruto normal da vossa inteligência, mas antes da vossa vontade. Nem sempre vedes as coisas como elas realmente são, pois há imponderáveis atômicos que vos escapam. E supris essa deficiência com uma afirmação de vontade: «Quero-o assim, porque assim o ordeno, e se me perguntardes o motivo dir-vos-ei que é a minha vontade» (Juvenal). É algo que precisa de ser corrigido.

Não deixeis que Deus faça aquilo que podeis fazer vós mesmos. Ainda Lhe ficará muito para fazer.

Não posso agir fora das indicações de Deus. Sempre que me mantive dentro dos limites exactamente traçados pela Providência, realizou-se algum bem. Sempre que quis ultrapassá-los, ainda que apenas num til e sob os melhores pretextos, compliquei tudo e o bem não se realizou.

HUMILDADE

Não encontrareis a verdadeira paz senão na humildade. Desprezai-vos sinceramente diante de Deus e fazei-o cada vez mais. Procurai ao menos fazê-lo; vereis os resultados. Se conseguísseis chegar a amar (voluntariamente) a humilhação e a contradição, teríeis dado um grande passo para Deus. Aceitai francamente e sem discussão interior ou exterior as pequenas humilhações quotidianas. Procurai fazê-lo; só custa o primeiro passo. O hábito poderia assim criar raízes. E então, que alegria e que paz!

Amar que nos humilhem e que nos tenham por nada é uma graça. Pedi-a sem cessar, mas tranquilamente.

Na prática, reconhecer que não se tem razão é perder pouco e ganhar muito.

Aceitai humildemente não agradar a toda a gente; querer o contrário seria querer o impossível.

Vigiai a vossa necessidade de criticar e de contradizer os outros para melhor vos afirmardes aos vossos próprios olhos. Dizei o que pensais com simplicidade, exactidão, clareza e brevidade; depois conservai a calma e orai.

Continuai os vossos esforços, ainda que sejam infrutíferos. Deus pede-vos esses esforços para vos poder recompensar. Permite o seu fracasso, aparente ou real, para vos humilhar. Precisais da humilhação como de um travão. Quanto mais dolorosa ela for, mais necessária vos é. Porque nada nos revela tanto como a humilhação. E nada nos humilha tanto como os nossos defeitos.

Amai os vossos defeitos. Humilham-vos e fornecem-vos a matéria-prima dos vossos esforços. Mas corrigi-os também. Lembrai-vos do provérbio: «Quem bem ama, bem castiga». E não traduzais «bem» por «muito». Deixai a essa palavra todo o seu sentido de medida, prudência e firmeza, mas não de dureza. Considerai os vossos defeitos como uma mina inesgotável de méritos e de humilhações. Neste sentido, lamentaria que não tivésseis defeitos.

Se alguém nos julgasse tal como nós próprios nos conhecemos, far-nos-ia sofrer muito. E ainda mais se nos dissesse o seu julgamento. Porque nada nos dói tanto, embora reconheçamos ser miseráveis, como um simples olhar do próximo quando este nos julga pela nossa própria medida e, por conseguinte, nos despreza. O nosso fundo de orgulho faz-nos senti-lo como um ferro em brasa, como uma queimadura que consome. Há almas que não conseguem sobreviver ao golpe de ter cometido uma falta e ao desprezo que ela acarreta. Como somos hábeis a responder às censuras e quantas precauções tomamos para evitar a mais pequena humilhação! Mas nada é tão contrário à paz como isso. Tem-se paz quando não se consegue tolerar a menor falta de consideração? Deus jamais poderá conceder as suas graças a uma alma que continue preocupada com essas opiniões humanas, tão

inexactas tantas vezes; isso é procurar um bem que Deus reservou para Si. E é a Deus que devemos procurar agradar, para que nos olhe cada dia com mais benevolência, em vez de nos esforçarmos por que os outros tenham sempre boa opinião de nós, fazendo valer para isso não apenas os nossos dons naturais, mas até mesmo as graças sobrenaturais. Ora, a vaidade espiritual é a pior de todas e prova, por um sinal certo, que essas graças não vêm de Deus ou que Ele já não as concederá. Porque assim é impossível entrar no seu Reino.

Trata-se, pois, de praticar a humildade na medida em que ela exista realmente na alma, a fim de a praticar, desenvolver, enraizar e fazer progredir. O que devemos encontrar é a fórmula simples que traduza o facto e da qual resulte ao mesmo tempo a humilhação. Se, por exemplo, partis um copo à mesa, em vez de dizer: «Que desajeitado eu sou; faço sempre o mesmo», ou «O copo escorregou-me das mãos e partiu-se», etc., digamos simplesmente: «Parti um copo», em tom humilde, com o sincero desejo de não diminuir nem ocultar a vossa falta de jeito. E até, em certos casos, não digais nada, mas que o vosso silêncio traduza as verdadeiras disposições da vossa alma.

Não vos esforceis demasiado por fazer nascer em vós sentimentos de humildade, mas «exercitai-vos» como dissemos, a menos que por «sentimentos» entendais, não gostos sensíveis, mas disposições da alma, atitudes espirituais.

Oh, como estaríamos dispostos a receber as graças de Deus se tivéssemos um juízo recto e exacto sobre nós mesmos; sobre as nossas verdadeiras qualidades, reconhecendo-as sem as exagerar e referindo-as a Deus; e sobre os nossos verdadeiros defeitos e misérias, sem os exagerar também, mas vendo-os à luz de Deus! O orgulho seria então impossível. Os Santos viviam sob esta luz. Pequenas faltas que nós consideramos como ninharias pareciam-lhes enormes por causa da sua altíssima ideia da santidade de Deus e do seu profundo horror à menor imperfeição. E, como eram iluminados de modo extraordinário, a humildade de abjecção confundia-os quando contemplavam a sua miséria e levava-os a formular sobre si mesmos juízos que nos espantam.

MANSIDÃO

A mansidão é uma das virtudes morais mais importantes para a vida contemplativa. Para que possamos dedicar-nos à contemplação, precisamos de paz interior e exterior. A mansidão sossega a agitação da nossa alma, permite-nos conservar essa preciosíssima paz interna e externa; facilita a oração, conversa familiar e íntima com Deus; graças a ela podemos escutar a voz de Deus e segui-la.

Há em nós uma força irritável e reactiva que nos permite lutar contra o obstáculo, contrariar um mal presente. É boa e lícita em si mesma; sem ela, não seríamos capazes de vibrar, a nossa alma parecer-se-ia com um pano gasto, inerte, e não poderíamos reagir sensivelmente contra nenhum mal, nem sequer contra o pecado.

Mas este apetite, que em si mesmo não é mau, facilmente se transforma em desordenado e repreensível quando alguém se irrita por coisas que não o merecem e por razões que não são boas. Nasce então na alma um desejo de vingança. Quando somos contrariados ou feridos, sofremos, e porque sofremos guardamos no fundo do coração o secreto desejo de fazer o mesmo quando chegar a nossa vez.

Convém, portanto, ter muito cuidado, pois isso é o pior que há na cólera, não só por ser contrário à caridade para com o próximo, a quem devemos querer bem, mas também por ser muitas vezes contrário à justiça. O terreno é escorregadio; pois esse desejo de vingança plenamente consentido, salvo no caso de pequenez da matéria, poderia tornar-se pecado mortal. Numa alma piedosa, esse desejo surdo de vingança não é plenamente consentido, mas é inquietante desde o princípio: e, como uma corrente profunda e semiconsciente, pode inspirar toda a nossa actividade sem que nos demos conta disso.

Daí essas alfinetadas, essas troças, essas amáveis tiradas que têm, no fim, a sua gotinha de amargura. E com que destreza se capta o momento favorável para ferir, morder ou picar! Mas isso não é bom; é essencialmente contrário à virtude da mansidão e à intimidade com Deus em si mesma. Jamais uma alma que guarda esse sentimento — e nem sequer falo de um grande desejo de vingança, mas desse desejo que está como que escondido e que nem a si mesmo se quer confessar —, jamais essa alma alcançará a

paz. É esse um mal-estar espiritual muito doloroso e que impede a plena tranquilidade e o sossego necessário para contemplar Deus.

A segunda e mais corrente forma dos defeitos opostos à virtude da mansidão é a impaciência, o mau humor. Quando se contraria o nosso juízo, sentimos irritação, descontentamento, birra. Parece que nos arrancam algo de nós mesmos, da nossa alma: uma preferência, um gosto por uma coisa secundária que nos agradava, uma determinação que já tínhamos tomado..., sentimos a necessidade de o demonstrar por uma manifestação exterior, e daí os encolher de ombros, a réplica viva, ativa, o olhar sombrio.

É então que deve intervir a virtude da mansidão para paralisar o apetite irascível e para reagir como uma força contra outra força, para impedir que saia para o exterior aquilo que trazemos dentro de nós. Temos de nos calar. Nem uma palavra. Nem sequer uma dessas frases que nos parecem tão oportunas, tão justas. Não vos expliqueis. Calai-vos. Se puderdes fazê-lo, falai num tom absolutamente moderado, totalmente amável. Mas, se não fordes capazes, calai-vos para sufocar, deter, comprimir essa erupção vulcânica da qual não sois senhores.

Para podermos entregar-nos a Deus na vida contemplativa, temos de nos possuir a nós mesmos. Uma alma que não tenha sabido disciplinar-se não poderá alcançar a paz. Têm-se mais ou menos dificuldades, conforme os temperamentos, mas é preciso que os movimentos tumultuosos sejam dominados por longos e pacientes esforços. Caso contrário, anda-se sempre ocupado em zangar-se ou em ter-se zangado. Anda-se sempre a ruminar na mente as coisas ditas, por dizer ou que poderiam ter sido ditas, e a pobre alma não conseguirá sair daí. É uma meada que não se consegue desenrolar; mal acaba, recomeça. Torna-se impossível ocupar-se de Deus durante esse tempo. Todo o período da oração decorrerá nesta discussão interior com quem nos feriu. E é uma pena muito grande perder a própria oração. No fim, diremos a nós mesmos: «Em que estive eu a pensar? Fui infeliz, sofri e não rezei porque não soube dominar esta paixão, esta corrente subterrânea que levou tudo consigo.»

AMOR À CRUZ

Não era necessário que Cristo sofresse e entrasse na sua glória? (Lc 24, 26.)

Se pudéssemos compreender de modo prático o valor do sofrimento, não já considerado em si mesmo, mas aceite por amor e em união com Nosso Senhor, teríamos compreendido quase todo o mistério do cristianismo. O sofrimento é necessário para nós, pobres criaturas que o pecado original perturbou tão profundamente e que ainda aumentamos essa desordem com o nosso pecado. Possui o maravilhoso segredo de nos purificar, devolvendo as nossas faculdades à sua pureza primitiva mediante um processo doloroso. A nossa vida é como uma tapeçaria mal e longamente entretecida que é preciso desfazer e refazer por completo; como uma massa de argila que tivesse tomado toda a espécie de formas, todas as quais deixaram nela algo de si mesmas e cujos vestígios têm agora de ser apagados um após outro. Trata-se de uma refundição que deve realizar-se pelo fogo da penitência, do arrependimento, *dolorosa detestatio peccati*, pela dolorosa detestação do pecado cometido.

Ao mesmo tempo, o sofrimento fortalece-nos quando é vivido com amor. Não é possível que este trabalho se faça sem uma poderosa reacção da nossa vontade. Todas as nossas faculdades se empinam contra o agulhão, mas não queremos que dele escapem, e a sua acção torna a nossa vontade forte, ágil, dócil e humilde nas mãos da Vontade divina, ordenadora de tudo, e restitui-lhe algo do vigor daquele dom de integridade que o primeiro homem perdeu ao mesmo tempo que a Graça.

É preciso fazer um esforço para permanecer sobre a bigorna enquanto chovem os golpes; para não se afastar da Cruz: *Christo confixus sum cruci*. É preciso resistir longas horas, pregado em situação de vítima, tanto tempo quanto Deus quiser. Pois Deus não é como os cirurgiões terrenos, que insensibilizam os seus doentes. Ele, pelo contrário, não nos adormece, mas torna muitas vezes mais aguda e mais dolorosa essa penetração do sofrimento no íntimo do nosso coração, até às suas últimas fibras.

Não pode adormecer-nos. Não convém. Jesus não esteve entorpecido na Cruz. E até, por um acto livre da sua vontade humana, em perfeita harmonia com a vontade divina, não quis que os gozos da visão beatífica repercutissem nas suas faculdades sensíveis. A este respeito, a sua alma

continha como que dois mundos quase fechados entre si. Toda a sua alma padecia e toda ela era bem-aventurada. Jesus sofreu com toda a sua alma; foi assim o Homem das dores e, no entanto, jamais perdeu a visão beatífica. Que mistério e que realidade esta de se alegrar ao mesmo tempo nos seus próprios sofrimentos e nas suas humilhações!... E assim sucede a todas as almas que Jesus chama à sua intimidade, começando pela sua Santíssima Mãe, Nossa Senhora das Dores. Que alma gozou mais da intimidade de Deus do que a nossa dulcíssima Mãe? E que alma sofreu mais? Quanto sofreu Ela, que era tão pura! E todos os Santos... Esta graça de alegria só a gozam aqueles que bebem o cálice até às fezes. Se nele se põem apenas os lábios, não se encontra nele senão amargura. Mas, se se tem a coragem de ir até ao fim — ainda que se morra pelo caminho, como dizia Santa Teresa —, chega-se à intimidade de Deus e transborda-se de alegria.

Sem dúvida, algumas vezes sentimo-nos iluminados acerca do sofrimento, mas quando nos encontramos diante de uma dor amarga, repugnante, da qual quereríamos fugir a qualquer preço, precisamos de todo o nosso espírito de fé para permanecer ali sem nos queixarmos, como Jesus, com Jesus e por Jesus.

Credeis que se ama enquanto não se sofreu?... Poderíamos suportar razoavelmente muitos sofrimentos, mas evitamo-los por cobardia, pois a nossa natureza tem uma habilidade extraordinária para encontrar razões que não o são, a fim de se enganar a si mesma e passar ao lado.

PACIÊNCIA

Uma vez que a paciência é uma grande virtude dos educadores e uma vez que nós somos, em grande parte, os nossos próprios educadores, mantende a vossa alma em paz tanto quanto possível. A agitação, o desassossego e a inquietação nada de bom produzem. Temos de os evitar. A paz interior é o primeiro dos bens. Sem ela, os outros tornam-se quase inúteis. *Da pacem Domine, Pax vobis.*

Indubitavelmente, a paciência é uma virtude que não encontrámos no berço. Que fazer, pois? Pedi-la a Deus. Ele no-la dará, talvez gota a gota, mas no-la dará. Isso basta. Quando a provação se prolonga, a cruz pesa-nos muito. Quereríamos que no-la tirassem. No fundo, porém, se Deus nos

atendesse, não há dúvida de que depois sentiríamos saudades dela. A máxima de São Francisco de Sales: «Não pedir nada, não recusar nada», voltaria à nossa memória. O que temos de fazer é rezar para obter ao menos a graça da paciência: é viver dia a dia, momento a momento, sem acrescentar ao sofrimento do instante os sofrimentos do passado e os sofrimentos do futuro. A nossa pobre alma não pode suportar tanto de uma só vez. Tenhamos piedade dela.

Se a vossa paz estiver um pouco alterada, fazei o que depender de vós para a restabelecer, mas suavemente, não à força viva. Começai por aí. Não faleis, não, não actueis, salvo em caso de urgência, enquanto tudo dentro de vós não estiver em perfeita ordem. Esse era o método de São Vicente de Paulo. Assim vos encontrareis muito bem.

A FÉ

Agradar a Deus é tudo para nós. Ainda que tivéssemos todas as riquezas do mundo, ainda que fôssemos admirados por todos, se não agradássemos a Deus, todas essas honras e todas essas admirações nada valeriam. Mas se Ele está contente connosco, se gosta de vir visitar-nos para descansar no nosso coração, se encontra em nós o seu agrado..., oh!, então tudo está ganho, e as coisas deste mundo, por sua vez, já nada valem.

A nossa maior sabedoria deveria ser, pois, procurar agradar a Deus em tudo, sempre, por toda a parte, cada vez mais, de tal modo que Ele ficasse cativado pelo encanto da nossa alma. Como o faremos? São Paulo diz-nos, ou pelo menos indica-nos um dos meios indispensáveis: «Sem a fé é impossível agradar a Deus».

Quando queremos empreender a conquista de Deus, temos de começar por aí. A fé é a adesão firme da nossa inteligência à palavra de Deus. Pela fé submetemos a nossa inteligência, o nosso coração, a nossa vontade. Proclamamos que Deus é a própria Verdade, que é veraz e infalível, e isso agrada-Lhe. Honramo-Lo. Um mestre alegra-se por os seus discípulos acreditarem nele, mesmo quando não compreendem o que ele diz. Um pai sente-se feliz por os seus filhos confiarem nele. E que enriquecimento para a nossa inteligência, que comunhão na verdadeira Ciência de Deus! Ele vê, nós acreditamos!

Se uma alma verdadeiramente iluminada pela fé repousa em tudo nos braços do seu Pai e vê a Vontade de Deus em cada um dos pequenos deveres do momento presente, como não há-de agradar a Deus? Durante todo o dia está como que à espreita para O descobrir nas mil ninharias, nos mil pormenores que compõem a sua vida. Suponhamos que esta alma vai directamente a Deus escondido sob a aparência do pequeno dever presente. O seu olhar não se detém no invólucro das criaturas, mas vai até à Mão que sustenta tudo, que governa tudo com suavidade e firmeza; para ela, o mundo não é mais do que uma espécie de transparência, e ela comunga a cada instante na vontade de Deus. Como não há-de agradar a Deus esta alma?

Tomemos outro exemplo. A fé diz-nos que toda a alma em estado de graça possui a Santíssima Trindade no fundo do seu coração. Pois bem, aqui temos uma alma que vive da fé. Se se põe em oração, irá directamente a esse santuário interior onde Deus Se esconde e Se dá, à Santíssima Trindade que nela habita. Adorará, louvará, amará, escutará o seu Deus, falar-Lhe-á; procurará, evidentemente na medida das suas possibilidades, comungar nesta vida divina, dizer o Verbo com o Pai, exalar o Espírito de Amor que procede do Pai e do Filho, e voltar ao Pai e ao Filho com esse mesmo divino Espírito. Esquecer-se-á de si mesma, esquecerá o mundo e, libertada das criaturas, deleitar-se-á nesta companhia, gostará de viver nela e só dela sairá com pena, algumas vezes sem ter experimentado nada, mas, mais frequentemente, iluminada, reanimada e fortalecida. Terá sabido agradar a Deus.

Que força incomparável é para a nossa vontade saber que o mais pequeno dos nossos sofrimentos, que a mais pequena das nossas orações, não se pode perder! Vede a diferença entre uma alma de fé medíocre e outra que acredita no valor do silêncio, no poder do recolhimento, na possibilidade da união íntima com Deus, num grande segredo, sem pretensões nem orgulho. No primeiro caso, arrastamo-nos; no segundo, voamos, e a nossa alma torna-se cada vez mais agradável a Deus, porque o que Lhe agrada não é que escutemos o seu mandamento, mas que o cumpramos. Se queremos agradar a Deus, sejamos almas de fé, de uma fé simples que nos penetre por inteiro. Julguemos os acontecimentos à luz da fé, assim como as provas e as alegrias. Toda a tibieza na vida espiritual

provém da falta de espírito de fé. Quando se sente desânimo, quando alguém se encontra menos recolhido, menos mortificado, menos generoso ao serviço de Deus, é porque o espírito de fé enfraqueceu. Recuperemo-lo desde a base. Aperfeiçoemos o nosso espírito de fé. Em vez de nos deixarmos conduzir pela pura razão e, algumas vezes, pela sensibilidade, corrijamos pela fé as impressões da nossa sensibilidade. Quando essa luz, que fere com os seus raios as últimas fibras do nosso coração, nos tiver feito alcançar a transformação completa, terá chegado o triunfo da fé. A fé inspirada pela caridade molda-nos à imagem e semelhança de Jesus, a tal ponto que Deus julga ver em nós o seu Filho.

A ESPERANÇA QUE GERA O ABANDONO

Como não haveríamos de ter no fundo do coração uma esperança invencível? Todo o poder de Deus está posto ao nosso serviço para O conquistarmos a Ele mesmo.

Quanto menos direitos tenho, mais espero. Nada mereço, por isso tudo espero. Porque Vós, meu Deus, sois bom.

A nossa verdadeira felicidade está escondida naquilo que Deus nos dá para fazer ou sofrer no momento presente; procurá-la noutro lugar é condenar-se a nunca a encontrar.

Aquilo que Deus quer de nós é o abandono filial e cheio de confiança. Afastai do vosso espírito toda a preocupação com o presente e com o futuro e, portanto, tudo aquilo que possa impedir-vos de vos ocupardes de Deus neste momento. Não tomeis as coisas pelo lado trágico; basta que as tomeis muito a sério. Habitualmente, não são tão negras nem tão brancas como parecem. Ponde medida em tudo. Pensai que a Providência conduz tudo *suaviter et fortiter*, apoiando-se umas vezes na primeira palavra e outras na segunda. Fazei como Ela; não temos melhor modelo.

Quanto a vós, tomai as coisas no ponto em que estão, sem voltar atrás. Deixai o passado ao passado. Ide direitos ao dever presente.

Repeti sem cessar a frase de São Paulo:

«Deus faz concorrer todas as coisas para o bem daqueles que O amam.»
Amai, pois, a Deus, ou pelo menos tende um desejo sincero de O amar; isso basta. Conservai a paz.

Nada podemos senão na dependência de Deus. A nossa felicidade e a nossa grandeza consistem em receber tudo d'Ele. Eu digo-Lhe frequentemente a minha alegria por não ter nenhum direito sobre Ele, pois, se o tivesse, não deveria tanto à sua misericórdia. Encanta-me pensar que Ele nada me deve. Se eu tivesse algum direito, não poderia ser tão audaz, não estaria tranquilo.

Nosso Senhor dar-vos-á o seu amor, mas talvez não da maneira que imaginais. É muito mais simples. Não espereis nada de sensível... Transformar-vos-á, mas pouco a pouco. Não vos preocupeis de modo algum com as provas do futuro. Vivei dia a dia. Encontraí a vossa felicidade naquilo que tiverdes de fazer ou suportar hoje. Verdadeiramente, é aí que ela está, ainda que não a saboreieis.

Não vos preocupeis com a quantidade de sofrimentos que Deus vos há-de enviar. Não serão mais do que sofrimentos. Fazei os sacrifícios que se apresentarem hoje, o mesmo amanhã e assim sucessivamente.

Não queirais a perfeição de um só golpe. Não é esse o modo habitual de proceder de Deus. Luta lenta, paciente, progressiva. Esses esforços darão os seus frutos como prova de amor para com Nosso Senhor. Dá-los-ão pouco a pouco, gradualmente. Não desanimeis perante a imensidão do trabalho. Não se trabalha bem quando alguém se agita sob o pretexto de que há muito que fazer.

O AMOR

Pedi a Santa Teresa do Menino Jesus o amor simples, confiante, generoso e que sorri a Deus. É a sua graça particular. Que espírito de sacrifício e que amor sem consolação sensível os seus! Rogai-lhe que vos ensine a amar a Deus com confiança e em total abandono à sua doce Vontade de Pai.

São Francisco de Sales diz que, para aprender a amar a Deus, não há outro segredo senão amá-Lo. E, enquanto não se chega a amá-Lo, é preciso fazer «como se».

Eu Vos amo, meu Deus, mas não o bastante. O vosso amor é ciumento, quer o coração inteiro. Para que o meu fosse todo vosso, seria preciso que todos os seus movimentos, todos os seus impulsos, mesmo os primeiros, não tivessem outro princípio nem outro fim senão Vós. O meu poder de amar, não apenas como espírito, mas até como ser sensível, deveria estar orientado unicamente para Vós. Numa palavra, seria preciso que o encanto da vossa infinita Beleza exercesse sobre o meu coração um domínio absoluto. Quando chegará o momento, meu Deus, em que todo o meu ser estará submetido ao regime do vosso amor?

O amor da alma interior é um amor fiel. O seu coração pertence apenas a Deus e para sempre. Deus pode esconder-Se, pode até parecer que a despreza, que a rejeita, mas nem por isso ela deixa de O amar. Porque Ele continua a ser Deus e o seu Deus. Continua sempre digno de toda a afeição e de todo o amor. E isso basta-lhe. Talvez a alma sinta que o agulhão de uma misteriosa inquietação a penetra até ao mais íntimo: «Ama-me o meu Deus?» Mas não espera a resposta. Porque, sejam quais forem as disposições do seu Deus para com ela, sabe que deve amá-Lo, amá-Lo sempre, amá-Lo cada dia mais. E isso continua a bastar-lhe. Ama, pois, e mais do que nunca. O que melhor assinala a fidelidade da vossa Esposa, ó meu Deus, é a perfeita serenidade com que permanece onde a colocastes e no estado interior em que quereis que ela esteja. Sabe que Vós a quereis assim; e nada mais lhe faz falta. Continuará onde está todo o tempo que Vos aprouver. Como a pomba, não se move; espera. E, nesta espera solitária, canta o seu doce cântico. Cântico que é sempre o mesmo. Algumas poucas palavras, algumas poucas notas; isso é tudo. Mas como agrada ao vosso Coração esse cântico de amor que nunca termina! Seja qual for a estação, faça o tempo que fizer, fora ou dentro, nada o interrompe: «Amo-Vos, meu Deus... Vós sois o Deus do meu coração! Meu Deus e meu Tudo...»

PERMANECEI EM CRISTO

Permanecei em Mim

Permaneçei em Mim pela recordação e pelo olhar da vossa alma. Vivei em Mim. Alimentai-vos de Mim. Procurai conhecer-Me, não apenas por fora, mas por dentro. Lede até ao fundo do meu Coração. Não vos canseis desta tarefa. Que ela seja a vossa única ocupação, o trabalho total da vossa vida. Perseverai nela como fonte de toda a luz, de toda a energia, de toda a alegria. Uni-vos fortemente a Mim pelo amor.

Sereis assim firmes e fortes com a minha firmeza e com a minha força. Nada poderá perturbar-vos ou agitar-vos, senão superficialmente e, sobretudo, nada poderá separar-nos, excepto o pecado. E quando este vos ameaçar, apertai-vos mais junto de Mim com um amor mais generoso e mais ardente. E, longe de vos prejudicar, essa prova não terá feito mais do que fortalecer a nossa união.

E Eu em vós

— Como habitais Vós em nós, Jesus?

— Eu estou em vós como um amigo em casa do seu amigo, como um hóspede em casa do seu anfitrião. Tomei posse do vosso coração. Expulsei dele todo o afecto rival do meu. É meu; é para Mim que ele não cessa de bater. Sou Eu que o movo. Sou o peso que o atrai, a força que o acciona, a luz que o dirige e lhe indica o caminho por onde deve avançar. Transformei-o espiritualmente no meu próprio Coração. Ama aquilo que Eu amo. Rejeita aquilo que Eu rejeito. Quer aquilo que Eu quero. É como o meu próprio Coração, e é-o um pouco mais e um pouco melhor cada dia. Estou, pois, dentro de vós, no mais íntimo de vós mesmos. Num certo e muito verdadeiro sentido, sou ainda mais vós do que vós mesmos por esse amor que vos transformou em Mim. O meu Apóstolo dirá: «*Vivo jam non ego...*» É exactamente isso, ou ainda: «*Qui adhaeret Domino, unus spiritus est...*», um só espírito; por conseguinte, um só coração e, se quiserdes, para sempre.

SOB O OLHAR DE DEUS

O vosso olhar, meu Deus, não é apenas agradável, é benéfico. Não nos encontra amáveis, torna-nos amáveis. Olhar com amor e criar e enriquecer o ser que criastes é uma só e mesma coisa para Vós, meu Deus. Que os vossos olhares Se dignem voltar-se para a minha alma e pousar suavemente

sobre ela... Nada me é tão agradável como saber que estou assim sempre sob os vossos olhos. Parece-me que devo manter-me no mais profundo respeito e na mais humilde modéstia. Mas também, quanta luz não encontrarei eu no vosso olhar! Ilumina o meu caminho. Ensina-me o verdadeiro valor das coisas e faz-me ver se são para mim obstáculos ou meios. E, por minha vez, permite-me iluminar os outros. Sem ele, eu não seria mais do que trevas. Ó olhar do meu Deus, quisera fixar-me em Vós para sempre!

O vosso olhar, ó meu Deus!, não é um olhar exterior à alma; é interior, íntimo. A alma tem a impressão de ser penetrada por ele como que desde dentro e até ao mais profundo de si mesma. Isto é certíssimo. Esse olhar sois Vós mesmo, meu Deus, que viveis na alma e que a iluminais ao mesmo tempo acerca de Vós, acerca dela própria e acerca de todas as coisas. A alma tem consciência dessa iluminação interior. Assemelha-se a um cristal puríssimo que, exposto directamente ao sol, fosse atravessado pelos seus raios luminosos e o soubesse. Mas essa é uma comparação muito fraca. Porque a alma é espírito. E Deus é espírito. E nada pode dar uma ideia exacta do que acontece na ordem da luz quando Deus invade a alma e a enche de Si mesmo. Ele, que é a Verdade! Feliz a alma sem defeito e sem mancha que os raios divinos possam iluminar plenamente! É tão doce ver assim Deus em Si mesmo!... É já um pouco de céu.

À SOMBRA DA EUCARISTIA

A alma interior, felicíssima por ser tão profundamente amada por Cristo Jesus, quer testemunhar-Lhe, por sua vez, o afecto que Lhe dedica. Sabe que agora Ele habita no Tabernáculo. E, atormentada de amor, retira-se para junto d'Ele todas as noites para adorar, louvar, gemer, sofrer, rezar e amar, muito perto d'Ele, no silêncio do coração.

A alma interior entra em si mesma, fecha a porta do santuário e fica completamente sozinha com Deus. Ficam verdadeiramente face a face; ficam, sobretudo, numa divina presença de corações. À alma parece-lhe, e é verdade, que já não tem senão uma coisa a fazer: amar. E ama durante horas inteiras, sem se cansar. Se pudesse, ficaria ali para sempre, para amar sempre.

Enquanto a alma interior dialoga com Jesus, aos pés do Tabernáculo, volta-lhe à mente a recordação dos seus actos do dia. Pergunta a si mesma se tudo esteve bem. Vislumbra os defeitos que lhe escaparam no momento da acção. Não disse bem aquela palavra, não fez bem determinada diligência, não aceitou de imediato e com alegria aquele sofrimento ou aquela contradição. Vê-se então sem graça aos olhos do seu Amado Salvador. Traz algumas pequenas manchas nas mãos e no rosto. E isso dói-lhe, sobretudo por causa d'Ele, que merecia ser mais bem amado e mais bem servido. Algumas lágrimas de pesar sobem-lhe do coração aos olhos. Compreende que, para reparar, é preciso amar muito mais. E, sob o aguilhão da dor, o seu amor por Jesus aviva-se, torna-se mais forte e mais ardente do que nunca; a sua chama é purificadora. E, assim como o fogo faz desaparecer os mais pequenos vestígios de ferrugem, o ardor da caridade apaga também até as mais mínimas imperfeições. A alma interior não ignora este processo e alegra-se com ele. Pois sente então que a paz perfeita volta a estabelecer-se no fundo de si mesma.

Que há de mais doce para a alma interior do que a sombra de Jesus-Hóstia? É ali que a Esposa deseja sentar-se e onde, por outro lado, Ele a espera. Há uma sombra espiritual da Custódia, como também a há do Tabernáculo. Nem todos a vêem, nem todos se escondem nela. Mas aqueles que sabem acolher-se a ela descansam ali encantados. Pois, em silêncio e em paz, alimentam-se de um fruto dulcíssimo; comem um pão substancial, o próprio Cristo Jesus. E, pouco a pouco, eles próprios se transformam nesse divino alimento. São metamorfoseados e transformam-se em Jesus. As suas aparências permanecem as mesmas ou quase as mesmas, mas aquilo que neles existe de mais íntimo e mais profundo torna-se algo muito diferente. É Ele quem pensa, fala e age por eles; é Ele quem vive neles. Poderá haver algo mais doce para a alma do que ver-se assim transformada no seu Salvador graças à sombra da Hóstia?

MARIA, NOSSA MÃE

Maria é, verdadeiramente, nossa Mãe. Dá-nos a vida, protege-a e defende-a. O seu papel maternal consiste especialmente em fazer nascer em nós Jesus. Não pode dá-Lo a quem não está preparado, mas é precisamente Ela quem faz essa preparação. A doação exterior do Menino Jesus, tantas

vezes concedida aos Santos, não é mais do que um símbolo desta doação real. Se assim não fosse, para que teria servido esse gesto, por mais doce que fosse, se tivesse permanecido puramente exterior?

Considerai a Santíssima Virgem como a nossa Mãe, como a mãe de cada um de nós em particular. Falai-Lhe como a uma pessoa viva. Neste grau de intimidade pode haver infinitas nuances, como as encontramos nos Santos; podemos pertencer-Lhe por diversos títulos.

Maria é a vossa Mãe. Fazei todas as vossas acções pela sua graça, na sua amável companhia e sob a sua doce influência. Pensai n'Ela no começo e renunciái às vossas maneiras de ver e de querer para adoptar as suas. Tentai-o. Perseverai. Pedi-Lhe que vos conceda Jesus e que entregue a Jesus as vossas almas.

É excelente prática oferecer os sentimentos íntimos de Nosso Senhor e da Santíssima Virgem sem os especificar, uma vez que não os conhecemos.

Nos momentos de cansaço, descansai simplesmente junto da vossa Mãe Celestial. Vivei sob o olhar do Divino Mestre e da sua Santíssima Mãe. Tende confiança no seu afecto por vós; comprazei-vos em dizer-lho frequentemente.

É necessário que o nosso coração, que precisa de ser forte, continue a ser doce. Sede ao mesmo tempo doces e fortes: não se podem dosear matematicamente força e doçura, ternura e firmeza. Isso é toda uma arte. A Santíssima Virgem possuía-a. Ela sabia que o amor se prova pelo sacrifício, pelas obras, e que a melhor prova de amor que podemos dar a Deus e às almas é a nossa própria imolação.

Podemos ganhar tudo desenvolvendo a nossa devoção a Maria. Que belo modelo e que boa Mãe! Não se sentiu presa a nada neste mundo. Foi totalmente transformada em Jesus e por Jesus, que lhe comunicou as suas virtudes e a sua vida.

E esta vida foi uma vida totalmente escondida em Deus. Ela não viu senão a Ele, não quis senão a Ele. A sua alma aspirava-O e respirava-O a cada instante. No fundo, não constituía mais do que um só ser com Ele. *Qui*

adhaeret Domino, unus spiritus est. Deus vivia n'Ela. Ela vivia n'Ele. Tudo isso foi verdade. Mas tudo isso permaneceu oculto.

ENCONTRAR CRISTO NAS SUAS MÃOS

Há Santos sobre a terra, mesmo nos nossos dias, e Vós viveis neles, ó Jesus!

Os seus olhos são como os vossos olhos; o seu olhar, como o vosso olhar; o seu coração, como o vosso Coração. É bom encontrar no próprio caminho alguém que é como Vós mesmo. Sentimo-nos felizes só de o ver e só de estar perto dele. Mas que dizer da sua intimidade! Fala pouco. Escuta com gosto. Sobretudo, ama muito. Compreendemo-lo, sentimo-lo assim. Na sua companhia experimentamos a necessidade de nos calarmos, de nos recolhermos e de rezarmos. Não atrai para si, mas para Vós. Está ali, e quase o esquecemos, tal como ele se esquece de si mesmo. Não só faz pensar em Vós, mas aproxima-se de Vós, une-se a Vós. Essa é a sua graça. Parece que uma virtude misteriosa escapa do seu coração, se apodera do nosso e o arrasta até ao vosso Divino Coração. Começamos a compreender o que é amar-Vos e como é doce fazê-lo em comunhão com os Santos. O que também constitui o encanto do olhar daqueles que Vos amam é a sua pureza e a sua arrebatadora simplicidade. É claro, límpido, luminoso. Como não vem da carne, ignora-a. Não só não a olha, como nem sequer a vê. Damo-nos conta disso e, se verdadeiramente tendemos para a perfeição, alegremo-nos. Esse olhar faz bem. Dir-se-ia que comunica algo da sua pureza. Sentimo-nos elevados, enobrecidos, libertados e como que espiritualizados. De repente, abrem-se diante de nós horizontes desconhecidos. Como o amor de Deus transforma tudo! Oh! Esse amor, quem no-lo dará? Quem nos devolverá essa verdadeira liberdade? Com que ardor a esperamos da vossa bondade, meu Deus!

O ESPÍRITO DE ORAÇÃO

A oração é, segundo a definição de Santa Teresa, um íntimo comércio de amizade em que a alma dialoga a sós com o seu Deus e não se cansa de exprimir o seu amor Àquele de quem sabe que é amada.

A sós com o nosso Deus, dizer-Lhe que O amamos: isso é a oração. Daí deriva essa visão clara da inteligência, que nada vale sem espírito de oração, essa inclinação constante de toda a alma, coração, inteligência e vontade para dialogar com Deus.

Deus é pouco conhecido. Mas é ainda menos amado. É nesta conversa íntima que o coração adquire por Ele uma afeição sólida e profunda, uma afeição que cresce sem cessar. Toda a vossa ocupação deve consistir assim em encontrar-vos a sós com Ele.

Tudo vos deve falar d'Ele: o grão de areia que pisais, o riacho que corre, a flor que se abre sob o vosso olhar, o pássaro que canta, a estrela que brilha no firmamento durante a noite, um sofrimento, uma alegria, uma ordem. Tudo vos deve fazer pensar n'Ele, encaminhar-vos para Ele. Deveis vê-Lo por toda a parte. Tem todas as coisas nas suas mãos. Tem-vos nas suas mãos. Envolve-vos por toda a parte, penetra-vos. Continua a criação, cria-vos. Mais do que isso, habita, pela graça, no fundo do vosso coração.

Não Se contenta em fazer de nós seus filhos, mas quer viver em intimidade connosco. Está muito dentro de todos nós para que o nosso coração O possa amar como se ama alguém que está verdadeiramente presente. E toda a vossa ambição deve consistir assim em penetrar na intimidade de Deus pela vossa inteligência, para O conhecer não apenas nas suas obras, mas n'Ele mesmo, pelo menos na medida em que isso é possível, e permitir-Lhe que, no recolhimento e no silêncio, vos abra os olhos e vos fale. Deixai que Ele vos instrua... Oh, sim!, fá-lo quando diz: «Eu sou a Riqueza, a Misericórdia, a Sabedoria. Eu sou o Bem, a Verdade, a Vida, a Beleza, a Bondade, o Amor. Eu sou Tudo e, ao mesmo tempo, somos Três para continuarmos a ser tudo isso na intimidade mais perfeita e mais profunda, sem que nada nos distinga uns dos outros, a não ser as relações originárias que nos constituem.»

Deixai, pois, que o vosso coração se dilate no amor. O amor divino é uma coisa misteriosa. Não podemos dá-lo a nós mesmos, mas Deus derrama-o na alma silenciosa, na alma de oração. Sem dúvida que esse amor nem sempre é consciente e sentido, mas como é real! E então quer dirigir tudo, invadir tudo; está sempre presente como um pequeno ponto

vermelho, como uma centelha. É esse pontinho de fogo de que fala São João da Cruz que cai na alma, a abrasa e nela acende um grande incêndio.

Vós deveis empreender a busca de Deus, chamá-Lo, correr atrás d'Ele e dizer-Lhe sem cessar, da manhã até à noite: «Onde estais, meu Deus? Entregai-Vos a mim; eu desejo-Vos, chamo-Vos, procuro-Vos, preciso de Vós. Vós não precisais de mim para ser feliz, mas eu não o sou sem Vós. O meu coração foi feito para Vós e viverá na inquietação enquanto não descansar em Vós. Sofre quando se apercebe de que não Vos ama, de que não Vos possui inteiramente.» Esse é o espírito de oração: uma troca contínua de conhecimento e de amor, um face a face, um diálogo de corações. Haverá vida mais bela do que esta? É para isso que vos retirais do mundo e vos é imposto o silêncio. Porque quem está distraído pelos ruídos exteriores não ouve a voz interior; isso é impossível.

Porque o silêncio é necessário por causa da liberdade que dá à alma para escutar Deus, para Lhe falar, para O contemplar; porque é necessário e porque vós deveis praticá-lo. Não vos contenteis com o silêncio exterior, mas assegurai também o interior. Fazei calar a imaginação, aquilo que vos ocupa e vos preocupa, aquilo que tendes de fazer; deixai cair tudo isso. Desligai o coração das mil ninharias inúteis que o sobrecarregam.

Sacrificai tudo, e então sereis livres. No fundo, se já não vos amardes a vós mesmos, amareis mais, amareis necessariamente a Deus. O amor elevar-vos-á e unir-vos-á. A vossa vida será uma vida de oração, isto é, uma vida de conversa com Deus, sempre mais e sempre melhor amado. Não procureis outra coisa. Que a vossa vida seja uma vida retirada; imitai a Santíssima Virgem. Que fez Ela durante todos os seus dias senão dialogar com a Santíssima Trindade? Não vivia senão para o seu Jesus, não pensava senão no seu Jesus, seu Deus e seu Filho. Era também a verdadeira Esposa do Cântico. Vivia de oração; pode até dizer-se que morreu em oração. Uma alma de oração recolhe-se, separa-se, desprende-se, mortifica-se, renuncia a si mesma para encontrar Deus; mas, por outro lado, essa alma dá Deus. Um centro de luz ilumina, uma fonte de energia difunde-se, um foco de amor abrasa. Não tendes necessidade de vos inquietar nem de procurar como isso acontecerá. Pois, pelo simples facto de serdes uma alma de oração, contareis entre essas almas verdadeiramente mortificadas e apostólicas, que

difundem no mundo um pouco mais de conhecimento de Deus, um pouco mais de caridade.

A CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO

Sem a bondade que a caridade proporciona, não pode existir consolação. Se vamos visitar alguém que não sofre, não compreenderá as nossas penas; as nossas confidências aborrecê-lo-ão e sentiremos que os nossos sofrimentos não foram partilhados. Se visitamos alguém que sofre, insistirá nos seus próprios males; apenas as almas verdadeiramente caritativas compreendem e partilham assim as penas dos outros. Não procuram as coisas que consolam, mas, como diz São Paulo, fazem-se tudo para todos.

Apesar da nossa boa vontade, costumamos fazer-nos sofrer mutuamente, roçamo-nos e ferimo-nos sem querer, mas de modo muito real: *In multis offendimus omnes*. Temos de ser fortes para nos imolarmos pela salvação dos nossos irmãos, para levar a nossa cruz e para levar a cruz dos outros. Temos de ser fortes para continuar a amar com todo o nosso ser os nossos irmãos e o nosso Deus. Se nos esforçarmos por adquirir, mediante actos repetidos de caridade, mais pureza, mais simpatia e essa generosidade que não se paga de palavras nem se alimenta de ilusões, mas de imolações e de sacrifícios, o nosso coração tornar-se-á cada vez mais semelhante ao da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Nós valemos, sobretudo e antes de tudo, pelo coração. «Ao entardecer da vida serás examinado no amor.» Deus perguntar-nos-á como empregámos esse poder de amar. Porque, em definitivo, aquilo que nos classifica não é a inteligência, mas o amor. Se durante toda a nossa existência procurámos tornar o nosso coração flexível, enchê-lo de mansidão e de compreensão, o nosso poder de amar tornar-se-á forte, vigoroso, capaz de levar as cruces mais pesadas.

Procurai agradar a todos e em tudo. Prestai todos os pequenos serviços que puderdes.

Reflecti antes de falar e de agir para evitar aquilo a que se chama a projecção do próprio eu sobre o eu dos outros, o que falseia o ponto de

vista.

Diminuí os defeitos, reais ou não, e aumentai as qualidades. Chegareis assim a ver com exactidão, isto é, como Deus. «Senhor, fazei que eu veja como Vós, para que ame como Vós amais.»

Ponde diante dos olhos os óculos da caridade. Não vos importe que, por vezes, haja um pequeno erro objectivo; o mal nunca irá muito longe.

Procurai encontrar sempre nos outros boas intenções. É preferível enganar-se neste sentido do que no contrário.

Toda a comparação pode ser odiosa se obriga a sacrificar os seus termos. Não o façais. Colocai-vos no penúltimo lugar sem pensar no lugar e no valor dos outros.

Não discutais quando souberdes que daí não resultará nenhum bem. Entendei-vos no terreno da generosidade e do sobrenatural. Pequenas concessões podem produzir grandes bens, sobretudo quando se trata de almas que tendem para um grande ideal sem o verem sempre da mesma maneira. *Dilatentur spatia caritatis* (a caridade dilata os corações) e liberta-os. Procurai pôr lógica no vosso pensamento, depois na vossa vida. Quanto a pô-la no pensamento de X... ou de Y..., isso é assunto de Deus. Pedi-lho e conservai a paz.

Os juízos caritativos são, muito frequentemente, os mais próximos da verdade. O melhor seria não julgar de todo, nem sequer interiormente, ou julgar com verdadeira indulgência.

Procurai ver a parte de verdade que existe nas afirmações dos outros antes de fazer qualquer reserva. Não façais senão as críticas e observações que custe muito fazer. E mesmo então, certificai-vos de que existe esperança de fruto, pelo menos para o futuro; se não, abstende-vos por enquanto.

Deixai a cada um a impressão de que tendes dele uma elevada opinião. Apagai-vos o mais possível, mas sem o parecer. Colocai os outros à frente. Dai-lhes ocasião de falar e interessai-vos pelo que dizem.

O nosso zelo deve ser ardente, mas esclarecido. Se verificarmos que é apaixonado, deveremos moderá-lo, pois tende a tornar-se cego na medida em que é apaixonado. Esse é o conselho da razão e da experiência.

Não vos detenhais nas causas secundárias dos actos ou das intenções alheias, mas vede mais alto Deus, que vos pede humildade, paciência e caridade.

Devemos distinguir sempre o objectivo do subjectivo, o exterior do interior. Porque, posta de parte a responsabilidade anterior, aquilo que importa é o que cada um quer e vê nesse mesmo momento, e isso só Deus o conhece verdadeiramente. Então alguém já está julgado, mas apenas por Ele. Eis o que devemos repetir continuamente a nós mesmos para compreender, ou pelo menos suportar, aquilo que por vezes nos parece contraditório na vida prática.

A alma interior jamais troca de nada nem de ninguém. Não vê os defeitos dos homens nem as minudências das coisas ou, se as vê, não os sublinha com um riso irónico e maldoso. Sem dúvida que, por vezes, sorri, mas com um sorriso cheio de mansidão, benevolência e graça. Habitualmente, a sua palavra é serena, até grave. Sentimos que ela se mantém sob o olhar e na intimidade de Deus. Assim sucede, de facto, com todas as suas conversas, como com todos os seus afectos, com todos os seus pensamentos e com toda a sua vida.

Seria importante discernir aquilo que repele na nossa maneira de agir para nos corrigirmos disso. Que ressonância têm na alma dos outros as nossas palavras e os nossos actos? Essa é a questão.

SILÊNCIO E SOLIDÃO DO CORAÇÃO

Enquanto houver alguém ou alguma coisa entre a alma e Deus, a união perfeita não será possível. E é a única que dá a verdadeira paz. Cabe-nos, pois, fazer o vazio.

A alma verdadeiramente enamorada de Deus compraz-se em viver nas alturas de si mesma, numa profunda solidão. Não há nisso, da sua parte, nem melancolia nem misantropia. Há a claríssima convicção de que, para

encontrar Deus, para Lhe falar, para O amar, convém ao mesmo tempo isolar-se e elevar-se. Deus habita apenas nas alturas ou, se se preferir, nas profundezas da alma. É aí, portanto, que é preciso ir para O encontrar. Aliás, não há meio mais seguro de agradar a Deus e de obter as suas graças do que esse silencioso isolamento nos cumes.

Salvo indicação contrária e precisa que venha de Deus, afastai, pois, do vosso pensamento toda a criatura quando dialogardes com Jesus. Deus quer normalmente uma alma «só». Depois de terdes pedido pelas almas que vos estão confiadas e de terdes falado delas a Nosso Senhor, permaneci solitários na oração. Encarregai o Senhor de pagar as vossas dívidas e depois prossegui. É necessário que a recordação de X... não seja na vossa alma um obstáculo à Graça. Pedi a Jesus que vos deixe participar do afecto que Ele lhe dedica, de tal modo que o vosso provenha unicamente dessa fonte, e tudo correrá bem. E destruí sem receio tudo aquilo que sentirdes que não vem daí.

Fico contente quando encontro uma alma que sofre com o isolamento, mas que o aceita. Nada me pode tranquilizar mais, porque ainda não conheci uma única que faça progressos na vida interior sem passar por essa prova. É dolorosa, mas necessária. Lembrar-vos-eis de que Santa Teresa dizia que, para tais favores, Deus quer uma alma só, pura e ardendo no desejo de os receber. Então parece que se tem o coração cheio de lágrimas. É um sofrimento profundo, mas... a recompensa está no fim.

Uma alma que não é solitária não progride. Não pode subir. Quando vejo uma alma que não é solitária, digo para comigo: «Não passará; é como um camelo carregado. É demasiado rica». Pelo contrário, quando todas as criaturas abandonam ou ferem, a alma fica, segundo a expressão de Taulero, como o veado perseguido por toda a parte que, vendo fechadas todas as saídas e não lhe restando senão o lago, se precipita nele. Quando tiverdes uma pena, precipitai-vos em Deus.

Quando Deus quer falar a uma alma, separa-a de tudo, fá-la entrar numa profunda solidão e depois coloca na sua inteligência algo que ela ignora completamente. É desse algo misterioso que sairá, no devido tempo, todo o conhecimento explícito, como uma tradução para a linguagem humana das realidades divinas. Tradução que não é arbitrária. Pois é controlada por

dentro por esse algo que, sendo em si mesmo inapreensível, é, contudo, muito real. Mas, mesmo então, o melhor ficará ainda por dizer.

RESUMO: O DESPOJAMENTO TOTAL

A alma quer o seu Deus a todo o custo. Se for preciso abandonar tudo, abandonará tudo; se for preciso perder tudo, perderá tudo. Deixará o seu manto, que afinal não lhe pertence, nas mãos daqueles que quiserem detê-la. Renunciará sem sofrimento às suas maneiras próprias de sentir, de pensar e de querer, como a uma bagagem pesada e incômoda. Não pedirá nenhum gozo a coisa alguma. Já não pensará em nenhuma coisa do mundo. Não voltará a utilizar as ideias, sem dúvida justas, mas extremamente deficientes, que fazia do seu Deus. Contentar-se-á com a fé. E já não quererá aqui em baixo mais nada, senão a Ele e somente a Ele.

II. A AÇÃO DE DEUS

O DESEJO DA PERFEIÇÃO

O desejo da perfeição deve ser constante, pois sem isso os nossos esforços não se acumulam. Na nossa vida haverá parênteses, vazios e, talvez, algo pior. Quando um homem que constrói uma casa interrompe o seu trabalho por falta de materiais ou de coragem para o continuar, talvez pense que, quando tiver coragem ou materiais, não terá mais do que retomar a construção interrompida no mesmo ponto. Nada disso. Porque, durante esse tempo, terão intervindo os agentes físicos: a chuva, o vento, a neve, o gelo, o calor e o frio terão exercido a sua influência. A casa desmoronar-se-á pedra a pedra, acabará por cair e até as próprias ruínas desaparecerão.

Assim acontece também na vida espiritual, quando uma alma deixa apagar-se no seu coração esse desejo de perfeição: pensa que poderá recuperar os seus ímpetus; mas não, nada disso, essa alma desce para o abismo.

E isto porque acumula obstáculos entre si e Deus. Porque, no caminho da perfeição, «quem não avança, recua». Bem sei que uma alma, apesar dessas interrupções, pode recuperar o seu fervor e reparar os seus períodos de imprudência, pois Deus é misericordioso. Mas isso pertence à misericórdia; e, na vida espiritual, são necessárias a sabedoria e a prudência. Vede, por exemplo, as virgens prudentes e as virgens insensatas; também estas últimas amavam, mas o seu amor não foi suficientemente constante.

A alma que verdadeiramente quer encontrar Jesus, iluminada pelo Espírito Santo, compreende que lhe importa muito não perder tempo em buscas vãs. Os menores atrasos constituem para ela uma desgraça ou um martírio. Nunca é demasiado cedo para encontrar Deus.

O DESEJO DA UNIÃO PLENA COM DEUS

Podemos pedir a união profunda com Deus, mas com uma condição: que seja oculta.

Convém aspirarmos a ela. Na união com Deus há vários graus, várias etapas a percorrer. Mas é preciso subir sempre. Podemos crescer constantemente nesta intimidade. Os teólogos, mesmo os mais severos, dizem que uma alma que já recebeu alguns dons místicos pode desejar a sua continuação.

Que pode haver de mais perfeito do que esta união, visto que a perfeição consiste em que cada um regresse ao seu princípio para nele encontrar a sua plenitude? Que pode haver de mais profundo, visto que tudo acontece no mais íntimo da alma, nesse santuário interior onde habita Deus? Que pode haver de mais puro, visto que esta união supõe a harmonia, o afastamento de tudo o que difere d'Aquele que é a própria santidade e visto que se realiza entre dois espíritos? Que pode haver de mais precioso, visto que por ela Deus Se dá à alma com todos os seus tesouros? Onde encontrar, então, mais luz, mais calor, mais energia, mais paz, mais alegria? «Para mim, o bem é estar unido a Deus.»

Sem dúvida, não convém impor-se a Deus; é inútil e prejudicial. Ele convida «de facto» quem Lhe apraz. Mas espera que O desejemos, que Lhe peçamos, que O chamemos, que preparemos a nossa alma por um amor delicado e generoso, constante e abandonado, e tem direito a isso.

Esse é, pois, o nosso dever. «Vem, Senhor Jesus.» Vigiai docemente e desejai-O sempre em paz.

O SEU CONVITE CHEGA À ALMA A PARTIR DO SEU PRÓPRIO INTERIOR

Mas como esperar realmente por Ti? Onde estás? Qual é o caminho que conduz até Ti? E ouço-Te responder-me: «Mas Eu estou dentro de ti! Se queres encontrar-Me, vem até onde habito e dar-Me-ei a ti.»

«Tu estás no interior, no mais íntimo da minha alma! Se eu pudesse compreender plenamente estas poucas palavras! Se soubesse separar-me de tudo, abandonar-me a mim mesmo, para depois avançar para Ti, aproximar-me de Ti e chegar ao menos até à porta do teu santuário, ó doce Trindade!»

DEUS É QUEM A ESCOLHE E QUEM A ATRAI

És Tu quem escolhe livremente as almas que queres transformar em tua morada permanente, aquelas que queres separar de tudo, purificar, enriquecer, elevar, receber em Ti, dentro de Ti, para que Te contemplem, de certo modo como Tu Te contemplas, para que Te amem do modo como Tu Te amas, e para que vivam — imperfeitamente, sem dúvida, mas realmente — da tua vida trinitária. «Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi...»

Sim, só Tu, meu Deus, és Aquele que começa, continua e termina esta bela obra. Sem dúvida que pedes o consentimento e, quando é oportuno, a colaboração da alma. Mas és Tu quem primeiro lhe ensina que possui no fundo de si mesma essa pérola preciosa, esse tesouro escondido do Evangelho.

Pois ela ignorava a sua verdadeira riqueza.

Ela não procurava a verdadeira felicidade onde ela se encontra. Vivia sobretudo no exterior e do exterior. Não vivia no interior nem do interior porque, verdadeiramente, não sabia. «Se conhecesses o dom de Deus!» Mas, pouco a pouco, foste instruindo-a e iluminando-a. E ela começou a compreender. Os seus olhos, maravilhados e extasiados, abriram-se. Horizontes totalmente novos, infinitos, apareceram-lhe numa luz suave e agradável. E não é que esta luz, pelo menos na maior parte das vezes, se projete sobre outras realidades que não sejam as da fé, mas quase faz ver e tocar essas realidades.

Tu, meu Deus, já não és para a alma um ser distante, vagamente entrevisto, abstratamente pensado, mas o Deus vivo e presente, a Verdade, a Beleza, a Bondade perfeita e concreta, a única Realidade que verdadeiramente merece esse Nome. A alma compreende então, de um modo prático, que Tu és o seu Tudo, que nada existe para ela fora de Ti e que a verdadeira riqueza consiste em possuir-Te. E então deseja-Te com um desejo ardente, imperioso, que ao mesmo tempo a surpreende, a assusta e a encanta.

PRESENCAS E AUSÊNCIAS DE DEUS

A vida espiritual, salvo na sua última fase, desenvolve-se assim: perdemo-Lo, procuramo-Lo e voltamos a encontrá-Lo: «Estás aí, meu Deus; sou feliz por saber que estás presente.»

Sim, Deus age desse modo. Vem e depois afasta-Se para que O procuremos novamente. Ah! quando compreendereis finalmente que devemos procurá-Lo por Ele mesmo e não pelo gozo que a sua presença proporciona?

Devemos receber as graças de Deus sem excessivo entusiasmo natural, para não nos sentirmos demasiado abatidos quando a graça sensível diminuir. Conservai sempre uma grande calma.

Deus só age na calma.

Quando Jesus Se esconde, temos de O procurar com todo o nosso coração. Não podemos viver sem Ele. Contudo, não podemos possuí-Lo sempre. Temos, pois, de O procurar, mas de O procurar sem cessar.

Encontrá-Lo-emos nessa alma obscurecida que iluminamos, nessa alma entristecida que consolamos, nessa alma abatida que encorajamos, ou nessa alma feliz em Deus que admiramos e até invejamos.

Encontrá-Lo-emos também no Tabernáculo, onde Se esconde e onde Se dá. Encontrá-Lo-emos em nós mesmos, no fundo do nosso próprio coração. Está ali de um modo misterioso, que não é o da presença eucarística, mas que, no entanto, é muito real. No fundo, a maneira de encontrar Jesus em toda a parte é levá-Lo connosco para toda a parte, sintamo-Lo ou não.

Não vos canseis de procurar Deus. Dizei-Lhe frequentemente que Se esconda no mais íntimo de vós mesmos e que vos faça saber, sem ruído de palavras, que Ele está verdadeiramente ali e que ali está para vós. Permitted-Lhe que ilumine, fortaleça e inflame a vossa alma. Pedi-Lhe que Se digne governá-la a partir desse fundo íntimo onde ao mesmo tempo Se oculta e Se revela.

O vosso sofrimento vem de não verdes. Fazei frequentemente esta oração do cego: «Senhor, faz que eu veja.» Então, por não sabemos que

meio, uma advertência sobre os vossos defeitos, uma leitura ou uma palavra de Deus iluminar-vos-á e dar-vos-á a luz que procurais.

O que me parece constituir um obstáculo é o medo. Por humildade, por timidez, temos medo de Deus. Não vemos n'Ele senão a Grandeza infinita, a Onnipotência, a Majestade, e esquecemos habitualmente a Bondade, a Misericórdia, a infinita condescendência desse Deus que Se fez homem por amor de nós. Ele disse: «Vinde a Mim todos», e nós temos medo de ir a Ele. Ele disse: «Eis este Coração que tanto amou os homens», e nós trememos por sermos amados por Ele. *Modicae fidei!*

NECESSIDADE DAS PURIFICAÇÕES PASSIVAS

Para amar a Deus, para amar as almas como convém, precisamos de um coração puro, desinteressado. Pureza dos sentidos, pureza do espírito e da intenção: essas são as duas condições e também os dois frutos da verdadeira caridade.

O amor que Deus derrama nas nossas almas é totalmente espiritual; é uma participação do seu Espírito. Sem dúvida, uma vez que Deus nos fez compostos de corpo e alma, de matéria e espírito, todo o afeto sobrenatural deve repercutir-se normalmente na nossa sensibilidade. Não é apenas a alma que ama, é o homem inteiro. E, se o pecado original não tivesse vindo perturbar a ordem estabelecida entre as nossas faculdades, não teríamos de nos preocupar em regular a nossa sensibilidade segundo a lei da razão e da fé. Pois essa regulação far-se-ia por si mesma e perfeitamente.

Mas, uma vez que a ordem foi perturbada, a primeira tarefa que se impõe é restabelecê-la. Visto que os nossos sentidos procuram a sua satisfação independentemente da razão e muitas vezes contra ela, é necessário discipliná-los por um esforço paciente e perseverante. São servidores, não senhores. Devem informar, executar, e não lhes compete mandar, muito menos perturbar. Sempre que se desviam do caminho reto, devemos reconduzi-los a ele, de boa vontade ou à força. E o melhor meio de os dominar consiste em privá-los. Ao princípio murmuram, resmungam e até procuram revoltar-se. Mas, se a vontade se mantiver firme, acabam por pôr termo à sua insubordinação. Pouco a pouco calam-se e acabam por obedecer. Em contrapartida, e de vez em quando, a vontade deixa chegar até

eles, na medida do possível, um pouco dessa felicidade com que o amor divino a embriaga; e isso é para os sentidos uma antecipação dos puríssimos gozos que o Céu lhes reserva depois da Ressurreição.

Mas a Graça prossegue a sua obra; esta vai do exterior para o interior, dos sentidos para a memória e sobretudo para a imaginação. A luta torna-se mais dura; também mais longa. O inimigo que temos de vencer possui uma agilidade e uma mobilidade incríveis. No momento em que julgamos tê-lo finalmente dominado, escapa-nos das mãos. E, contudo, é da máxima importância submetê-lo ao regime do amor. Compete, em particular, à imaginação fornecer ao nosso espírito os materiais de que este há de tirar todas as suas construções. Por sua vez, o espírito utiliza-a para dar relevo, cor e vida aos seus pensamentos, aos seus desejos, aos seus atos de vontade. As suas ordens passam através dela, e é ela que põe em movimento todas as faculdades de execução.

Nunca se dirá suficientemente quanto importa à alma que quer servir a Deus, tanto interior como exteriormente, disciplinar esta preciosa, mas terrível potência, mortificando-a.

É preciso, pois, que a imaginação aprenda também — ela mais do que qualquer outra — não a preceder, mas a seguir, não a ordenar, mas a obedecer, não a procurar aquilo que lhe agrada, mas a contentar-se com o que lhe quiserem dar. Se ainda a tua graça, meu Deus, para a purificar mais profundamente, a mergulha durante longos dias na amargura, no sofrimento e na noite, ela deve aceitar esta prova como justo castigo dos seus desvios, como necessária retificação dos seus caminhos oblíquos e tortuosos, e como indispensável preparação para o papel que doravante terá de desempenhar sob as ordens do teu amor. Esta educação divina durará todo o tempo necessário para que os fins que Deus procura fiquem assegurados. Mas também, que encanto para a alma interior quando, terminada esta tarefa, se vir finalmente libertada dessa importuna — quase se diria dessa louca — e quando se sentir rainha da sua própria casa, rainha obedecida, respeitada e amada!

Quando a sensibilidade ficou assim bem submetida às ordens do amor de Deus, ainda não foi dita, contudo, a última palavra da sua obra purificadora. A tarefa mais necessária ainda não foi feita, ou pelo menos

ainda não está terminada. Pois a desordem entrou no homem e instalou-se nele pelas faculdades superiores. Será preciso, portanto, que a Graça volte a subir até essas alturas, penetre até essas profundezas, para reparar o que o pecado destruíra e para restabelecer numa harmonia suficiente aquilo que dividira e opusera. Em vez de se tornar a medida das coisas, a inteligência terá de se adaptar à medida delas. Deverá entrar na escola das realidades saídas das mãos divinas e na das inteligências mais dóceis e mais penetrantes que, ao longo dos séculos, as estudaram e se esforçaram por vê-las tais como Deus, que as criou, as vê, isto é, a partir de dentro. Deverá, sobretudo, submeter-se à tua própria escola, meu Deus, Tu que és a eterna Verdade.

O que lhe importará conhecer acima de tudo és Tu mesmo. Mas ninguém Te conhece como Tu Te conheces. Ninguém senão Tu mesmo pode, pois, dizer o que Tu és. É certo que as criaturas já lhe falam muito de Ti, mas como hão de revelar-lhe aquilo que, no fundo, ignoram, isto é, a tua vida íntima? É certo também que, na tua bondade, Te dignaste enviar-nos os teus profetas e o teu próprio Filho amado para que Te explicasse. Mas a Ele e a todos eles foi absolutamente necessário empregar palavras humanas para cumprir tão santa missão, pois então falavam como homens que se dirigiam a outros homens. Como conseguir que o Ser Infinito que Tu és pudesse caber em algumas sílabas da nossa pobre língua! Tu transbordas delas por todos os lados. E aquilo que de Ti nos dizem, longe de acalmar a nossa fome, excita-a e aviva-a.

O ideal seria, pois, que pudéssemos entrar na tua escola, que nos tornássemos teus discípulos diretos, já que Tu estás disposto a tornar-Te nosso Mestre. Mas é então que se nos impõe a rigorosa purificação das nossas faculdades superiores, desde o próprio fundo da nossa alma. Porque Tu, meu Deus, és puro espírito, e espírito de santidade. E, para ser admitido na tua escola, para Te escutar, para Te compreender, para Te saborear, é preciso ser puramente espírito. Só que a nossa alma, mergulhada há tanto tempo na matéria, encontra-se já como que revestida de todas as suas formas. Já não sabe compreender e saborear senão aquilo que pertence à ordem das coisas que caem sob os sentidos. E, de tanto viver no sensível, esqueceu a sua vida própria, que é a vida de um espírito. É necessário, pois,

que o teu amor penetre nela para a purificar e até, ousaríamos dizer, para a refundir. Tarefa dura e transformação dolorosa, mas muito necessária.

DEUS ESVAZIA POUCO A POUCO A ALMA PARA SE ENTREGAR A ELA

Tu, meu Deus, afastas progressivamente a alma de tudo o que não és Tu. À sua volta e nela mesma faz-se o vazio. Nada que não sejas Tu lhe diz já alguma coisa. Os seus próprios exercícios de piedade deixam de ter para ela qualquer encanto. Já não a alimentam. Ao dar-se conta disso, enche-se de inquietação. Contudo, apesar de os realizar com pouca satisfação e pouco êxito, não os abandona, pois são para ela ocasião de pensar em Ti e de se aproximar de Ti. Ora, pensar em Ti, aproximar-se de Ti, constitui para a alma uma necessidade dolorosa e deliciosa. A partir de dentro, Tu exerces sobre ela uma misteriosa atração, de que ela se apercebe vagamente e que já não lhe permite dedicar-se às suas rezas e à sua oração como antes. Isto acontece porque o teu amor a envolve docemente e a coloca nesse repouso que é inteiramente novo para ela. Como é feliz então, apesar da sua perturbação! Gostaria de poder ficar sempre sob esse misterioso encanto, cuja origem e natureza não acaba de compreender. Diria de bom grado: «Senhor, como estamos bem aqui»; e por isso, quando o encanto cessa, o seu maior desejo é voltar a gozá-lo. Mas Tu não costumavas satisfazer imediatamente esse desejo. Contudo, se a alma souber manter-se na solidão interior, não tardará a visitá-la. Multiplicarás as tuas vindas, e de cada vez ficarás mais tempo. Se pudesses ficar sempre! E por que não? Acaso não é esse o teu desejo, meu Deus, e o fim que persegues constantemente, apesar das incompreensões e das resistências mais ou menos conscientes da alma? Tu és toda a felicidade. E quererias que toda a criatura capaz disso comungasse, o mais possível e quanto antes, nessa tua bem-aventurança que és Tu mesmo. Esperar pelo fim da vida é esperar demasiado para o teu amor. E por isso o teu amor invade pouco a pouco a alma fiel. Começa por se apoderar da vontade, potência feita para amar, e depois das restantes faculdades, para as unir a ela, ou pelo menos para não lhes permitir perturbá-la. E, se for necessário aos teus desígnios, chega a imobilizar os próprios sentidos, para que a alma, por aquilo que nela há de mais espiritual, possa ser toda do teu amor. Restabelecerás a harmonia mais tarde, quando tiveres feito a conquista total e quando Tu e ela sejais dois, mas num só espírito e num só amor.

Esta será a hora da união perfeita e permanente. Tu viverás a tua vida na alma e a alma viverá em Ti com a tua própria vida. E depois disso já não haverá senão o Céu.

DEUS ABRASA A ALMA

O amor de Deus é uma chama ardente. Antes de transformar a alma, destrói, abrasa, consome. Tudo o que lhe é contrário deve desaparecer. Este período da vida interior é particularmente doloroso. É uma época de purificação; a alma é lançada no cadinho; todas as suas escórias sobem do fundo à superfície; vê então toda a sua fealdade e saboreia cruelmente a sua amargura. Por vezes chega a ter a impressão de que essas manchas fazem parte de si mesma e de que jamais poderá livrar-se delas. Mas, no fundo, a alma é bela porque é pura, e a sua vontade tem horror a todo este mal.

A quem não visse senão o efeito destas duras tribulações, ela pareceria como que calcinada por esse fogo misterioso, enegrecida, sem forma e sem beleza. Está como desfigurada, deformada. Todos os pensamentos que pouco a pouco se tinham apoderado da sua mente e a tinham moldado à sua imagem, todos os afetos que se tinham infiltrado no seu coração e o tinham tornado semelhante ao seu objeto, todas as recordações que impregnaram a sua memória até ao ponto de a absorver, tudo isso desapareceu. Durante a prova, tudo foi cortado, arrancado, queimado. A alma já não é a mesma, e neste sentido é irreconhecível. Ficou feia com essa fealdade que resulta da privação de uma falsa beleza. Mas tornou-se bela com a verdadeira beleza, com aquela que é participação na Beleza de Deus. Só se destrói aquilo que se substitui. E a alma interior, despojada de tudo quanto constituía a sua riqueza aparente, começou a revestir-se da Beleza de Deus.

Para unir, o amor de Deus deve, antes de tudo, separar. E aqui já não se trata de afrouxar os vínculos que uniam a alma ao seu corpo, mas de penetrar no próprio seio da alma para libertar ali aquilo que nela há de mais perfeito: «o espírito», a fim de que a união com Deus, que é Espírito, possa realizar-se plenamente. Sobrevêm então angústias dolorosas, deliciosas, inexprimíveis. É uma vida nova que se insinua até às profundezas da alma e que nela tudo transforma. A alma já não se reconhece. É outra, embora continue a ser ela mesma. A impressão de morte é tão viva que grita por

socorro. Mas compreende que ninguém pode vir em seu auxílio. Precisaria do Céu, e ainda não chegou a hora.

E DEIXA-A RECAIR NA SUA MISÉRIA NATIVA

Por vezes, meu Deus, depois de teres elevado a alma interior até Ti e de lhe teres feito saborear os gozos da tua intimidade, luminosa e serenamente, apraz-Te deixá-la cair de novo, de repente, até ao fundo da sua miséria nativa. Envolvem-na então as trevas, o frio apodera-se dela e paralisa-a, e ondas de amargura sobem até aos seus lábios. Parece-lhe que a sua felicidade não passou de um sonho. Sente-se mais «pecadora» do que nunca. Tudo nela lhe parece fealdade e mancha. Nada é puro aos seus olhos, nem o que é, nem o que faz. Torna-se um oceano de tristeza.

Quem sabe se alguma vez voltará a conhecer a alegria dos dias felizes? Estão tão longe, e, em contrapartida, o mal está ali, tão real, tão universal, tão tenaz e tão profundo...! É certo que, no mais íntimo de si mesma, lhe resta uma esperança surda, mas é tão débil que mal se atreve a acreditar nela.

ACEITAI EM PAZ A PROVA

O sofrimento que provém das vossas tentações ser-vos-á útil desde o momento em que rejeiteis, por um ato da vontade, tudo aquilo que em vós se revolta contra Deus. A caridade e o egoísmo combatem um contra o outro. E a vossa alma é o seu campo de batalha consciente. Daí vem a dor, que é um efeito, não uma causa. É o necessário resgate da purificação. Mas pensai que a união, pelo menos a das duas vontades, está no termo e se realiza no meio desse estrondo. E que essa união é tudo para vós.

Aceitai esse estado que Deus quis para vós, entre o Céu e a terra. Renunciai cada vez mais às alegrias deste mundo e esperai em paz, confiantes e até com alegria, as tão consoladoras visitas de Jesus. Porque esse é o Calvário. Essa é a lei rigorosa do progresso. E esse é o caminho da verdadeira união.

Permanecei, pois, nele, custe o que custar; não saiais dele jamais, sob pretexto algum. Esperai, esperai, amai. «Não era necessário que o Messias

sofresse tudo isto e entrasse na sua glória?» O discípulo não está acima do Mestre. Pode acontecer que vos sintais muito longe de Deus e que, no entanto, vos aproximeis realmente d'Ele.

Não, não estais fora do vosso caminho. Pelo contrário. Caminhais nele, mas não o vedes. Não tendes consciência senão da obscuridade e da amargura. Mas Deus faz a sua obra. A sua luz cega-vos. A sua doçura faz-vos experimentar essa impressão de cinza e de fel. Deus está dentro de vós e fortalece-vos. Acreditai nisso simples e humildemente. Para onde vos leva? Para Ele. Sede pacientes. Ocultai a vossa prova. Se puderdes, sorride exteriormente, mas ficai persuadidos de que ninguém pode intervir. Deus está a trabalhar; é preciso deixá-Lo fazer a sua obra. De resto, nada O deterá. Só vós podeis apressá-Lo, amando e dizendo: «Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade.» Acreditai de novo que este é um processo de amor. Ele humilha-vos, purifica-vos no sentido espiritual e universal da palavra, fortalece-vos e tempera-vos. Sofrereis tanto mais quanto mais considerável for a tarefa a realizar e quanto mais a fundo tiver de ser feita, mas tudo isso será para a vossa verdadeira felicidade. Sereis felizes quando já não fordes vós mesmos e quando tudo em vós tiver sido transformado. É preciso orar, santificar-se e esperar.

Não é bom analisar e pormenorizar as próprias provas. Vale mil vezes mais concluir de uma vez, orar e dirigir-se direta e imediatamente a Deus. Temos de nos voltar francamente para Deus e dar-nos totalmente a Ele, apesar da repugnância da natureza.

Orai, perscrutai o fundo do vosso coração; consultai, lede se for necessário. Mas o que sobretudo vos iluminará será a oração confiante.

CONTEMPLAÇÃO FELIZ E CONTEMPLAÇÃO DOLOROSA

Pode haver contemplação feliz e contemplação dolorosa, e, por vezes, esta última ocultará em parte os fenómenos místicos. Mas parece que, mesmo na contemplação dolorosa, há consciência da união, pelo menos no ponto mais alto da alma, pois sem isso os Santos não poderiam suportar o peso de sofrimento que Deus lhes impõe.

Parece que não há Santo canonizado em quem não se tenha reconhecido esta ação mística de Deus. Podemos desejar a ação direta dos dons do Espírito Santo, no sentido em que levam a alma ao exercício máximo da caridade. Muitos autores previnem, com razão, contra o sensível nas consolações espirituais, mas não se devem incluir nesta desconfiança as consolações superiores, contanto que não nos apeguemos a elas.

É possível viver habitualmente na presença de Deus sem que os dons do Espírito Santo se movam conscientemente como tais e sem que seja necessário termos luzes especiais de que nos apercebamos.

Mas também o inverso pode ser verdadeiro. Eu diria então que é possível ser contemplativo sem ser muito virtuoso e que é possível ser virtuoso sem ser ainda contemplativo. Depende de tantas coisas!... Das faculdades atingidas pela ação de Deus, da reação do temperamento, do carácter, da vontade...

PALAVRAS DE DEUS À ALMA

Parece-me, meu Deus, que mais de uma vez aprovou já ao teu amor falar à minha alma. Acontecia geralmente na hora em que eu menos pensava em Ti. De repente, no mais profundo do meu coração, ouvia espiritualmente uma voz doce e forte, precisa e penetrante, que me dizia uma palavra, sim, por vezes uma só. E a minha alma, surpreendida, inquieta e feliz ao mesmo tempo, sentia-se transformar, ao ser ou cumprir aquilo que essa palavra lhe indicava: «Ama, escuta; cala-te, segue-Me; procura no fundo de ti, tem confiança; Eu sou Pai, também tu o serás; dá-te a Mim e Eu dar-Me-ei a ti, esconde-te dentro de Mim e dá-Me, de mãos cheias, às almas.»

Ó palavra do meu Deus, como és doce para o coração que ama! Como és também forte! Tu realizas aquilo que significas. Tu beatificas!

ÊXTASE E ORAÇÃO

Enquanto não concedes esta graça à alma, por muito perto que esteja de Ti, ela apercebe-se de que não está totalmente tomada por Ti. Sente como que um mal-estar espiritual, como uma espécie de insegurança. Não

quereria ser perturbada na sua doce ocupação. Mas poderia acontecer que o fosse. Teme-o. E o seu temor é fundado. Ainda não estão quebrados todos os vínculos com aquilo que não és Tu. Mantém ainda certa comunicação com este mundo sensível que nada lhe pode dar e que, pelo contrário, poderia voltar a chamá-la a si, ai!, arrebatando-lha tudo. Sem dúvida, esse temor é débil, surdo, quase inapreensível, mas existe. Faz sofrer, é um entrave. Verdadeiramente, a alma não pode elevar-se para Te falar à vontade, quando sente dentro de si um desejo tão vivo de o fazer.

Ao passo que, quando Te dignas desligá-la por completo, ainda que seja apenas por um instante, que alegria ao encontrar-se a sós Contigo, quase face a face, e ao poder dizer-Te sem palavras tudo o que guarda para Ti no coração há tanto tempo! Faz então como se Tu nada soubesses disso. Diz-Te tudo. Abre-se até ao fundo. Olha, Pai, tudo é teu, tudo é para Ti! Já não há criaturas que possam estorvar o teu olhar e ferir o teu Coração. Já não há nenhum obstáculo entre nós. Eu falo-Te e Tu escutas-me. Eu olho-Te e Tu contemplas-me com complacência. Ninguém nos ouve, ninguém nos vê. Ninguém sabe que estou aqui Contigo, em Ti. Vêem-no os anjos..., vêem-no os Santos... Mas eles não saberão da nossa intimidade senão aquilo que Tu quiseses revelar-lhes. Além disso, o seu olhar não é indiscreto; pelo contrário, sentem-se felizes com o que vêem. E, se for necessário, estimularão a minha alma a louvar-Te, a bendizer-Te, a amar-Te ainda mais.

Ó meu Deus!, visto que a oração não é senão a explicitação de um desejo, não se Te pode explicar bem o nosso desejo de Te amar, não se pode orar bem senão em êxtase.

Sim, meu Deus, que o nosso coração se funda de amor por Ti. Que, para ser mais livre de Te amar sem entraves, a nossa alma deixe o seu corpo e se lance em Ti como no foco do amor. Que morra ali totalmente para já não viver senão em Ti e por Ti! Ó amor, as palavras são demasiado pequenas para Te conter, e por isso as despedaças; são demasiado débeis para Te exprimir, e por isso as esmagas! Mas é para maior glória delas, pois proclamam assim, pela sua própria impotência, a tua grandeza e a tua força.

Ó Amor de Deus, vem, faz a tua obra, abrasa-me, consome-me, devora-me, arrebatame. Eu entrego-me a Ti, até ao fundo, para todo o sempre, com um âmen infinito!

GRAÇAS MÍSTICAS E ATIVIDADE EXTERIOR

No princípio das mais altas graças de oração, Deus começa por absorver toda a atividade exterior. Há uma inversão. Deus distrai-nos das criaturas e das nossas ocupações, como, infelizmente, as nossas ocupações e as criaturas nos distraíam habitualmente de Deus. Quando o género de vida não permite este estado de absorção, Deus tem compensações. Mas age assim, ao menos durante a oração. Por exemplo, Santa Catarina de Ricci. Nem a Santa nem os seus superiores se davam conta do que nela se passava. Era aquilo uma completa ligação.

Depois sobrevém um estado de mal-estar. A ação de Deus embaraça a ação da alma sem a suprimir por inteiro.

Por fim, Deus, Senhor absoluto da alma, devolve-lhe a posse completa e perfeita das suas faculdades, sem que ela abandone a união divina. Produzem-se então obras excelentes, sem proporção com as forças humanas, como as fundações de Santa Teresa e da Venerável Maria da Encarnação.

A alma entregue totalmente a Deus e ao serviço do próximo vive ao mesmo tempo e sem esforço em dois mundos diferentes.

Quando, nos casos de união total, há êxtase, já não há uso dos sentidos. Mas não se confunda a levitação, a rigidez dos membros, com o êxtase. Pois estes fenómenos não são necessários. Pode haver um desprendimento quase completo dos sentidos sem que os outros se apercebam. Poder-se-ia crer num adormecimento, pois a vida física está diminuída, os sentidos têm apenas um papel enfraquecido, amortecido, e até o vizinho pode não se dar conta de nada.

Este estado dura pouco, mas, com alternativas de recuperação das faculdades, pode prolongar-se muito tempo.

Mas o ato da união não pode durar indefinidamente sobre a terra. A união, certamente, é atual; é um estado que supõe um ato infuso de amor de Deus. Podemos compará-lo a uma corrente subterrânea, ou a um braseiro de brasas muito vermelhas sob a cinza. De vez em quando irrompem dele

feixes de chamas; mas, se houvesse continuamente chamas, a vida não as resistiria. São João da Cruz diz isso expressamente. Mas o braseiro é ardente e a sua irradiação pode ser muito grande.

OS «PIANISSIMOS» DA UNIÃO: NOVAS BUSCAS DE DEUS

A intimidade consciente da alma com Deus não se mantém constantemente no seu grau máximo. Pois, embora em certas horas seja muito viva, de ordinário é antes latente, surda, semiconsciente. Numa palavra, ainda não é perfeita. Nesses momentos demasiado longos, que poderiam chamar-se os «pianíssimos» da vida interior, a união continua a existir. Deus continua a ser o bem da alma, e a alma continua a ser o bem de Deus. Deus não duvida da alma, como a alma também não duvida de Deus. De uma parte e da outra continua a existir a mais delicada fidelidade.

E, contudo, por vezes o Esposo divino parece afastar-se. Se alguém perguntasse então à alma interior: «Onde está o teu Deus? Não te abandonou?», ela responderia com toda a sinceridade do seu coração: «É certo que já não gozo tão vivamente da sua presença. Mas Ele não me abandonou. Pois sei onde está e o que faz: apascenta entre açucenas».

Pois Jesus tem outras ovelhas que ama e de que Se ocupa. E elas constituem o seu rebanho.

Mas Deus continua a esconder-Se e passam as horas. A esperança persiste no nosso coração.

Visto que Deus Se esconde, não teremos de O procurar? E, se continua sempre a esconder-Se, como é seu direito, não será necessário que continuemos sempre a procurá-Lo, como é nosso dever?

A alma interior deve então, sobretudo, proclamar bem alto e sinceramente, apesar de lhe custar, o direito do seu Deus a entregar-Se quando Lhe apraz. Ainda há pouco lhe bastava recolher-se, voltar-se para o fundo de si mesma para ali encontrar o seu Deus e gozar em paz a alegria da sua presença e da sua posse. Mas eis que agora, por mais que faça para voltar a esse fundo íntimo que é como o lugar do seu repouso, para nele encontrar «Aquele que o seu coração ama», fica ali sozinha, porque Deus

assim o quer. Momentos dolorosos da vida interior, nos quais parece que as graças de outrora não passaram de um relâmpago que se apagou na noite e que nunca mais voltará a brilhar! Se a força divina não a sustentasse sem ela o saber; se a paz, uma paz de fundo, não lhe desse uma certa segurança de que tudo está bem assim, a alma interior abandonaria a sua busca e desanimaria. Mas não devemos fazer tal coisa; temos de perseverar sempre.

A alma interior não pode resignar-se à ausência de Deus. Procurou-O onde costumava encontrá-Lo, onde Ele Se dignava entregar-Se a ela, isto é, no fundo de si mesma, mas foi em vão. Que fará então? Permanecer numa estéril inação é impossível. O amor que não atua não é verdadeiro. Visto que o Amado não vem até à alma, a alma irá até Ele. Levantei-me e percorri a cidade... procurando o Amado da minha alma. Mas onde está Ele? Que direção tomar para O encontrar? Não pode estar senão nessa cidade que é a sua, na cidade de Deus: «Se déssemos a volta à cidade, se visitássemos depois todas as praças, se percorrêssemos, uma por uma, todas as suas ruas, não teríamos a sorte de O encontrar?»

E assim começa essa busca ardente. A alma interior espera encontrar Aquele que ama, antes de tudo, no Céu, pois Ele ali vive. E perscruta tudo. Percorre-o em todos os sentidos. Suplica aos anjos e aos Santos, sobretudo à Santíssima Virgem Maria, que lhe façam descobrir o seu Deus. Eles escutam-na com bondade. Compadecem-se dela. Animam-na muito a perseverar. Mas parece que foi dada uma ordem a todos os seus amigos da Cidade celeste: «Calar-se.» O seu silêncio é como um véu que envolve e recobre o Santo dos Santos. A alma compreende que, apesar do seu vivo desejo e da sua insistência, esse véu não se levantará. Tu, meu Deus, és um Deus escondido. Só Tu podes fazer luz nas trevas e mostrar-Te à alma que Te ama. Quando o farás?

A alma volta-se então para as almas do Purgatório. Talvez elas lhe digam onde se encontra o seu Deus e como deve engenho-se para O descobrir. Mas, ai!, também aí não tem mais sorte. «O mal de que padeces — respondem-lhe essas almas — é o mesmo que nós sofremos. Não nos preocuparia o fogo que nos atormenta se possuíssemos Aquele que também nós tanto amamos. O que aumenta a nossa pena, como aumenta a tua, é não sabermos quando esse Deus, tão justo e tão bom mesmo nos seus rigores,

Se dignará enfim entregar-Se a nós. Parece-nos que o nosso “mal de amor” nunca será curado. Pobre alma!, diriges-te a quem é mais desgraçada do que tu. Se o teu Esposo Se dignar devolver-te a alegria da sua doce presença, lembra-te de nós e diz-Lhe que venha buscar-nos quanto antes.»

É necessário, pois, que voltemos a esta terra e que batamos à porta dessas almas que sabemos estarem perto de Deus. De ordinário, também elas se escondem. Ocultam sobretudo cuidadosamente o segredo da sua vida. Contudo, pressentimo-las. Meio adivinhamo-las. E discretamente, por medo de que se nos fechem, interrogamo-las: Como faremos para descobrir o retiro de Deus? Como atrairemos para nós esse Deus tão bom? Como O reteremos? Como voltaremos a chamá-Lo se estiver afastado? Haverá certamente uma arte de Lhe agradar e de O conquistar. Conheceis alguém que pudesse e quisesse ensiná-la? Desejo tanto aprendê-la, pagaria tão caro por sabê-la! Quem terá compaixão de mim? Quem iluminará o meu caminho, quem me estenderá a mão, quem me conduzirá até ao termo? Quem me permitirá encontrar, por fim, um Diretor?» E todas essas perguntas ficam sem resposta. Pois as melhores almas são impotentes para a dar enquanto Deus não quiser fazê-lo. E a alma desolada continua assim a repetir o grito doloroso do seu coração: *Procurei-o e não o encontrei.*

DEUS QUER QUE A ALMA INTERIOR ESTEJA SUBMISSA

Deus quer que a alma interior esteja humildemente submetida, como uma criança, àqueles que O representam legitimamente sobre a terra. Estava à espera desta última atitude para recompensar todas as outras de uma só vez. Aliás, agrada-Lhe intervir quando toda a esperança parece perdida. Afirma assim a sua independência absoluta. Quer que saibamos bem que é livre de dar quando Lhe apraz e como Lhe apraz. A alma não o ignora. E deixa assim ao seu Deus o cuidado de determinar a hora da recompensa. Entretanto continua o seu caminho e prossegue a sua busca. E eis que o seu ardente desejo é atendido. De repente encontra-se face a face, por assim dizer, com o seu Deus. E, como outrora Maria Madalena, ouve-Se chamar pelo nome. E não consegue dizer mais do que esta única frase: «Meu Deus!»

Que alegria, meu Deus, para uma alma que Te procurou durante tanto tempo e tão dolorosamente, encontrar-Te por fim! Se refletisse, mal se atreveria a acreditar na sua felicidade. Mas não reflete. A tua presença paralisa, de certo modo, o seu pensamento. Tu estás ali. Os seus olhos interiores fixam-se em Ti. Já não veem senão a Ti. Estão totalmente cativados. Não conseguem desprender-se de Ti. É tão bom, tão benéfico, tão doce contemplar-Te, ó meu Deus, ó «Beleza sempre antiga e sempre nova!» Além disso, ver-Te, ainda que dessa maneira imperfeita e velada que o nosso exílio permite, não é já possuir-Te? É isso que experimenta a alma bem-aventurada diante da qual Te dignas aparecer. Parece-lhe verdadeiramente que aquilo que assim vê já o possui e que realmente toma posse dele. E isso não é uma ilusão do seu coração.

O DESEJO TORTURANTE DE DEUS

No início da vida interior, o desejo de Deus é fraco. É algo surdo, quase impercetível. A alma sente como um mal-estar misterioso e suave que não consegue definir. Sente-se minada no mais íntimo de si mesma. Porquê? Não o sabe claramente. O amor de Deus está a agir no seu coração, mas como um fogo que incuba sob a cinza. De vez em quando salta uma faísca: um impulso eleva a alma até Deus. Depois tudo se acalma. A obscuridade envolve novamente o fundo da alma. Contudo, o trabalho interior não se interrompe. Prossegue lenta e obscuramente, mas com segurança. O desejo de Deus aumenta: invade pouco a pouco toda a alma. E não tardará a manifestar-se de novo.

Entretanto, esse desejo de Deus não permanece inativo. Se pudéssemos penetrar nesta alma, veríamos que é ele quem inspira, dirige e vivifica tudo nela. A alma volta-se para Deus sem descanso. Procura-O sempre. É como uma fome dolorosa. Como uma sede abrasadora. Como uma misteriosa doença que nada cura e tudo aumenta. Está presente a cada instante. Não a deixa repousar nem de dia nem de noite. Mesmo quando a alma parece distraída da sua dor pelas ocupações exteriores, continua a senti-la surdamente no fundo de si mesma. A sua ferida é profunda, a sua chaga permanece sempre viva. Como sofremos quando Te amamos, meu Deus! Mas também, como é feliz sofrer assim!

Chega, por fim, um momento em que este sofrimento se torna intolerável. Acaba por explodir. A alma geme, chora. Clama em alta voz a sua pena. Parece-lhe que, abrindo assim o seu coração, virá de fora um pouco de ar fresco para temperar o fogo do seu amor. Mas todos esses esforços apenas agravam a sua feliz enfermidade. Compreende mais claramente do que nunca que só Aquele que causou a sua ferida pode também curá-la. Pois a alma tem fome e Ele é o seu alimento. Tem sede e Ele é a sua bebida refrescante. É pobre e Ele é a sua riqueza. Está triste e Ele é o seu consolo e a sua alegria. Agoniza e Ele é o seu amor e a sua vida:

«Quando virei e contemplarei a face de Deus?» «Morro porque não morro.»

**SOFRIMENTOS PURIFICADORES, SOFRIMENTOS REDENTORES E
APOSTÓLICOS**

Na minha opinião, o que torna tão longos e tão terríveis os sofrimentos do Purgatório são os apegos conscientes, as infidelidades direta ou indiretamente voluntárias, as resistências, tudo aquilo que constitui falta de conformidade entre a nossa vontade depravada e a vontade de Deus.

Nas almas que conseguiram elevar-se até um grau suficientemente alto de união mística, o desprendimento de tudo o que é criado pode realizar-se sobre a terra com uma impressão crucificante muito dolorosa por duas razões:

Em primeiro lugar, por muito purificada que uma alma nos pareça, pode ainda ter, aos olhos de Deus e aos seus próprios olhos, alguns vínculos que a retêm e aos quais deve renunciar a todo o custo. Os sábios modernos dizem-nos que em cada centímetro cúbico de água existem sete a oito mil milhões de micróbios que, no entanto, não vemos. Pois no plano espiritual acontece o mesmo: também não vemos esses átomos que, aos olhos da santidade de Deus, parecem montanhas, e na realidade o são. «Porque tanto faz que uma ave esteja presa por um fio fino ou por um fio grosso; porque, embora seja fino, estará tão presa por ele como pelo grosso, enquanto não o quebrar para voar.» Provações que são como a tradução, para linguagem humana e para sofrimento humano, do horror que Deus tem ao menor pecado.

Outras vezes, a alma está realmente purificada. E, embora sofra, não tem a impressão de estar separada de Deus. A profunda alegria que tem de Lhe pertencer não pode perder-se. Essa alegria coexiste com a dor mais intensa. É como quando Jesus conservava a visão beatífica no Getsémani e na Cruz. As provas, sofrimentos e tentações de toda a espécie que sobrevêm já não são purificadores, mas redentores. Vistos de fora e superficialmente, têm o aspeto de provas e tentações de principiantes, mas são apostólicos, pois trata-se de almas que se oferecem por outras almas e que sofrem exatamente aquilo que a alma pecadora ou principiante sofreria naquele estado. É o caso de São Vicente de Paulo quando padeceu, segundo creio, aquela terrível tentação contra a fé durante dois anos. Ou o da última prova de Santa Teresa do Menino Jesus, que mereceu um novo florescimento da fé no mundo. Pois, quanto a ela, estava certissimamente purificada. Ou o da Venerável Maria da Encarnação quando se ofereceu pelo seu filho e por outra alma. Essa irradiação apostólica é certa, mas não é infalivelmente atendida para determinada pessoa em particular.

Segundo São João da Cruz, a alma elevada ao matrimónio espiritual chegou ao estado perfeito, embora ainda possa aumentar a sua caridade, como um homem que atingiu o seu pleno desenvolvimento. Pode ainda merecer e produzir frutos cada vez mais saborosos e abundantes. Mas a sua purificação terminou; a estrutura interna da graça, das virtudes e dos dons está concluída.

ALEGRIA NO SOFRIMENTO QUE CONDUZ A DEUS

Eu, meu Deus, não devo proclamar-Te grande, liberal e magnífico apenas no momento em que Te dignas visitar-me e fazer-me saborear a alegria da tua doce presença, mas também, e talvez sobretudo, quando Te apraz abandonar-me e deixar-me sozinho nas trevas, na noite fria e sem fim.

Pois, faças o que fizeres, Tu és sempre grande, liberal e magnífico. No fundo de todo o sofrimento que vem de Ti escondes uma graça e uma alegria. Se eu tiver coragem, se souber compreender, se souber aceitar e amar, então a dor arranca-me de mim mesmo, faz-me atravessar a zona vazia, eleva-me acima de tudo e leva-me até Ti, para me depositar nos teus braços e sobre o teu Coração.

Sim, meu Deus, do mesmo modo que há um êxtase de alegria, há um êxtase de dor. «A minha alma glorifica o Senhor.»

Que importa o caminho que conduz até Ti, meu Deus, desde que chegue a Ti? Não será acaso o mais curto e o mais seguro o do sofrimento? Haverá algum ponto do mundo mais próximo do Céu do que o Calvário? E se, para entrares na tua glória, Te foi necessário sofrer, ó Jesus!, como podemos nós esperar chegar a ela por outro caminho? Mas que importa, mais uma vez, no fundo? Aproximar-se de Ti, meu Deus, unir-se a Ti, ser admitido na tua intimidade; tudo está aí e só aí está tudo. Pois um só instante de vida divina faz esquecer tudo; esse é o cêntuplo que prometeste, meu Deus, e que já nos dás neste mundo. Deixa-me dizer-Te a minha alegria, a minha felicidade, a minha embriaguez, por me sentir em Ti, por Te sentir em mim. Tu nada me deves. Eu mereço, sim, castigos. E Tu dás-me tudo. Sei-o, sinto-o, percebo-o, saboreio-o.

LEVANTA-TE, MINHA AMADA

Levanta-te já, minha amada, minha formosa, e vem:
porque já passou o inverno e cessaram as chuvas.
Já brotaram na terra as flores,
já chegou o tempo da poda
e já se ouve na nossa terra o arrulhar da rola.

O INVERNO ACABOU

O inverno é a estação das trevas e do frio. As noites são longas, os dias são pálidos. Já não há folhas, nem flores, nem frutos. Os passarinhos calam-se. Tudo está adormecido, tudo parece morto. Também a alma interior teve o seu inverno. Conheceu os obscurecimentos do espírito, os letargos do coração, essas horas em que tudo estava frio, em que tudo parecia morto nela. Já não havia luz, nem calor, nem vida. Deus escondia-Se. A alma estava sozinha num deserto sem caminho, fustigada por todos os ventos, sacudida por todas as tempestades. Era a hora dos misteriosos abandonos; era a agonia; era o Calvário. Mas era necessário viver essa hora para entrar na glória.

Mas o inverno acabou para sempre! E és Tu, meu Deus, que Te dignas anunciá-lo à alma! E a tua palavra não pode enganar. Tu és a própria Verdade. Além disso, a alma tem suficiente capacidade para compreender o que isso significa. Poderão ainda sobrevir alguns regressos de trevas e de frio, porque a terra não é o Céu; mas esses momentos de provação serão pouco numerosos e não durarão. O inverno acabou. Graças, meu Deus! Que as almas passem por esta rude estação é uma necessidade imposta pela tua Sabedoria, mas que faz sofrer o teu bom Coração. Estás como que impaciente por ver afastar-se esse duro inverno. E, logo que podes, ordenas-lhe que parta. É então para Ti sumamente agradável anunciar Tu mesmo à tua filha que a sua provação terminou e que os dias belos já não tardarão a chegar.

Entre o inverno e a primavera medeia o período das chuvas. Faz menos frio; está menos escuro. Os dias tornam-se mais longos; de vez em quando brilham alguns raios de sol. Mas, geralmente, cai uma chuva cinzenta, monótona e persistente. Mal se pode sair. O horizonte está fechado, muito perto, como ao alcance da mão. No plano espiritual, a alma interior conhece uma estação muito semelhante. No seu espírito há menos trevas; no seu coração, menos frio. De vez em quando, parece-lhe que as coisas vão mudar, e para melhor. Mas, na maior parte das vezes, envolve-a um véu cinzento. Não vê muito longe diante de si. Que haverá por detrás dessa cortina sem desenhos nem cores? Suspeita-o, mas não o sabe. A espera é longa, monótona, um pouco fatigante para a imaginação. O coração permanece fiel e até o é cada vez mais. Mas a alma anseia por sair desta espécie de prisão. Quando virás, Jesus?

E Jesus vem. Anuncia à alma que a estação das chuvas «terminou», que desapareceu definitivamente. E apresenta logo a prova: «Já despontaram as flores na terra». A alma, com efeito, já não é essa terra endurecida pelos frios ou encharcada pelas chuvas. Assemelha-se ao campo na primavera. Está coberta de flores. A campainha, corajosa e cheia de esperança, vê desabrochar ao seu lado a humilde, tímida e perfumada violeta. Surge depois o meditativo amor-perfeito e o gracioso cravo que volta a sua cabeça, um pouco pesada, para o sol, como imagem da alma, transbordante de vida interior e pronta a abrir-se. Aparecem depois o puríssimo lírio e, por fim, a rosa primaveril da caridade. As flores das virtudes manifestam-se na

alma por toda a parte. Formam para ela um adorno incomparável. É este um dos mais belos espetáculos que existem no mundo. A primavera de uma alma interior é algo de arrebatador.

Neste momento da vida espiritual, os olhos da alma abrem-se para o mundo. Vê a terra salpicada de almas em flor. Aquilo que ela é agora, são também outras. Aquilo que capta em si mesma da ação divina, contempla-o com alegria noutras almas. Fica admirada, encantada por tão belo espetáculo. Tudo o mais desaparece aos seus olhos; já não vê senão isso. Depois, à medida que as virtudes se vão desenvolvendo nela, os seus olhos abrem-se mais, o seu olhar torna-se mais penetrante. Observa muito melhor a variedade das formas, a riqueza dos matizes e a harmonia das cores. Desenvolveu-se nela um misterioso tato. Uma pequenez basta-lhe para adivinhar onde está a obra de Deus nesta ou naquela alma. Parece-lhe também que está dotada de um sentido novo para captar os aromas espirituais, tão variados como as virtudes e como as almas. Pois para ela existem verdadeiramente flores do Céu sobre a terra.

Quando a alma tinha frio, quando era envolvida pela chuva enevoada e triste da provação, não sabia senão gemer dolorosamente ou calar-se; mas agora tudo mudou. Deus, o seu verdadeiro sol, ilumina-a, aquece-a, alegra-a. Não é esta a hora de proclamar bem alto a sua felicidade, de cantar? Sim, na verdade, «chegou o tempo do canto». E agora a alma interior canta. Começa já na terra o cântico de amor da eternidade. É esta uma melodia misteriosa. O grau de harmonia da sua vontade com a vontade de Deus é a sua tónica. Quanto mais perfeita é a união, mais se eleva essa tónica. Feliz a alma cuja ação tende cada vez mais para a completa realização da vontade divina! A sua voz eleva-se até à altura do Céu, e essa última nota é a que agrada ao ouvido de Deus. Com ela termina aqui em baixo a melodia, mas para recomeçar lá em cima, para sempre.

Para animar a alma interior a segui-Lo, o Esposo faz-lhe ainda notar que já se ouve o arrulhar da rola. Ela não teria abandonado os seus refúgios de inverno se a primavera não tivesse chegado. Ambos obedecem à mesma lei. O canto da rola tem algo de doce, pacífico, constante, agradavelmente monótono. Dir-se-ia que é a voz de um afeto seguro de si mesmo, que para se saborear não necessita senão de repetir-se sem brilho, quase sem ruído,

mas também sem interrupção. No fundo da alma interior há uma voz muito semelhante. Canta docemente e como muito baixo uma melodia muito simples, que se contenta com algumas notas muito próximas umas das outras: «Ó Amor, amo-Te! Meu Deus, meu Tesouro, meu Tudo, meu Amor!»

III. A UNIÃO COM DEUS

DEUS, ÚLTIMO CENTRO DA ALMA

Do mesmo modo que, segundo dizem, a pedra tende pelo seu peso para o centro da terra e para ele se precipitaria por si mesma, como para o lugar do seu repouso definitivo, assim também a nossa alma tende para Ti, meu Deus, com todo o peso do seu amor. Nesse movimento que a leva para Ti podemos considerar alguns centros sucessivos, que são como marcos de etapa, ou pontos provisórios de repouso, a partir dos quais a alma se lança de novo para Ti, meu Deus, com uma visão mais clara do seu fim, com um amor mais impaciente e com desejos mais ardentes que imprimem à sua marcha para diante uma misteriosa aceleração. Mas, de etapa em etapa, de morada em morada, de centro em centro, a alma chega por fim até Ti. E então o seu movimento detém-se. Já não tem razão de ser, porque a alma chegou ao termo dos seus desejos e do seu caminho. Chegou ao seu fim. E então repousa nele, na posse definitiva e pacífica do seu Tesouro e do seu Tudo.

DEUS, MORADA DA ALMA

Deus, com efeito, reservou para Si, no fundo da alma, uma morada na qual nem a própria alma pode entrar sem uma autorização especial sua. E é precisamente aí que introduz então a alma, já não por alguns instantes, mas para sempre, segundo ela crê. Deus revelou-lhe primeiro a existência dessa morada. Despertou depois nela um ardente desejo de nela entrar.

Esse desejo cresceu. E, depois de duras provas, acaba de realizar-se. A alma entrou finalmente na casa do seu Pai. Tem então a impressão de que nela vai habitar para sempre. Mas há mais. Porque a casa de Deus é o próprio Deus. É, pois, n'Ele mesmo que faz entrar a sua filha. A frase de São Paulo torna-se então para a alma uma realidade tangível, quase se diria vivida: *N'Ele vivemos, nos movemos e existimos*. Viver em Deus é, doravante, a sua herança. Assim, o repouso, o refrigerio e o alimento da alma é o próprio Deus. A alma sente que acaba de receber novas forças; que a vida, uma vida divina, circula nela em vagas sucessivas. Parece-lhe, e não

sem razão, que o seu Deus a conduziu até ao mais íntimo de si mesma e que ela Se apoderou d'Ele nesse lugar misterioso onde se confundem o finito e o infinito, quando Deus estava inteiramente ocupado, como a mais terna das mães, em dar à sua filha a vida, a força, a paz e a alegria. E então, felicíssima, a alma exclama: O próprio Deus restaura a minha alma.

INTIMIDADE

Cessa então a busca e começa a posse. Pois já não na ordem do ser, mas na ordem do conhecimento e do amor, a alma e Deus não constituem mais do que uma só unidade. São duas naturezas num mesmo espírito e num mesmo amor. Surge assim uma profunda intimidade, a comunhão perfeita, a fusão sem mistura nem confusão. Estamos n'Ele e Ele está em nós. Somos tudo o que Ele é. Temos tudo o que Ele tem. Conhecemo-Lo, quase O vemos. Sentimo-Lo, saboreamo-Lo, gozamo-Lo, vivemo-Lo, morremos n'Ele. Pois, efetivamente, esta seria a hora da morte, se Ele não quisesse que continuássemos a viver aqui em baixo. Mas essa vida que vivemos temos de a dar, e por isso permanecemos. Porém, quando a obra divina tiver terminado, cairá o último véu e sobrevirá a posse perfeita da vida inteira, possuída de uma só vez.

Quanto mais avançamos, mais saboreamos a perfeição de Deus. É como uma invasão progressiva, com momentos de aparente interrupção. Depois vem uma nova vaga, que chega mais longe do que a primeira e parece partir de mais fundo. Nada é tão suavemente impressionante como essa expansão da ação divina que parte do mais íntimo da alma e se apodera até da zona que confina com o mundo sensível. Então sobe ao nosso coração uma ardente oração. Se é verdade que Te possuo, meu Deus, faz que eu Te difunda. Parece então que uma mão retira de um tesouro interior e dá, dá sem cessar, sem parar de dar. Que bem-aventurança!

REALIDADE DA POSSE DE DEUS

O que devemos repetir muitas vezes, de tão surpreendente que é e até, à primeira vista, desconcertante, é que esta posse de Deus pela alma é a realidade mais verdadeira que existe no mundo. Há almas que podem dizer com toda a verdade: «Deus está em mim». E não há nisso exagero nem

ilusão alguma. Essa frase é a expressão fiel da realidade. É certo que esta posse de Deus tem graus, e muito diversos. Mas há um fundo comum a todos eles, bem traduzido pelo Cântico dos Cânticos: «O meu Amado é meu». Antes, a alma interior desejava Deus. Procurava-O, escutava-O, entrevia-O; chegava até a dar-se conta de que estava muito perto dela e de que ela estava muito perto d'Ele, ali, no fundo de si mesma. Mas entre procurar Deus e depois encontrá-Lo e, sobretudo, possuí-Lo, há um abismo. São coisas muito diferentes. E essa diferença que existe entre ambas é tudo.

Se Deus está na alma, também a alma está em Deus. A alma entrega-se, Deus aceita-a, toma posse dela, e a alma interior dá-se conta dessa tomada de posse. A alma não perde a sua natureza nem a sua personalidade. E, contudo, já não se pertence. Cedeu de bom grado o seu direito de propriedade, e outro o exerce em seu lugar. E esse outro é o próprio Deus. Só que, longe de a empobrecer, essa entrega enriquece-a. A alma produz frutos de que não se julgava capaz. Saboreia-os plenamente e considera que têm um delicioso sabor de eternidade. Mas, acima de tudo, experimenta uma sensação de libertação, de verdadeira liberdade, que a enche de júbilo. Esta é a liberdade dos filhos de Deus. Sofremos tanto ao pertencermos-nos a nós mesmos!... Somos tão felizes ao já não sermos senão do nosso Senhor, de Deus!: Eu sou para o meu Amado, e o meu Amado é para mim.

Quanto mais Deus toma posse de mim, mais eu tomo posse d'Ele. Todas as suas riquezas são para mim. Participo da sua Ciência, da sua Sabedoria, do seu Poder, da sua Bondade. Ninguém pode compreender esta misteriosa comunidade de bens. É uma espécie de igualdade ou, melhor ainda, de unidade. A alma tem a impressão, claríssima, de ser divinizada. Está dentro de Deus, é Deus no sentido em que isso é possível para uma pobre criatura. E, não contente em fazê-la participar assim na sua natureza e na sua vida íntima, Deus fá-la participar, em certos momentos, no governo do mundo. O conselho da adorável Trindade celebra-se dentro dela, e a alma assiste a ele, absorvida por uma admiração comovida.

«MATRIMÓNIO» ESPIRITUAL

Por que razão a palavra matrimónio? Pelo carácter indissolúvel desta união. Produz a confirmação na graça; pelo menos São João da Cruz assim

o diz. Trata-se de um contrato irrevogável, de uma fidelidade jurada para a Eternidade. Tu, meu Deus, amarás sempre a tua Esposa e ela amar-Te-á sempre. A alma interior compreende-o assim. Tem disso uma persuasão íntima que vale para ela, mas que não poderia testemunhar aos outros, porque não a pode provar. Além disso, apesar dessa firmíssima certeza de que tem consciência, sobretudo em certos momentos, a alma não julga estar minimamente dispensada das regras da prudência cristã no ritmo ordinário da sua vida. Vê, pelo contrário, com a clareza da evidência, quanto lhe é indispensável submeter-se a essas regras e não se afastar em nada dos caminhos da obediência. Deus conduz e ilumina aqueles que a dirigem em seu nome. E ela está em paz.

A ALMA PARTICIPA NA VIDA TRINITÁRIA

Tu, meu Deus, criaste as almas à tua imagem, tornaste-as semelhantes a Ti. Depois comunicaste-lhes a tua própria vida. Sob os véus da fé, acreditam elas no que Tu vês; esperam aquilo que Tu possuis; amam aquilo que Tu amas, isto é, a Ti mesmo. As almas, graças ao princípio sobrenatural de vida que inseriste no mais profundo delas, podem, pois, alcançar-Te a Ti mesmo na tua vida íntima, participar verdadeiramente nessa vida bem-aventurada, dizer à sua maneira o teu adorável Verbo, produzir por sua vez o teu Espírito de Amor. E depois, sob o impulso suavemente irresistível desse Espírito divino, as almas podem refluir para Ti, ó Pai, ó Filho!, e retomar constantemente, com uma alegria constantemente renovada, esse delicioso e sereno movimento. Haverá no mundo algo mais belo do que uma alma que vive da tua vida, meu Deus?

A ALMA PARTICIPA NA VIDA TRINITÁRIA

Chega um momento em que queres que a alma que assim vive sob os véus da fé veja de repente dissiparem-se esses véus quase por completo. Uma misteriosa claridade penetra-a por toda a parte. Fica totalmente iluminada por dentro sem saber bem como, sem ver a fonte de onde brota tão doce luz. Sob a influência desse raio de fogo, a alma vê-se a si mesma a viver da tua vida, a participar no conhecimento e no amor que tens de Ti mesmo, a pronunciar o Verbo do Pai, a exalar o Espírito de Amor do Pai e do Filho; a arder na caridade do divino Espírito, ó adorável Trindade. Está

mais bela do que nunca. Pois tudo nela é, como em Ti, ordem, poder, esplendor, harmonia e paz.

CRISTO ENTRA NA ALMA

Por fim realiza-se o desejo da Esposa e a sua oração é escutada; Jesus vem até ela, entra no seu jardim. Como penetras Tu, meu Deus, na alma que Te ama? Ninguém o sabe. Nem ela mesma o sabe. É um segredo da tua Omnipotência e do teu Amor. Aliás, o que importa à alma não é o «como» da tua presença, mas o próprio facto dela. Ora esse facto é certo. Algo de misterioso e profundo, sereno e suavíssimo, aconteceu nela. Parece-lhe que Aquele que tanto ama e que até então estava escondido no fundo do seu coração abre caminho docemente, como através da própria substância dela mesma, e aflora graciosamente ao cimo do seu ser. É como se se tivesse produzido uma deliciosa eclosão do Amado até à região habitualmente habitada pela alma.

Mas, para que a alma interior não possa duvidar da realidade da sua felicidade, Jesus digna-Se assegurá-la por Si mesmo. Fala-lhe. Por vezes serve-Se da língua comum da sua Esposa. E então esta ouve claramente uma voz que lhe diz dentro de si mesma: «Vou, vou para o meu jardim, minha Irmã, minha Esposa.» Mas, na maior parte das vezes, Jesus fala-lhe sem o auxílio dos sons. Com uma linguagem inteiramente espiritual. A alma compreende que algo lhe é revelado e o que é que lhe é revelado. Tudo se passa na inteligência pura. A alma é instruída sem ruído, sem cansaço, sem esforço. Não tem mais do que escutar. Aliás, não pode deixar de o fazer. Mas a doce obrigação em que se encontra de escutar tão deliciosa palavra é para ela um encanto suplementar. A alma também é espírito. Porque não haveria Deus de poder comunicar diretamente o seu pensamento à sua Esposa, sem empregar a mediação dos sentidos, mesmo interiores?

DIGNIDADE E HARMONIA DA ALMA INTERIOR

Quando encontramos uma alma interior, ficamos impressionados pela sua dignidade, pela sua naturalidade e pela sua graça. Julgá-la-íamos de sangue real, o que é verdade, pois é filha de Rei, é rainha. Não és Tu acaso,

Jesus, o Rei dos reis? Não é ela a tua Esposa? Porque haveríamos então de admirar-nos? Na alma interior tudo participa dessa nobreza divina; revelam-na as suas palavras, os seus gestos, os seus movimentos, os seus menores passos. São graciosos, discretos e firmes. Ao caminhar, não faz ruído, não atrai a atenção e, contudo, agrada, atinge o seu fim como sem esforço. Mal reparamos no que fez, de tão ordenada como foi a sua ação; possui o sentido da medida. Agiu como devia agir. Falou como devia falar. Era naquele momento que devia calar-se. Mas o exterior não passa de um reflexo. O interior, aquilo que Tu, meu Deus, vês, é o que conta sobretudo e o que é verdadeiramente belo. Pois todo esse interior está ordenado. Nesta alma, até os menores movimentos interiores são graciosos. Agradam-Te, e Tu és bom juiz. E isso porque todos são inspirados pelo teu amor. Só ele é o seu princípio e o seu fim.

Também a sua regra. Sim, todos os pensamentos desta alma são pensamentos de amor. E o mesmo acontece com todos os seus desejos e com todos os seus atos.

Nesta alma reina uma profunda harmonia. O Espírito Santo, artista de mãos hábeis, molda-a desde sempre. Da vontade, suave como a argila e firme como o ouro, fez Ele um colar irrepreensível que conserva perfeitamente unidas entre si todas as outras faculdades. As faculdades sensíveis servem as faculdades interiores e obedecem-lhes. Estas, por sua vez, estão às ordens dessa vontade que o amor divino penetrou até ao mais íntimo. E todo esse mundo interior assim ordenado possui algo de firme, gracioso e forte que agrada ao teu olhar, meu Deus; é como uma participação dessa tua harmoniosa simplicidade que fundamenta, atrever-me-ia a dizê-lo, as tuas inumeráveis e infinitas perfeições. Basta-nos então uma palavra para dizer tudo quando Te consideramos sob este aspeto: «Caridade.» Basta-nos também essa mesma palavra para dizer tudo quando falamos da tua Esposa.

A SUA MODÉSTIA

A tua Esposa ama a paz. As suas preferências inclinam-na para uma vida muito simples. Tem gostos modestos. As mais humildes ocupações da vida quotidiana não lhe desagradam; antes pelo contrário. Dedicar-se a elas

de bom grado. Trabalhar em silêncio o seu jardim; cuidar para que esteja muito limpo e bem cultivado; fomentar as pequenas virtudes; interessar-se pelo fio de erva e pela flor que se abre e se desenvolve, são coisas que a encantam. Pois, no seu entender, nada deve ser negligenciado quando se trata de tornar o próprio coração mais agradável ao Coração de Deus e de aumentar em todos os aspetos a sua semelhança com o de Jesus.

A SUA DESENVOLTURA

As sucessivas purificações devolveram as faculdades da alma interior ao estado de puras faculdades de conhecer, amar, querer e imaginar. Ficaram descarregadas de todas as formas criadas. Tudo desapareceu delas. O fogo do amor abrasou tudo. Até os hábitos de pensar, de querer, etc., foram arrancados pela raiz, não sem grandes sofrimentos. Mas as faculdades não foram destruídas por esse processo realizado nas suas profundezas; antes pelo contrário. Estão mais ágeis, mais fortes, mais aptas para o bem do que nunca. Assemelham-se às faculdades do primeiro homem saído das mãos do Criador. Quer se trate do mundo natural ou do mundo sobrenatural, da ação ou da contemplação, as faculdades, perfeitamente livres, perfeitamente ágeis nas mãos de Deus, operam com idêntica facilidade. Movem-se nesses dois mundos como sem esforço. Passam de um para o outro com perfeita desenvoltura, graças ao conhecimento que a alma recebe das relações que os unem. Não é Deus o Autor dessas duas ordens? E, em consequência da sua íntima união com Deus, não vê a alma as coisas um pouco como Deus as vê e não as quer como Deus as quer? Quanto mais puras estão as faculdades da alma, mais divinas são também e mais e melhor se harmonizam com as obras de Deus. Daí essa perfeita desenvoltura com que a alma interior passa da contemplação à ação e da ação à contemplação.

O SONO DA ALMA EM DEUS

Começa a vida de intimidade entre Deus e a alma. Estão sempre juntos, não se abandonam. Quem vê um vê a outra. Dir-se-ia que já não são mais do que um só, embora continuem perfeitamente distintos. Mas há horas em que essa intimidade se torna maior. São as horas em que, cessando a atividade exterior, a alma interior volta a encontrar-se a sós com o seu Deus e repousa docemente ao seu lado. Sobrevém então o grande silêncio, o

recolhimento profundo, a conversa em voz baixa, interrompida por longas pausas, nas quais apenas se ouvem os batimentos do coração. Momentos de quietude, de verdadeiro e tranquilo repouso da vontade em Deus.

Quando a alma interior está unida ao seu Deus, no mais íntimo de si mesma, dorme totalmente. O seu grau de união é a medida desse misterioso sono.

Fez-se nela um grande vazio, depois uma grande calma e, por fim, um grande silêncio. Dorme totalmente. Já não ouve nada, nem vê nada, nem pensa em nada de concreto. Contudo, vive, ama. Dir-se-ia que retirou de si todo o vigor que dava às suas faculdades. Fez com que tudo repousasse. Mas é para melhor amar. Concentra todas as suas forças no coração. Amar, apenas amar, amar cada vez mais, é o seu único desejo e a sua única ocupação. Parece morta e vive mais intensamente do que nunca...

Antes estava mais ou menos distraída de Deus por causa das coisas. Agora, pelo contrário, está distraída das coisas por causa de Deus. Deus ocupa-a inteiramente. Tomou posse dela, na alma e, por vezes, também no corpo. Pode assim dizer a alma, e podem dizê-lo também aqueles que se apercebem do seu estado, que «já não está aqui». E é bem verdade. Pois «a alma vive mais onde ama do que no corpo que anima». E agora ama. E ama Deus. Logo, está n'Ele.

Finalmente, a alma assim adormecida é verdadeiramente feliz. Participa da própria felicidade de Deus. Essa felicidade invade-a completamente. Penetra-a sem que ela saiba como. Não se pede então à alma nenhum esforço; nada mais tem a fazer do que receber e gozar em paz. E é isso que faz, simplesmente.

Nada pode dar uma ideia deste gozo inteiramente divino. Não se parece com nenhum dos gozos deste mundo. É de uma ordem muito diferente. Tem uma essência distinta, precisamente porque vem de outra fonte. Não podemos encontrar-lhe termo de comparação. É preciso falar dele, mas sempre inadequadamente, porque as palavras da linguagem humana não o conseguem traduzir. O que se pode dizer é que está acima de todos os bens e a uma distância deles incomensurável. A alma que o experimenta tem,

pois, o direito de saborear em paz a sua felicidade e de permanecer adormecida para o mundo durante todo o tempo que lhe aprouver.

A ALMA TORNA-SE PRESA DO AMOR DIVINO

A alma interior foi verdadeiramente conquistada pelo Amor divino. Talvez Ele a tenha sitiado durante muito tempo. Mas, por fim, apoderou-Se dela. Cravou nela, com gritos de triunfo e de alegria, a Cruz, que é o seu estandarte. E, desde esse momento, reina sobre ela como vencedor. Tudo ali é seu: espírito, coração, sentidos e bens. A alma interior, arrebatada por ter sido assim conquistada pela divina caridade, canta a beleza, a força e a glória de Deus. Temera perder a sua liberdade se Lhe abrisse as portas do coração. Mas agora compreende que a verdadeira liberdade consiste em fazer-se escrava do Amor divino. Julgava que tudo lhe seria tirado, e dá-se conta de que tudo lhe foi dado.

Mas a alma não foi apenas conquistada pelo Amor; é também a sua presa. Vive n'Ele, mas pode também dizer-se que é consumida por Ele e que morre n'Ele. Um fogo interior devora-a sem descanso, noite e dia. Fraco na origem, este fogo cresce e transforma-se num imenso incêndio. Nada lhe escapa. Alcança tudo, purifica tudo, alimenta-se de tudo, transforma tudo. Um observador atento perceberia que nesta alma há algo de misterioso e divino. Como conseguir, de facto, esconder tão bem esta ardente fogueira que nenhum resplendor a denuncie? É quase impossível. Aliás, chega um momento em que o próprio Deus acaba por permitir que esse incêndio de amor irrompa de algum modo. Conquistada primeiro, e depois vítima da caridade, a alma interior torna-se assim arauto do Amor eterno. Prega-o, difunde-o. Pouco importa o meio em que decorra a sua vida, pois até na mais profunda solidão o seu programa continuará a ser o mesmo; e quando não puder falar nem escrever, sempre e em toda a parte poderá orar, sofrer, amar...

PUREZA, FORÇA E RIQUEZA DESTE AMOR

Como é puro o teu amor, meu Deus! É o amor de um espírito por outro espírito. Ignora aquilo a que São Paulo chamava a carne, e ela também o ignora. Não pertence ao seu mundo; está infinitamente acima dela. Mais

ainda: faz-lhe guerra, e uma guerra implacável. Para que possa viver, para que possa desenvolver-se à vontade em nós, é necessário que a carne se dobre, se vá ressequindo pouco a pouco e acabe por morrer. Dessa misteriosa luta é a nossa alma, ao mesmo tempo, teatro e prêmio. Feliz mil vezes Aquela que, para se unir a Ti, não teve de padecer essas crucificantes, mas necessárias, purificações do amor!

Como é forte também o teu amor, meu Deus! Podemos apoiar-nos nele com toda a segurança, pois jamais nos falha. A alma que a Ele se une torna-se tão firme e imutável como Ele. Pode sentir nas suas faculdades sensíveis o inevitável fluxo e refluxo das emoções, mas o seu fundo íntimo não é perturbado por elas. Repousa sobre a terra firme do teu amor. Se a tentação procura inquietar a sua paz, a alma interior nada tem a fazer senão aderir mais firmemente ao teu amor, para a reduzir à impotência e para a ver desaparecer. O teu amor é o seu refúgio, a sua fortaleza. Ali está em segurança. Ninguém poderia alcançá-la. Protege-a de todos os lados. Envolve-a por toda a parte. É essa nuvem, luminosa e tenebrosa ao mesmo tempo, que a guia e a oculta. A alma sente-se verdadeiramente rodeada de uma influência misteriosa que a robustece, lhe dá confiança, a reconforta e a vivifica deliciosamente.

Como é abundante o teu amor, meu Deus! É um tesouro. Contém todos os bens. É inesgotável. Tudo me vem dele. É o primeiro dom, totalmente gratuito e totalmente gracioso. Porque me quiseste amar, meu Deus? Unicamente porque quiseste e porque és bom. Ao dar-me o teu Coração, deste-me tudo. Não és Tu o poder infinito? E não está esse poder como que ao serviço do teu Amor?

CHAGA DE AMOR

O mal que a tua Esposa padece e de que se queixa é misteriosíssimo. Mas Tu, que o causaste, meu Deus, conheces-lo bem... Começaste por fazer-lhe no coração uma feridinha tão pequena que a alma mal a podia sentir. Depois, pouco a pouco, alargou-se. Tornou-se mais profunda. A alma já não foi senão uma chaga que ninguém sabia curar e que tudo avivava e fazia sofrer. A dor que destilava esta chaga, aliás deliciosa, tornou-se intolerável. A alma gemia, queixava-se, gritava. Bem sabia ela que não

havia mais do que um remédio para o seu mal: um amor maior que a libertasse do corpo, a fizesse morrer e a lançasse por fim e para sempre nos teus braços. Pelo menos queria sentir junto de si o seu único Médico, que eras Tu, meu Deus. Mas Tu não feriste tão profundamente esta alma amadíssima senão para a encheres de Ti mesmo. Tu és o alimento da chama que acendeste; alimenta-a, pois; ela não pode viver senão de Ti.

Todas as almas, meu Deus, deveriam ser feridas por este misterioso mal. Não és Tu a Bondade perfeita e a Beleza infinita? O nosso coração, feito por Ti, não foi feito para Ti? Porque há, então, tão poucas almas que Te amem de verdade? Mas não devemos voltar-nos contra Ti, meu Deus, e sim contra nós mesmos. Pois Tu permaneces à porta do nosso coração e bates de mil maneiras. Mas nós não ouvimos a tua voz, porque há em nós demasiado ruído. Ou, se a ouvimos, não nos decidimos a abrir e a entregar-Lhe para sempre e por completo a nossa vontade. No fundo, a nossa alma está doente, e de um mal que a mata: o amor de si mesma; quando deveria estar doente de um mal que a faria viver em plenitude e para sempre: o mal do teu amor, meu Deus. Senhor, cura-nos do mal humano! Senhor, adoece-nos com o bem divino, e que esta doença nos faça morrer!

A ALMA, ELEVADA ACIMA DAS SUAS FACULDADES, RECEBE AS CONFIDÊNCIAS DIVINAS

A alma interior é, pois, elevada acima de si mesma. Encontra-se colocada não só acima das suas faculdades sensíveis, mas também acima das suas faculdades intelectuais: inteligência e vontade. Foi levada por Deus até esse alto cume, até essa aguda ponta do espírito que parece tocar o Céu. Ali, serena, tranquila, silenciosa, mas viva e amante, ouve a voz do seu Deus, que lhe diz esta única palavra: «Olha.» É a hora das iluminações, das revelações íntimas, das confidências e dos segredos. Os olhos abrem-se. A alma vê a terra como se vê do Céu. A alma vê o Céu como deveríamos vê-lo da terra se soubéssemos olhar. Contemplação que abrange tudo, Céu e terra, num único olhar de profundidade infinita.

Se o Amado tem de fazer alguma confidência, escolhe esse momento. E, sem ruído de palavras, quase sem que a alma se aperceba, diz-lhe o que quer dizer-lhe. Ao regressar à sua vida ordinária, a alma conserva uma recordação geral, imprecisa, mas muito real, de ter sido instruída por Ele.

Depois, no momento oportuno, esse ensinamento escondido no fundo de si mesma aparece-lhe simplesmente, sem esforço, com um carácter nítido, preciso, firme, seguro e prático que a surpreende e entusiasma. Sob a influência do Espírito de Verdade e de Amor, germinou a misteriosa semente e abre-se docemente no instante desejado. E, embora o Verbo divino Se tenha contentado em aproximar de Si esta alma amada, como Ele é luz, a alma ganhou luminosidade por participação. Ao voltar para o meio das coisas, essa alma já não as vê com os mesmos olhos, já não as aprecia do mesmo modo. Mudou em relação a elas, e as coisas já não lhe falam a linguagem de outrora.

CONHECIMENTO DIVINO

Deus compraz-Se em fazer ver as coisas à alma interior como Ele próprio as vê. Revela os seus segredos aos seus amigos e, de ordinário, com tanta maior clareza quanto mais os ama. A primeira coisa que lhes ensina com precisão e clareza absolutamente novas é o mundo da natureza, as suas belezas, as suas perfeições, a variedade dos elementos que o compõem e a sua perfeita harmonia na unidade. Os céus tornam-se um livro que lhes expõe a Sabedoria, o Poder e a Bondade do seu Deus: Os céus narram a glória de Deus (Sl 19, 1).

Depois, o mundo da graça ilumina-se e torna-se para a alma interior um espetáculo sempre novo e sempre encantador. Como é bela, de facto, a obra de Deus nas almas! Que paciência para as esperar, que misericórdia para as acolher, que delicadeza para as levantar, que generosidade para as amar! Parece que, por uma só alma, tudo se põe em movimento: a Santíssima Trindade, e Jesus, o Verbo Encarnado, e a Igreja, sua obra e sua Esposa, e os Sacramentos, e a graça, e os homens, e o próprio mundo material: «Deus faz concorrer todas as coisas para o bem daqueles que O amam» (Rom. 8, 28). É isso que a alma interior contempla depois de o descobrir na sua vida pessoal e na dos outros.

Mas o que Deus quer revelar-lhe antes de tudo é Ele mesmo. Sem dúvida, nem todos os véus da fé caem; mas os que ficam não perturbam as relações da alma com o seu Deus. A alma trata com Ele como se O visse, e com tanta maior simplicidade quanto O sente vivo no seu coração, O

saboreia e O possui. Esta posse consciente é em si mesma uma espécie de conhecimento quase experimental de Deus, como aquele que se poderia ter de um fruto que se visse de modo pouco nítido por causa da fraqueza do olhar, mas que se saboreasse plenamente. As duas fontes de conhecimento de um só e mesmo objeto, ao combinarem-se, dão à alma um gozo pleno, verdadeiro, antecipação da felicidade eterna.

A ALMA ENRIQUECE-SE COM O CONHECIMENTO DOS ATRIBUTOS DE DEUS

Quando uma alma entra pela primeira vez em Deus, experimenta a impressão que teria uma pessoa que penetrasse de repente numa vasta sala cheia dos tesouros mais ricos e mais variados. Não captaria cada um deles em particular, mas teria apenas uma visão de conjunto. Contudo, essa visão proporcionar-lhe-ia uma alegria única, composta de certo modo de todas as alegrias que experimentaria se lhe fosse dado admirar cada um desses tesouros separadamente. Os teus atributos, meu Deus, são esses tesouros. Ao unir-se a Ti, a alma interior vê-os num único relance e saboreia-os todos ao mesmo tempo, porque Tu és simultaneamente riqueza e simplicidade. E a impressão que produzes no nosso espírito e no nosso coração participa de ambas. Ao encanto desta alegria, tão nova para a alma, junta-se algo de inesgotável, de infinito, que nela se mistura discreta e deliciosamente, como selo próprio das alegrias verdadeiramente divinas.

Pouco a pouco, a alma habitua-se a viver nessa cela interior. Habita nela. Faz dela a sua morada. Quando tem de a deixar, sofre; sente-se desconfortável, como alguém que se encontra fora do seu lugar. Logo que pode, regressa a ela. Pede humildemente ao seu Deus que a receba de novo. Deus nem sempre a atende imediatamente. Então ela suplica e espera, confiante e em paz. Mas permanece ali, como verdadeira virgem fiel, atenta ao menor sinal precursor da vinda do Esposo. Chega um momento em que o seu Deus a faz entrar novamente n'Ele. Novas luzes, novos assombros; novas alegrias também, e muito mais profundas; eis a recompensa da sua fidelidade: «Muito bem, servo bom e fiel... entra na alegria do teu senhor!» (Mt 25, 21).

O gosto geral que a alma experimenta no seu primeiro encontro com Deus vai-se precisando e concretizando pouco a pouco. Sucessivamente,

cada um dos atributos divinos se deixa conhecer melhor e saborear mais profundamente. A alma participa deles de modo mais íntimo e mais consciente. Acabamos por ser aquilo que amamos. E neste caso, isso é tanto mais fácil quanto Deus habita realmente na alma. Está, por assim dizer, ao alcance da mão. Assim que Se manifesta, a vontade lança-se para Ele e adere-Lhe com todas as suas forças. Produz-se então como que uma deificação consciente da alma, ora geral e confusa, ora mais precisa e mais clara, sob a forma de comunhão no Poder, na Sabedoria, na Bondade, na Misericórdia ou nalgum atributo de Deus. Realiza-se também sob a forma de união, ora com a Trindade inteira, ora com alguma das Três adoráveis Pessoas.

Cada Pessoa da Santíssima Trindade (embora isto aconteça por uma ação comum) assimila a alma e torna-a semelhante a Si, para que ela possa agir do mesmo modo que essa Pessoa e encontre a sua felicidade nessa ação.

DEUS REVELA ESPECIALMENTE O SEU PODER, A SUA SABEDORIA E A SUA BELEZA

Deus vai-Se revelando progressivamente à alma interior. Faz-lhe entrever algo do Poder e da Sabedoria com que governa o mundo.

As suas mãos são fortes como as de um trabalhador vigoroso e flexíveis como as de um artista genial. Nada escapa a essas mãos divinas. Nada lhes resiste. Dirigem tudo, homens e coisas, para onde lhes apraz. Dessas mãos saem maravilhas, que são como outras tantas pedras preciosas que as adornam. A Esposa apercebe-se daquilo que esse Operário divino realiza em certas almas, das obras-primas que sabe tirar do barro humano. A alma fica absorvida de admiração perante tudo isto. Pois que pode haver de mais belo, meu Deus, do que o espetáculo do teu Amor em luta com uma alma? Que recursos, que delicadezas e, por vezes, é verdade, que golpes tremendos para a desprender de tudo! Que paciência para a purificar até ao fundo, que generosidade e que arte para a embelezar, que ardor para a abraçar, que sopro poderoso para a elevar acima de tudo, até dela mesma, para que possa amar-Te sem medida e proclamar-Te sem medo! Que pode haver de mais belo do que uma alma de santo? Não é Deus quem a fez ser

aquilo que é pelo poder da sua graça? Feliz aquele que vê as mãos de Deus a trabalhar no mundo!

No fundo, a matéria-prima deste trabalho divino é a mesma. Contudo, o estado inicial dessa matéria difere muito de caso para caso. Há almas que nunca conheceram o pecado, pelo menos o pecado grave. Há outras que estiveram submetidas à sua tirania, mas por pouco tempo. Há, enfim, aquelas que desceram todos os degraus do abismo e nele viveram durante longos e tristes anos. Mas ao Poder divino isso pouco importa, porque tudo domina. Pode fazer um santo tanto de um pecador endurecido como de uma alma inocente. E, por vezes, fá-lo. Nada há tão belo como ver a mão divina em ação. Arranca do lodo, lava, purifica, talha, corta, pole, transforma. E não opera apenas por fora, mas sobretudo por dentro. Só ela o pode fazer. Mesmo quando se serve de um instrumento, é ela, na realidade, que trabalha com ele e por meio dele.

É belo ver como as almas se transformam pouco a pouco sob a ação divina. São como outras tantas maravilhas saídas dos dedos hábeis do Operário divino, como pedras preciosas destinadas a adornar a Jerusalém celeste, tão numerosas, tão variadas na sua forma como na sua tonalidade e, para o dizer numa só palavra, tão arrebatadoras e tão belas. Aqui em baixo conhecemos apenas algumas delas e, além disso, conhecemo-las mal. Para que a sua beleza se revele é necessária a luz do Céu. Só lá poderemos admirar toda a sua riqueza e a graça das mãos poderosas e ágeis de onde saíram.

Deus é soberanamente Belo, a própria Beleza subsistente, o único Ser a quem nada falta do que convém, que é desde sempre infinitamente perfeito e no qual tudo é ordem, unidade e simplicidade, porque todas as perfeições possíveis e imagináveis formam n'Ele uma única e mesma realidade com a sua Essência.

Deus encontra no conhecimento que tem de Si mesmo uma alegria infinita. É o eterno admirador da sua eterna Beleza. É, pois, a verdadeira fonte e o modelo de toda a beleza.

Quando me deixo distrair de Ti, meu Deus, parece-me que abandono a região da luz para entrar na das trevas. Como fere os olhos tudo aquilo que

não és Tu! Para quem Te entreviu uma única vez na tua inacessível luz, tudo o mais se torna já tão disforme e tão feio! Até as criaturas que mais Te refletem se tornam então quase dolorosas de contemplar. Elas não são Tu, meu Deus! E és Tu aquilo que a alma quer contemplar cada vez melhor, cada vez mais fixamente e mais profundamente. A frase de Santo Agostinho volta constantemente aos nossos lábios: «Beleza tão antiga e tão nova, conheci-Te demasiado tarde, amei-Te demasiado tarde!»

Sim, meu Deus, Tu és toda a Bondade, toda a Beleza, toda a vesse-mosnnnnnnGraça. Criaste muitas criaturas belíssimas e, no entanto, a sua beleza nada conta comparada com a tua. Tudo o que há de belo e de bom vem unicamente de Ti. E aquilo que dás não o perdes, porque o possuis infinitamente.

Ó meu Deus, faz-me compreender, a mim que quero ser feliz, que toda a felicidade e toda a alegria estão em Ti. Se eu soubesse ir até Ti, embriagar-me com a tua Beleza, alimentar-me da tua Bondade, alegrar-me com a tua Alegria, saborear sem fim e quase sem medida a tua Felicidade! Porque tudo isso é possível, tudo isso é verdadeiro, tudo isso é necessário: «Amarás...», e, por conseguinte, tornar-te-ás bom com a minha Bondade, embelezar-te-ás com a minha Beleza, embriagar-te-ás com a minha felicidade. Ó meu Deus, que seja agora, agora e sempre!

OS PERFUMES DIVINOS

A alma que se aproxima de Deus experimenta, por vezes, dentro de si mesma a doce impressão de estar envolvida e penetrada por misteriosos perfumes. Não se trata de perfumes naturais que afetam os sentidos; não. Trata-se antes do facto de as realidades espirituais possuírem meios de se manifestarem à alma que parecem análogos às emanações odoríferas dos corpos. Neste sentido, existem perfumes espirituais. Têm o privilégio de ser não apenas mil vezes mais agradáveis do que o bálsamo mais requintado, mas também, e sobretudo, de serem sobrenaturalmente benéficos. Fortalecem, dilatam. Sob a sua influência, a alma expande-se; respira à vontade. Cresce. A vida, uma vida inteiramente divina, é-lhe infundida desde dentro. Ela apercebe-se disso e reconhece que a causa imediata é esse misterioso perfume.

Quando Deus faz entrar a alma em relação quase imediata com as realidades espirituais, e sobretudo consigo mesmo, acontece algo semelhante ao que sucede quando se percebem as propriedades sensíveis dos corpos, os perfumes, por exemplo. A bondade de Deus tem o seu aroma, como também o tem a sua doçura, e o mesmo sucede com os restantes atributos divinos. Parece que tudo se passa como se a alma possuísse realmente um olfato espiritual harmonizado pelo Criador com os seres da ordem sobrenatural e que lhe permitisse reconhecê-los pelo seu perfume. Quando a alma procura traduzir para a linguagem humana aquilo que experimenta na sua vida íntima com Deus, não encontra melhor comparação: «As coisas divinas fazem-me saborear alegrias que são para mim, na ordem espiritual, aquilo que na ordem sensível são as alegrias do olfato penetrado pelo perfume das flores.»

Nessa intimidade, Deus quer falar à sua Esposa. Os seus lábios entreabrem-se suavemente. A alma interior contempla então toda a sua Graça. Mesmo antes de articularem um som, encantam-na já pela sua delicadeza e pelo doce perfume que exalam. Não queremos dizer com isto, certamente, que Deus tenha lábios, ou que Jesus permita por um momento contemplar os seus, como poderia fazê-lo. Mas a alma interior e Deus estão então tão próximos que podem falar-se como de boca para boca. Todo o afeto verdadeiro, profundo e puro que uns lábios humanos harmoniosamente formados poderiam exprimir pela sua forma, lê-o a alma interior naquilo que, para ela, é como a boca do seu Deus. Na curva e no movimento desses misteriosos lábios, compreende que agrada ao seu Deus e que é amada por Ele.

UM PERFUME DELICIOSO

Um perfume delicioso brota dos lábios divinos. Dir-se-ia que vem do mais íntimo do Coração de Deus. Resume em si e faz saborear à alma interior todos os encantos dos outros perfumes. Porque não haveria a essência divina de ter o seu aroma? Assim o compreende a Esposa na hora bendita da sua união. Esse perfume que ela pode chamar «essencial», essa «mirra puríssima», antecipa-lhe já algo das alegrias do Céu; uma espécie de atmosfera perfumada envolve-a por toda a parte. Sente-se ao mesmo tempo separada e protegida por esse ambiente invisível e, contudo, tão real. Pode

então amar Deus à vontade. E é isso que faz, sem raciocínio, sem esforço, movida por um instinto divino que simultaneamente a surpreende e a tranquiliza. Está comovida por essa nova maneira de viver que não conhecia, pelo menos neste grau, mas sente que essa é a verdadeira vida e exulta de alegria.

A ALMA EXULTA

O amor de Deus tem um calor que dilata a alma no seu íntimo e a enche de alegria. Sob a sua influência, a alma sente-se crescer; a sua capacidade de felicidade aumenta e, ao mesmo tempo, é preenchida. Depois, sempre sob a ação do fogo do amor, volta a dilatar-se para se encher de novo. E assim acontece quase sem cessar. A alma invadida pelo teu Amor, meu Deus, experimenta a impressão de que nela se desenvolve e expande uma vida totalmente interior. Em certos momentos, a onda de calor é tão forte que a alma já não a pode suportar. É então que até o coração físico se dilata, como se vê, por exemplo, na vida de São Filipe Néri, ou se sente trespassado de lado a lado por uma seta, como aconteceu a Santa Teresa de Ávila. Soa a hora da plena expansão.

A emoção que a alma experimenta quando pela primeira vez se sente imediatamente unida a Deus, quando O toca espiritualmente no fundo de si mesma, quando recebe esse maravilhoso beijo divino; enfim, quando se dá conta de que penetra em Deus e de que Deus a penetra inteiramente, é deliciosa. A ideia que posteriormente forma da sua própria felicidade é a de comparar-se a uma esponja no oceano, mas num oceano de pura felicidade, conhecida e saboreada por todo o seu ser. Nesse momento é tão feliz que chora de alegria. Como é bom sentir-se unido a Deus e tão amado por Ele! É tão novo, tão diferente do que imaginava, que se sente tomado por um santo tremor. Se nos atrevessemos, diríamos, para dar a entender algo do que então acontece, que a felicidade a comove até à medula. Por vezes sucede que o corpo participa um pouco disso à sua maneira. Mas o que ele experimenta está longe de ser o essencial, nem o melhor. Pois a alma tem as suas próprias alegrias, e essas são as únicas verdadeiras.

A cada visita de Deus aumenta esta alegria. É a mesma e, no entanto, saboreia-se como se fosse nova. É a alegria de Deus que se infiltra

deliciosamente na alma. E é saboreada em Deus.

Ainda aumenta a alegria da alma a descoberta de outras almas admitidas, como ela, a participar do mesmo modo na felicidade de Deus. A felicidade dessas almas aumenta a sua. O mundo espiritual oferece-lhe um espetáculo grandioso e encantador: o das almas arrebatadas de amor por Jesus. Todos os corações puros que O conhecem são conquistados por Ele. Exerce sobre eles uma atração irresistível. Há flores que seguem o sol na sua trajetória de Oriente para Ocidente. Jesus é o sol das almas. Elas iluminam-se com a sua luz e aquecem-se com os raios do seu amor. Atraídas, eleva-as, de certo modo, para Si. Seguem-No com um olhar afetuoso e constante. Amam-No muito, sem limites. Quanto mais puras são, mais se unem a Ele. Tudo o que a terra possui de mais nobre, de mais delicado e de mais generoso pertence-Lhe. Sim, Jesus, é literalmente verdade que os corações puros Te amam com um amor incomparável. É doce verificá-lo; é arrebatador contemplá-lo.

A ALMA CANTA

Falar e, sobretudo, cantar, é exprimir em voz alta, sem receio, com felicidade e com entusiasmo, até os sentimentos mais íntimos do coração a teu respeito. Tu tens direito, e pleno direito, a essa manifestação sensível da estima que a alma Te dedica e do afeto que por Ti sente. Aliás, essa lei impõe-se imperiosamente à alma interior, pelo menos em certas horas... Pois, se então lhe fosse necessário calar o seu amor, sufocaria. É preciso que fale, é preciso que cante, ainda que esteja sozinha. É verdade que Tu estás sempre ali para a escutar, e isso basta-lhe. A sua voz agrada a Deus, e uma voz que agrada desse modo pode dizer tudo. Canta assim com todo o seu ser. Diga o que disser ou faça o que fizer, tudo está calmo, tudo está tranquilo, tudo está ordenado nesta alma; tudo traz, sobretudo, um selo de doçura, de harmonia e de paz que alegra o seu Deus. Pois, para Ele, a sua voz é dulcíssima e muito agradável.

Como é bem recompensada dos seus esforços a alma interior, meu Deus, quando Te ouve afirmar-lhe que tudo o que diz, tudo o que faz, tudo o que sofre, se transforma numa voz melodiosa que sobe até Ti e Te encanta! Nada há de ruidoso, duro ou agressivo; mas nada também de afetado nesta

voz que tanto Te agrada. Pelo contrário, há nela algo de ágil e gracioso, firme e suave, harmonioso.

E se pensarmos agora que outras almas — cuja atividade interna e externa, perfeitamente conforme à tua vontade, se transforma numa melodia semelhante — unem a sua voz à dela, julgaremos ouvir muito acima do fragor do mundo uma incomparável sinfonia, verdadeiro eco e verdadeiro prelúdio do eterno Cântico.

Fechai-vos à terra e abri essa janela da vossa alma que dá para o infinito. Permanecei o maior tempo possível nessa misteriosa solidão diante desse horizonte sem limites, ainda que nada vejais por enquanto, e respirai a plenos pulmões o ar divino.

Escutai o canto dessas desconhecidas almas silenciosas que amam Deus quanto podem e que sabem dizer-Lho sem ruído de palavras, apenas com os batimentos do seu coração, todo ele chama e fogo. Esse canto ressoa constantemente nessa imensidão.

Que o vosso cântico de amor se una ao delas, ao de Maria e ao de José, ao dos anjos e ao dos Santos.

DEUS E A ALMA ENCANTAM-SE MUTUAMENTE

Tu amaste a alma, meu Deus, comunicaste-lhe a tua Vida, embelezaste-a. E agora a alma assemelha-se-Te até à confusão. Tu encantaste-a. Mas ela, por sua vez, encanta-Te. E agora estais como misteriosamente unidos por vínculos que não se veem com os olhos do corpo nem com os da imaginação, que também não se podem tocar com as mãos e que, contudo, são muito reais, muito suaves e muito fortes. Uma atração livre e irresistível mantém-vos voltados um para o outro, mutuamente unidos, arrebatados, enamorados um do outro. E a alma dá-se conta de que Te envolve com a sua doce influência, do mesmo modo que ela própria se sente inteiramente penetrada pela tua, ó meu Deus.

Quem poderá dizer, meu Deus, a profundidade e o poder de tal encanto? Nada lhe escapa. Invade todo o ser; atrever-nos-íamos a dizer que até os ossos. É uma divinização *ab intra*. Dir-se-ia que o teu Ser, que no entanto

não pode misturar-Se com nada, se torna o próprio ser da alma. Ela participa — ou melhor, talvez, é feita participante — da tua plenitude. É a felicidade insondável, a paz, a alegria, a força, a segurança, a luz, o calor, a vida. É tudo. É mais do que tudo. Está acima de tudo. Vemo-Te por dentro. Possuímo-Te. Saboreamo-Te. Somos Tu mesmo. Tudo isto bastaria para morrer. E, no entanto, não passa de uma aurora, de um começo. O horizonte dilata-se. São perspectivas infinitas e seguras. O presente dá a mãos cheias. Parece esgotar a capacidade de felicidade da alma. E, contudo, o futuro dará ainda mais!

NADA AGRADA TANTO A DEUS COMO UMA ALMA QUE SE IGNORA A SI MESMA

Nada Te está oculto, meu Deus. Nenhum dos movimentos de uma alma que Te ama Te escapa. Dir-se-ia que estás inteiramente ocupado em espreitar a mais ligeira manifestação do seu amor por Ti. Pode ela envolver-se na discrição e na modéstia como num véu para quase se esconder de Ti, para esconder de todos e de si mesma o pouco que faz por Ti, segundo lhe parece; é tempo perdido. Não há véu para Ti, meu Deus. O esforço que realiza para guardar o seu segredo aumenta o encanto do seu afeto. Nada Te agrada tanto como uma alma que procura o silêncio, que se ignora a si mesma e que não quer agradar senão a Ti. Torna-se objeto das tuas complacências. Atrai o teu olhar. Atrai, sobretudo, o teu Coração. Tu amas-la. Dizes-lho. E dás-lhe em mil ocasiões provas evidentes do teu amor. Ó alma bendita entre todas, quem poderá descrever a tua felicidade!

DEUS ELOGIA A BELEZA DA ALMA

DEUS ELOGIA A BELEZA DA ALMA

Nada é tão doce ao coração da tua Esposa, meu Deus, como ouvir-Te elogiar a sua própria beleza. E não por vaidade da sua parte; não, de modo algum. Sabe demasiado bem que tudo o que tem, tem-no de Ti. O que lhe agrada é agradar-Te. O que a encanta é encantar-Te a Ti. Toda a alma que compreende o que Tu és não deveria ter outra ambição senão esta: atrair o teu olhar e retê-lo pela sua autêntica beleza.

Depois de tantos trabalhos e de tantas penas, a tua obra está, pois, acabada; contemplas-la. E agrada-Te tanto a Ti, o Divino Artista, que a declaras perfeita e belíssima. Este elogio, tão precioso, é dirigido a toda a alma quando entra no teu Céu. Mas o teu amor nem sempre pode esperar esse momento. Quer exprimir-se quanto antes. Custa-lhe muito calar-se. E fala. Diz uma só frase, mas que frase! «Como és bela, minha Amada! *Tota pulchra es, amica mea*; és o que há de mais belo no mundo. Preciso de to dizer. Não temo fazê-lo. É verdade. O teu coração está preparado para o ouvir. Sim, Eu, o teu Deus, Eu to digo; não duvides um só instante: és bela com a verdadeira beleza. E sê-lo-ás sempre. Alegra-te.»

Aliás, há na tua voz um acento que não engana. A emoção que arrebatava a alma até ao fundo não pode ter outra causa senão Tu. Só Tu podes agir nesse centro interior. Só Tu podes derramar ali uma tal paz, uma tal segurança, uma tal bem-aventurança. Pelos frutos se conhece a árvore. Pela obra se conhece o operário.

Da tua Graça, meu Deus, podemos dizer que «é mais bela do que a beleza». Há nela um encanto infinito. Quando invade uma alma, comunica-lhe esse encanto delicado, penetrante, delicioso, indefinível. Essa Graça é feita de doçura, de harmonia, de acuidade, de claridade também, mas filtrada e como matizada. Nela nada choca, nada surpreende, nada se impõe pela força. Exerce o seu império quase sem permitir que alguém se aperceba disso. Envolve numa atmosfera de paz, de silêncio e de santidade. Admira-se sem esforço e sem cansaço. Faz esquecer tudo. Faz-se esquecer a si mesma, para melhor se deixar saborear. Tem algo de humilde, de modesto, na sua maneira. Sim, a Graça, a tua Graça, é «mais bela do que a beleza».

Mas a beleza e a Graça de uma alma interior harmonizam-se muito bem com a força. A alma interior é uma alma enérgica. Combateu e continua a combater o bom combate. É uma alma conquistadora, que espanta os demónios e os seus desgraçados prisioneiros. Uma alma interior faz mais dano aos teus inimigos, meu Deus, do que mais de cem que não o sejam. Só por si vale como um exército. Aliás, não luta sozinha. Tu dás-lhe sempre soldados, e bons soldados. Ela instrui-os. Forma-os. Infunde-lhes o seu ardor. Comunica-lhes a sua energia. Lança-os ao assalto. Assegura-lhes, por

fim, a vitória. Em todas as épocas enviaste à tua Igreja algumas dessas almas valentes, terríveis como esquadrões ordenados, e que salvaram tudo quando tudo parecia perdido. «Dá-nos, Senhor, almas verdadeiramente interiores!»

A VIRGEM MARIA, PREFERIDA DE DEUS

Bem vistas as coisas, meu Deus, parece que essa alma privilegiada, verdadeiramente única, a quem chamas no Cântico «minha pomba, minha imaculada», que não suscita ciúmes em nenhuma alma, mas, pelo contrário, desperta a admiração e o louvor de todas, é a doce e pura Virgem Maria, nossa Mãe. Só a Ela se aplicam as tuas magníficas palavras, sem restrição e sem limites. É a tua Filha única, Pai adorado; é a tua arrebatadora Mãe, Jesus, Filho único do Pai, tornado por Ela nosso Irmão para nos salvar; é a tua Santíssima Esposa, Espírito de Amor, a quem Ela deve ser Mãe sem deixar de ser a Virgem das Virgens. Não há pura criatura, ó Santíssima Trindade, que Te seja tão querida como Ela. É a tua única, a tua divinamente preferida.

Depois do Coração de Jesus, não há objeto mais precioso de conhecer nem mais doce de contemplar do que o Imaculado Coração da Santíssima Virgem. É um abismo de perfeição, de esplendor, de beleza, de graça, impossível de descrever. O Coração de Maria é a obra-prima do Espírito Santo. Enriqueceu-o com todas as perfeições, com todas as virtudes.

Sabemos que, desde o primeiro instante da sua concepção, a nossa doce Mãe gozava de todo o Amor divino. No momento da sua criação, voltou-se para Deus para se unir a Ele em perfeição; e o seu amor aumentou a cada instante, pois repetiu esse gesto durante toda a sua vida e cada vez com mais profundidade e intimidade. O seu coração é puríssimo, isto é, sem mistura de nada inferior a si. A Santíssima Virgem recebeu desde o primeiro instante da sua vida o poder de amar em estado perfeito. E exerceu-o imediatamente. Não conheceu pecado nem imperfeição... O seu amor às criaturas foi a expansão do seu amor a Deus, e em nada perturbou a sua inalterável, a sua santíssima pureza. Em Jesus ama Deus, pois Ele é, ao mesmo tempo, seu Deus e seu Filho. Amou São José, São João, as Santas

Mulheres, todos os homens que se sucederam ao longo dos séculos. Ama todos os seus filhos com amor profundo e real, mas ama-os em Deus.

A ALMA É ABSORVIDA POR DEUS

Durante as duras provas que teve de suportar para conquistar o teu amor, durante as tuas longas ausências, ó Jesus!, a alma interior não permaneceu inativa. Com os seus trabalhos, e sobretudo com os seus pensamentos, soube compor um mel dulcíssimo, de delicioso perfume. Agora oferece-To. Digna-Te aceitá-lo. Parece a esta alma como se fosse comida, absorvida por Ti. Contudo, não perde o que tem nem a consciência do que é. E, apesar de tudo, torna-se o teu misterioso alimento, toda ela inteira, substância e atos. Transforma-se em Ti, sem que Tu tenhas propriamente de adquirir nada. A mudança opera-se inteiramente nela. É ela que se converteu em Ti. «...pelo contrário, tu serás transformado em Mim» (Santo Agostinho). É verdade que continua a ser substancialmente o que é, e, contudo, já não é a mesma. Vê, pensa, ama, age como Tu, Contigo, em Ti. Se não está transsubstanciada, está transformada. Feliz e inefável transformação!

Durante longos dias, Deus tornou-Se alimento da alma interior. Pouco a pouco transformou-a em Si mesmo. Mas chega um momento em que, encontrando-a totalmente transformada e, por assim dizer, a seu gosto, Se alimenta, por sua vez, desta alma assim divinizada. Antes, ela sentia-se interiormente fortalecida por um alimento simultaneamente misterioso e delicioso. Saboreava, no fundo de si mesma, uma grande felicidade, uma felicidade sua, a sua felicidade. Parecia-lhe mesmo ter alcançado os limites da bem-aventurança possível neste mundo. Mas aquilo não era nada, compreende-o agora. Uma alegria totalmente nova acaba de brotar no seu coração. Dá-se conta de que ela é como o teu próprio alimento, meu Deus. A tua felicidade torna-se felicidade dela. E fica cativada, embriagada, fora de si mesma.

Certamente, a alma interior não ignora que nada pode acrescentar à tua felicidade infinita. Contudo, tudo acontece nesses momentos benditos como se ela Te tornasse verdadeiramente feliz. A alma não saboreia apenas a sua própria alegria, mas também a tua alegria, da qual lhe parece ser a causa.

Nenhuma comparação pode fazer compreender o que pode ser tal felicidade. Seria preciso corrigir, sublimar até ao infinito a da mãe mais abnegada quando alimenta com o melhor de si mesma o seu filho amadíssimo e põe toda a sua felicidade em fazer feliz essa querida criaturinha que traz tão dentro do coração, e pensar em Maria, Virgem e Mãe. E a alegria da alma interior não passa. Não se esgota. Quanto mais ela dá ao seu Deus, mais o seu Deus lhe dá a ela. Ele é a fonte inesgotável do amor. À medida que Se vai saciando, enche-lhe o coração, e é isso que cumula de alegria a sua Esposa.

A ALMA INTERIOR É MAIS OU MENOS INCOMPREENDIDA

Muitas almas, mesmo piedosas, não compreendem os impulsos da alma interior, o seu verdadeiro estado, aquilo que legitima os seus atos. Devemos admirar-nos disso? De modo nenhum! Para a julgar com verdade, seria necessário possuir uma ciência muito aprofundada dos efeitos misteriosos do Amor divino ou padecer pessoalmente do mal de que ela padece. Isso é muito raro. E o ideal, a união da ciência especulativa e do conhecimento experimental, pessoal, é ainda mais raro. Um São João da Cruz, por exemplo, não é dado ao mundo, ao que parece, em cada geração de homens. Mas, ainda que o fosse, não se lhe poderiam submeter todas as almas feridas pelo mal do Amor divino. Estas têm de aceitar ser mais ou menos incompreendidas.

É como se se pusesse à alma interior esta pergunta: Que tem o teu Amado para ti mais do que para os outros? E a alma poderia responder: «Eu não sei como vedes vós o meu Amado, mas eu acho-O tão belo! Possui todas as riquezas, é sábio, poderoso, bom, afetuoso. É delicado, é firme e forte. E, no entanto, é doce, mais doce do que uma mãe. Não, nada Lhe falta. Quanto mais O conheço, mais arrebatada fico pela infinita profundidade das suas perfeições. E tudo isso Ele possui em paz, em harmonia, em ordem. É muito simples, não só na sua palavra e nos seus modos, mas em Si mesmo. Não me canso de O contemplar e de O amar. É a alegria dos meus olhos e do meu coração.»

IV. FECUNDIDADE APOSTÓLICA

A UNIÃO REALIZA-SE NA CRUZ

Os sinais do afeto de Deus revestem formas muito diferentes: ora são agradabilíssimos e muito suaves, ora são dolorosos e crucificantes. Deus exalta a alma e humilha-a. Cumula-a de bens e depois esmaga-a. Mas une-a sempre. Sim; apesar da aparência contrária, os contactos crucificantes unem profundamente. E não pensamos apenas nas provas purificadoras da alma, prelúdio necessário da união: pensamos sobretudo nesses sofrimentos redentores que a alma chegada à união transformante e perfeita experimenta tão frequentemente. Há aí uma verdadeira comunhão com os sofrimentos de Jesus Crucificado. Há, portanto, união, e tanto mais intensa quanto mais profundos são os sofrimentos. Como explicar este mistério? Parece que São Paulo nos dá a chave quando diz: *Estou crucificado com Cristo*. Que união no sofrimento e no amor!

A alma interior está também verdadeiramente pregada na Cruz com Jesus, e pelo próprio Deus, ao que parece. É que, quanto mais querida é uma alma ao seu Coração de Pai, mais quer que ela seja imagem viva do seu amado Filho. Daí o cuidado que põe em mantê-la sempre sobre a Cruz. Faz-lhe compreender de modo impressionante que Ele, o Amor, não é amado; que ela própria ainda não Lhe dá todo o amor que poderia dar-Lhe. Diz-lhe também que Ele, que é a Verdade, não é conhecido e que ela mesma não O contempla suficientemente. Então a alma sente que o seu coração se desfaz de dor, e nisso há um gozo secreto e inefável. É a alegria da caridade terrestre, imperfeita sem dúvida quando comparada com a alegria do Céu, mas muito superior a todas as felicidades da terra. Sim, o sofrimento bem aceite une a Deus. Dir-se-ia que é uma mão de ferro da qual sentimos primeiro toda a dureza, mas que aperta a alma cada vez mais docemente contra o Coração de Deus. A amargura diminui sem cessar, a alegria aumenta constantemente e a união torna-se mais íntima a cada dor melhor aceite; se nem sempre é mais sentida, é pelo menos sempre mais perfeita e mais profunda. É que, para sofrer bem, é preciso amar muito, e que, nessas condições, e de resto em igualdade de circunstâncias, quanto mais e melhor

se sofre, mais e melhor se ama. Eis porque o sofrimento é um sinal tão precioso do afeto de Deus.

FECUNDIDADE DA CRUZ

A tua Esposa, meu Deus, domina o mundo do alto do seu amor. Mas o seu domínio nada tem de duro nem de tirânico. É todo bondade e benevolência. Esta alma foi graciosamente colocada acima das demais. Ela sabe-o e vê-o tão claramente como a luz do dia. Nunca o esquece. Se contempla as coisas do alto e de longe, é para poder iluminar os que estão na noite e dirigir para Ti aqueles que poderiam perder-se. Se vive nos cumes e perto do Céu, é também para fazer subir até eles os que estão atolados na terra ou os que ameaçam ser engolidos pelo mar. Tu o quiseste assim, divino Salvador Jesus; elevado na Cruz, atraís tudo para Ti. Toda a alma unida a Ti pelo amor eleva o mundo.

De onde vem este poder sobre as almas e sobre o mundo? Sem dúvida do amor, mas desse amor que se alimenta de sacrifícios. É preciso dizê-lo: a vocação para a vida interior profunda é uma vocação para o martírio. Com efeito, a alma chamada por Deus não só deve passar pelas duras refundições da sua sensibilidade e pelas impotências, ainda mais dolorosas, das suas faculdades superiores obrigadas, por assim dizer contra vontade, a renunciar ao seu modo normal e natural de agir, mas são-lhe pedidas novas imolações, não tanto por ela mesma como pelos outros. Sofre por não poder amar o seu Deus como Ele merece ser amado. Sofre ao vê-Lo tão pouco conhecido e tão pouco amado. Mais ainda: sente pesar sobre si, com todo o seu peso, o mundo e os seus pecados. O mistério da agonia e da Cruz renova-se para ela, e participa nele na medida do seu amor. A sua vida, como a de Jesus, é «cruz e martírio». Mas é preciso acrescentar: é um martírio amado. Que melhor prova de afeto pode dar a Jesus e aos seus irmãos do que esta? Onde encontrar uma prova de amor mais autêntica? E o fruto da caridade é a alegria, uma alegria inteiramente espiritual, saboreada no mais íntimo da alma e compatível com a verdadeira dor, que chega a tornar-se a sua fonte. Quanto não sofreria Jesus na Cruz! E, no entanto (sem falar da visão beatífica), qual não seria a sua alegria ao glorificar o Pai e salvar os seus irmãos pelos próprios sofrimentos! Mistério profundo, é certo, mas como

ilumina o das almas esposas e vítimas, e como faz entrever o da sua doce Mãe, Nossa Senhora das Dores!

Eis porque uma alma assim atrai o Rei dos reis e O cativa. Ele sente-Se tão feliz ao encontrar-Se nela e ao poder fazer que os homens beneficiem, por meio dela, dos frutos da sua imolação! Para Ele é como a renovação das alegrias do Calvário, já que os seus sofrimentos não podem ser renovados. E, visto que esta alma compreende tão bem os seus desejos e realiza tão bem as suas vontades, porque não haveria Ele, por sua vez, de satisfazer todos os desejos da sua Esposa? E é isso que acontece. Deus coloca à sua disposição todos os seus tesouros. A alma pode tirar deles o que quiser e distribuí-los à sua vontade. Por causa da profunda harmonia que existe entre ambos, nunca há que recluir conflito neste uso. Se fosse necessário, Jesus saberia fazer compreender, interiormente, que tal emprego não corresponde aos seus desígnios, e a alma renunciaria imediatamente a ele sem mais pensar nisso. A alma é verdadeiramente rainha. Tem todas as coisas sob o seu domínio; governa-as; tem a impressão de participar na tua monarquia universal, ó Jesus!, e de dirigir tudo Contigo e por Ti para o único fim de tudo: a glória da adorável Trindade. Doravante, nada a sobressalta, nada a perturba no seu íntimo. Não somente sabe e acredita, mas vê, de certo modo, como todas as coisas se movem para a tua glória, meu Deus, e para o bem dos que Te amam: «Deus faz concorrer todas as coisas para o bem dos que O amam» (Rom. 8, 28), até os seus pecados, acrescenta Santo Agostinho.

O filósofo sonhava encontrar pelo pensamento a ordem do mundo para a contemplar; mas a alma unida a Ti, meu Deus, contempla-a sem esforço e de muito mais alto.

A AÇÃO DA ALMA UNIDA A DEUS

Toda a alma que Te ama, meu Deus, é uma alma forte, e a sua força aumenta com o seu amor. Quando Te ama de todo o coração e quando o seu coração é grande, a sua força torna-se uma verdadeira potência. Como acontece isso, meu Deus? É que o amor une a Ti. Quanto mais profundo é, mais perfeita é a união Contigo. Mas Tu és o Deus forte. Tudo está submetido ao teu poder, o Céu e a terra, os anjos e os homens. Nada

acontece no mundo sem a tua expressa permissão; não pode desaparecer uma nação nem morrer um pintassilgo sem que Tu o tenhas permitido. Ora a alma que está intimamente unida a Ti pelo amor participa do teu poder e da tua força. Torna-se, para as demais, uma fonte de vigor e de energia. Ordena, e obedecemos; exorta, e progredimos; caminha corajosamente para Ti, e seguimos atrás dela; lança-se para as alturas, e faz com que os outros subam com ela até lá. O que acrescenta muito ao encanto desta alma é a graça com que se desenvolve a sua vida e se desdobra a sua força. Tu, meu Deus, fazes tudo com suavidade e firmeza, *suaviter et fortiter*. A alma que Te está intimamente unida participa tanto desta suavidade como desta força. Tudo na sua ação é medido, ponderado, equilibrado, harmonioso. Fala quando convém falar; cala-se quando é melhor calar-se. Avança quando é preciso; retira-se de muito boa vontade e sem sequer fazer notar que desaparece. E assim em tudo. É isso que dá tanto encanto à sua ação. Há nela algo de acabado, bem delineado, completo, perfeito, que deslumbra. Nada encontramos nela que esteja a mais. Nada lhe falta. É um fruto belo e bom, de aspeto agradável e sabor delicioso. Há aí algo de divino. «Fez bem todas as coisas.»

PODER DESSA ALMA NAS OBRAS E ATÉ NO SILÊNCIO

O amor que a consome interiormente manifesta-se exteriormente pela riqueza, abundância e perfeição das suas obras. A alma interior é serena, pacífica, mas não é inativa.

Onde quer que esteja, o amor atua. Quanto mais forte é, mais poderosa é a sua ação. Deseja ardentemente o bem de Deus. Trabalha sem cessar para o realizar. Mesmo privada dos meios ordinários da ação, que são a palavra e as obras, continua a agir e talvez mais eficazmente do que nunca. Restam-lhe a oração, o sofrimento, a própria impotência. Tudo lhe serve. Faz flechas de qualquer madeira. Atinge o seu alvo. Ilumina os que não O conhecem. Consola os que não pensam n'Ele. No silêncio, sem ruído algum, ignorada de todos, comunica a vida, a verdadeira vida, aquela que não acaba. Porque admirar-nos desta ação oculta e do seu poder? O amor uniu a alma interior a Deus. Deus deu-lhe tudo por contrato. Deus-Se a Si mesmo. Tornou-Se seu prisioneiro, seu cativo. Mas, ao dar e ao dar-Se, nada perdeu da sua força nem da sua riqueza; continua a ser o Deus bom,

constantemente ocupado em fazer bem às suas criaturas. E, do mesmo modo que entre Ele e a alma, sua Esposa, são idênticos os gostos e os sentimentos, assim também o são o poder e o desejo de fazer o bem. Sem dúvida Deus poderia agir diretamente e por Si só nas almas; mas agrada-Lhe ser não apenas artesão, mas também operário. O que é mais belo e mais doce para a alma que participa conscientemente na tua ação santificadora. Como é bom, meu Deus, dar-Te como que a mãos cheias! Nada é tão doce para a alma interior como sentir que, de certo modo, tem domínio sobre Ti. Pertence-Te inteiramente, é verdade; mas também Tu lhe pertences por completo. Entre Ti e ela dir-se-ia existir a mais perfeita igualdade, e até a mais real identidade, não na ordem do ser, mas na ordem do amor. A alma sente-se potência divina, amabilidade divina.

Unida a Ti no mais profundo de si mesma, sendo uma só Contigo num sentido muito real, procura comunicar a outros a sua riqueza e a sua felicidade. Mas tudo é regulado pela tua sábia Providência, meu Deus. Não compete à tua Esposa escolher os teus amigos. Todo o seu ofício consiste em procurá-los, reconhecê-los e depois dar-lhes, Contigo e por Ti, o tesouro do teu amor.

AÇÃO SOBRE AS ALMAS

O bem difunde-se espontaneamente. A alma interior, rica em Deus, dá-o a quem lho pede sinceramente, a uns mais, a outros menos, segundo a vontade de Deus e as disposições particulares de cada um. Um recebe trinta, outro sessenta, outro cem. Mas todos sofrem a sua benéfica influência. Dá a todos e dá-se toda a todos. É certo que do seu afeto inteligente, abnegado, desinteressado e sobrenatural se pode dizer o que foi dito do amor de uma mãe pelos seus filhos: «Cada um tem a sua parte, e todos o têm por inteiro.»

Assim como não há bem «que possa entrar em comparação com Deus», que é o Bem absoluto, também não há esmola comparável àquela que a alma interior distribui a todos os que a ela vêm com o coração ávido desse Bem dos bens. A alma interior exerce, com efeito, uma verdadeira atração sobre as outras almas, principalmente sobre aquelas em cujo interior atua a graça. Estas compreendem, como por instinto, que existe uma misteriosa harmonia entre elas e essa alma privilegiada. Vêm, pois, para junto dela

cheias de confiança. Sentem-se seguras à sombra dessa alma. Estão persuadidas de que, se puderem confiar-lhe as suas penas, os seus temores, os seus desejos e as suas esperanças, não só serão compreendidas, o que já é muito, mas serão iluminadas, consoladas, fortalecidas, reanimadas. Enfim, encontrarão de uma só vez tudo o que lhes falta. E isso é verdade. Eis porque é tão preciosa uma alma totalmente interior. Eis porque, ainda vivendo quase sempre escondida, exerce uma influência tão profunda.

Embora pense pouco no seu interesse pessoal e se esqueça de si mesma de boa vontade — talvez até por causa disso —, a alma interior vê que tudo lhe corre bem. Tudo o que faz lhe sai bem. É que, no fundo, a sua vontade, perfeitamente unida à vontade de Deus, torna-se tão eficaz como esta. O que a alma empreende, empreende-o apenas para Deus e segundo Deus. O que faz, é Deus, mais do que ela, quem o faz nela e por ela. Porque nos admirarmos, então, dos seus êxitos? Até aquilo que parecem ser os seus fracassos acaba, afinal, por redundar de algum modo em seu proveito. Acontece-lhe como a Jesus. É precisamente na hora em que tudo parece definitivamente perdido que, pelo contrário, tudo está definitivamente ganho. Da morte nasce a vida; da humilhação, a glória. A última palavra pertence sempre aos amigos de Deus.

MATERNIDADE ESPIRITUAL

Deus dá à alma interior, sua Esposa, uma verdadeira fecundidade espiritual. Há no mundo algumas almas que Lhe estão unidas pelo próprio Deus e que ela deve alimentar como uma mãe alimenta os seus filhos. Não é necessário que conheça essas almas para que, diante de Deus, as tenha a seu cargo. Contudo, por vezes, quando Ele o julgar oportuno, Deus fará com que o filho e a mãe se encontrem. Esse encontro será para ambos uma alegria profunda, totalmente espiritual e do coração. A alma interior não pode comunicar a vida divina senão do mesmo modo como o Pai a comunica ao Filho, e o Filho ao Espírito Santo. A carne não entra aqui em nada, e nada há para ela. O que nasceu do Espírito é espírito e deve continuar a sê-lo.

Nas origens das famílias religiosas há sempre uma alma que vive nos cumes, perto de Deus. Habitualmente, as dificuldades caem sobre ela em

tão grande número como as gotas de uma chuva tempestuosa ou os flocos de uma tempestade de neve. Mas o amor que guarda no coração é mais forte do que tudo. E assim, aquilo que devia abatê-la, levanta-a. Aquilo que devia extinguir a sua chama, reaviva-a. O obstáculo transforma-se em meio. A ruína é o começo da prosperidade. Então recupera todo o seu impulso e segue em linha reta o seu caminho, atraindo e arrastando tudo atrás de si.

LUTA CONTRA OS MAUS

No mundo espiritual, a alma interior é uma força. Ama Deus. E nada é tão forte como o Amor divino. A alma interior impõe-no tanto a quem a conhece como a quem não a conhece. É uma fonte de energia; os fracos vêm beber nela. Os fortes encontram nela com que se fortalecer ainda mais. Mas os maus temem-na instintivamente. Os demónios fazem-lhe guerra e, por vezes, uma guerra cruel. Mas é ela quem triunfa. Pois não só consegue repelí-los, mas até derrotá-los pela simples ação do seu coração unido a Deus. Pode mesmo expulsá-los daqueles que possuem ou atormentam.

A alma tem na sua mão, à sua disposição, todos os meios de que os Santos se serviram ao longo dos séculos para vencer o mundo, derrotar o demónio e vencer-se a si mesmos. E, ainda que nunca tenha ouvido falar desses meios, emprega-os. O Espírito Santo, que a move em todas as coisas, fá-los descobrir. Fica depois muito feliz quando sabe que tal Santo ou tal alma piedosa utilizou antes dela esse mesmo procedimento para alcançar ou fazer alcançar a mesma vitória. Há uma maravilhosa harmonia entre as obras de Deus, ainda que estejam separadas por séculos inteiros. Em todas as épocas, mesmo nas mais sombrias, Deus teve os seus amigos fiéis, os seus defensores intrépidos, os seus capitães audazes, para conduzirem corajosamente o bom combate, cada um à sua maneira, e para darem coragem e confiança às almas de boa vontade.

O AMOR DIVINO IGNORA OS CIÚMES

A alma interior não gostaria de guardar esta felicidade apenas para si. Arde no desejo de a difundir. Parece-lhe que amaria mais o seu Deus, o «seu amigo», se O amasse em união com outras almas às quais tivesse podido comunicar algumas centelhas do fogo que a devora. O Amor divino

ignora os ciúmes humanos. Ao dar-se, não se extingue; reaviva-se. Sem dúvida, a alma interior deseja que ninguém no mundo ame o seu Deus mais do que ela; mas, se isso acontece, alegra-se com tal facto. Quanto mais amado é o seu Deus, mais feliz ela é. A descoberta de almas mais adiantadas do que ela na intimidade divina não faz senão estimular o seu ardor. Reza por essas almas para que amem ainda mais. Participa humildemente no seu amor. A sua alegria consiste em oferecer ao seu «Amado» o afeto dessas almas privilegiadas. Ama-O com todo o seu coração.

Fica comigo, Jesus, não me abandones; fica sempre, sempre. Que eu Te sinta lá no fundo do meu coração, presente e oculto ao mesmo tempo. Faz da minha alma o lugar das tuas delícias e do teu repouso. Eu não Te perturbarei, meu Amado. Colocar-me-ei aos teus pés, contemplar-Te-ei, amar-Te-ei sem ruído; dar-Te-ei tudo o pouco que tenho. Reinarás sobretudo em mim, e o teu reino não terá fim.

Obrigado, meu Deus, por tanta bondade. Nada tenho para dizer, apenas tenho de amar. Sim, amo-Te. Sim, gostaria de repetir-Te noite e dia esta frase como a única que Te agrada e que é digna de Ti: sou teu, meu Jesus, meu Deus; gostaria também de ser Tu mesmo, meu Salvador; quero tudo o que Tu queres, isto é, quero-Te para mim, todo para mim, cada vez mais para mim e para sempre.

Fica comigo, meu Jesus. Consume-me. Une-me a Ti. Diviniza-me.